

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS- CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

A América e a República n' *O Guesa* de Sousa Andrade

LUCAS MORAIS SANTOS

SÃO LUÍS – MA

2022

LUCAS MORAIS SANTOS

A América e a República n' *O Guesa* de Sousa Andrade

Monografia apresentada ao Curso de
História da Universidade Estadual do
Maranhão como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Licenciatura
Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cheche
Galves

SÃO LUÍS – MA

2022

Santos, Lucas Moraes.

A América e a República n' *O Guesa* de Sousaândrade / Lucas . – São Luís, 2022.

97 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves

1. O Guesa. 2. Sousaândrade. 3. América. 4. República. I. Título.

CDU 821.134.3(812.1)

LUCAS MORAIS SANTOS

A América e a República n' *O Guesa* de Sousaândrade

Monografia apresentada ao Curso de
História da Universidade Estadual
do Maranhão como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História.


Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cheche
Galves

Aprovada em: 20/07/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves
(Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Dra. Carine Dalmás
1º Examinador
Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho
2º Examinador
Universidade Estadual do Maranhão

*À minha mãe e ao meu querido pai,
pelo incentivo. minhas inspirações da
vida.*

AGRADECIMENTOS

Neste momento de agradecimento, falta-me as palavras, enfim, foi um longo e árduo processo, onde fiz grandes amizades, adquirir muitos conhecimentos e muitas referências que levarei comigo na minha vida profissional. Então, Primeiramente quero agradecer a Deus, por mais este ciclo em minha vida, pela realização deste trabalho.

À minha família, que me acompanharam neste processo, apoiando-me e incentivando-me incondicionalmente, não apenas na graduação, como deste o início da minha vida estudantil. Especialmente à minha mãe ao meu pai, meus exemplos da vida, que mesmo com as dificuldades não hesitaram em momento algum proferirem palavras encorajadoras e motivadoras nesta dura jornada e que sempre acreditaram no meu esforço.

À meus tios, Gecílio e Francisca, meus segundo pais, que me acolheram em certos momentos da minha trajetória estudantil, serei sempre grato por isso.

Aos meus primos, Jeferson e Glaudemir graduados pela UEMA, que me apoiaram desde a realização do processo seletivo da UEMA em 2016.

À todos os professores doutores do Curso de História da UEMA, professora Tatiana Raquel, Viviane Barbosa, Marcia Milena, Helidacy Corrêa, Adriana Zierer, Ana Livia, professor Yuri Costa, Isaac Giribet, ao professor Henrique Borralho pelos ensinamentos e diálogos, e especialmente ao meu orientador, professor Marcelo Cheche Galves, pelos ensinamentos, não tenho palavras pra agradecer ao Marcelo pelas contribuições, é figura admirável, agradeço pelas orientações, pelas nossas reuniões sempre produtivas, pelas sugestões e conselhos.

Aos meus amigos de longa jornada, Gabriel e Guilherme Mattos e Dayane Rodrigues.

Aos amigos que construir ao longo desta minha trajetória acadêmica, Dandara Freire, Gabriel Reis, Brenda Motta, Joicenea Silva e tanto outros. meu carinho e admiração por todos.

Minha gratidão a todos que contribuíram de alguma forma neste processo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns trechos que compõe *O Guesa*, principal obra do maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade, como ficou popularmente conhecido. Tomando tal obra como base, focaliza dois elementos principais: o americanismo e o republicanismo, ou seja, com base em alguns trechos que constituem os treze cantos do poema, o propósito é analisar de que forma essas duas concepções se apresentam ao longo da narrativa. Tendo em vista que *O Guesa*, escrito entre as décadas de 50 e 70 do século XIX, foi fruto de convivências do poeta por cerca de 30 anos em diferentes lugares e que durante esse período experimentou diferentes culturas, grande parte dessas andanças ocorreu nos Estados Unidos, ali, como um observador passou a impregnar suas impressões sobre aquela sociedade republicana. Nesse ponto, o trabalho dialoga ainda com as contribuições do poeta naquela nação, precisamente como colaborador no impresso *O Novo Mundo*, redigido em Língua Portuguesa naquela jovem república, e cuja propriedade era do carioca José Carlos Rodrigues.

Palavras-chave: O Guesa; Sousândrade; América; República.

ABSTRACT

This work aims to analyze some excerpts that make up *O Guesa*, the main work of Joaquim de Sousa Andrade, or Sousândrade, as he became popularly known. Taking this work as a basis, it focuses on two main elements: Americanism and republicanism, that is, based on some excerpts that constitute the thirteen cantos of the poem, the purpose is to analyze how these two conceptions are presented throughout the narrative. Considering that *O Guesa*, written between the 50s and 70s of the 19th century, was the result of the poet's coexistence for about 30 years in different places and that during this period he experienced different cultures, most of these wanderings took place in the United States. , there, as an observer, he began to impregnate his impressions of that republican society. At this point, the work also dialogues with the contributions of the poet in that nation, precisely as a contributor to the printed *O Novo Mundo*, written in Portuguese in that young republic, and whose property was owned by the carioca José Carlos Rodrigues.

Keywords: *O Guesa*; Sousandrade; America; Republic.

SUMÁRIO

Lista de Imagens	10
Introdução	11
Capítulo 1. Sousândrade: a vida de um poeta-viajante	17
1.1 Entre o Maranhão, a corte e a Europa.....	17
1.2 Sousândrade na América	25
Capítulo 2. Sousândrade n' <i>O Novo Mundo</i>: da repulsa monárquica à república do guesa.....	40
2.1 <i>O Novo Mundo</i> de José Carlos Rodrigues	40
2.2 Sousândrade e <i>O Novo Mundo</i>	51
2.2.1 Sousândrade: da repulsa monárquica à defesa republicana	52
Capítulo 3. O americanismo d' <i>O Guesa</i>.....	60
3.1 um poema pan-americano: a América n' <i>O Guesa</i>	60
3.2 A utopia incaica a serviço do projeto de nação n' <i>O Guesa</i>	75
Considerações finais	83
Referências	87

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Carta de Sousândrade à Longfellow.....	34
Imagem 2: Passengers Sailed for Central and South America.....	35
Imagem 3: Assinatura de Sousândrade.....	36
Imagem 4: Capa do primeiro número d' <i>O Novo Mundo</i>	45

Introdução

Considerar que a Literatura ocupa lugar entre as fontes de produção historiográfica não é nenhuma novidade. Entre muitos outros estudos, trabalhos como os de Sidney Chalhoub (*Machado de Assis, historiador*, de 2003; e *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, de 1998) atestam a validade da literatura como fonte histórica. Nesse sentido, Antônio Celso Ferreira (2009, p. 61) ressalta a “[...] riqueza de significados para o universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo” que a literatura oferece como fonte de trabalho ao historiador, haja vista que a História é o estudo das ações do ser humano no tempo, e é, por isso, uma ciência das sociedades humanas, como apontou Marc Bloch (2001) em seu texto sobre o ofício do historiador produzido na década de 1940.

Foi longo o processo que levou as produções literárias a se inserirem entre as fontes do *métier* do historiador, em panorama geral: nos fins do século XIX, na tentativa por parte das ciências humanas de se aproximar da rigidez científica levada a cabo pelas Ciências Naturais, a História trabalhava com os ditos documentos oficiais que se constituíam como autênticas fontes históricas; tratava-se de estudos históricos pautados na lógica de “causa e consequência” dos fatos, sem nenhuma reflexão e questionamentos a tais fontes, em que perpassava uma ideia de verdade sobre estes fatos. Essa característica está presente, por exemplo, na escola metódica francesa.

Partindo dessa lógica, as obras literárias não poderiam assumir o papel de fonte de pesquisa para a produção historiográfica, tampouco poderiam assumir o papel de uma verdade histórica presente até então nos documentos oficiais, uma vez que estas obras eram vistas como utopias e fantasias, que se distanciavam da realidade humana. Com o advento da “*Nouvelle histoire*” no século XX na França, mais propriamente no grupo que ficou conhecido como terceira geração dos Annales, a História ganharia novas roupagens, o historiador passaria a trabalhar com criticidade em relação ao uso das fontes, e isso culminaria em uma nova abordagem do *fazer historiográfico*, que se oporia àquela ideia da produção de uma História dos fatos, seus efeitos e consequências. A renovação que ocorre no campo da História promovida pelos Annales abriria caminhos para a ideia da interdisciplinaridade, isto é, da aproximação da História com outras áreas do conhecimento, como dos os da Geografia, a Antropologia, entre outras¹.

¹ A nossa escolha pela terceira geração (ou fase) dos Annales se deve a uma certa tradição historiográfica, pois foi esse momento (originário dos anos de 1968) que abriu espaço para a Literatura ocupar lugar entre as fontes de produção histórica, e isso advém de um longo processo que só foi possível pelas mudanças que

Essa nova abordagem colocada em pauta abriria horizontes para os estudos históricos não restritos a processos econômicos e sociais, como as mentalidades e a Literatura como fontes de pesquisa. Assim, o historiador ao trabalhar com um determinado objeto teria diversas formas de estudá-lo e analisá-lo; as novas fontes ampliariam o campo de investigação histórica.

Vários historiadores brasileiros já validaram a relevância que a Literatura teve ao longo da história do país.

Ricardo Salles (2013), por exemplo, em *Nostalgia Imperial: Escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do segundo reinado*, apontou a importância e o papel que a literatura ocupou no período do segundo reinado brasileiro (1840-1889) como elemento importante da produção de uma cultura nacional em face da concepção da construção de um projeto político identitário de um Brasil como uma nação independente (SALLES, 2013 p. 74).

A historiadora Miriam Dolhnikoff (2017), em *História do Brasil Império*, também pontuou a importância que a literatura teve no oitocentos, como uma das principais formas de expressão artística, e salientou ainda, os esforços e o espaço que foi dado para as produções literárias na conformação da proposta levado a cabo pela monarquia brasileira para a construção de identidade da nova nação, como salientou Salles (2013).

Dolhnikoff (2017) observa ainda que na década de 1870 foram perceptíveis algumas mudanças no campo cultural brasileiro. Neste período, as novas produções artísticas passavam a se preocupar com temáticas que dialogassem com a realidade nacional: “[...] questões sociais, políticas, em um momento em que o regime monárquico

a história passou ao longo dos anos com o advento dos Annales na França, dirigido por Lucien Febvre e Marc Bloch (1929) que possibilitou a história passar por inúmeras mudanças significativas no seu campo de estudo, de escrita, e de operação historiográfica (CERTEAU, 1982), como pontua Peter Burke (1992). A década de 1960/70 (REIS, 2000) é um ponto relevante sobre essas mudanças, marcada por uma nova geração de historiadores, a história ampliará suas fontes de estudos, é neste momento que ocorre a publicação da obra *Nova História: problemas, objetos e abordagens* de Jacques Le Goff e Pierre Nora, que propuseram “a dilatação do território temático do historiador – que passou a abranger objetos tais como o inconsciente, o cotidiano, a língua, a literatura, o mito, a infância, a juventude, a festa, os meios de comunicação, entre outros- os novos historiadores também estimularam a pesquisa de novos documentos – escritos, sonoros, visuais.” (FERREIRA, 2009, p. 64). É neste âmbito da chamada terceira geração dos Annales, sob uma gama de novos pesquisadores com novas propostas de produção historiográfica, que a História ganhará uma nova roupagem, graças à interdisciplinaridade, as mudanças que ocorreram, as mudanças de paradigmas, relações com o campo social, e o aparecimento de uma nova História Cultural que abrangerá um universo de objetos, inserindo novos sujeitos, até então excluídos dos estudos históricos. Dessa forma, o historiador passará a ter uma gama de fontes para explorar, e a Literatura aparecerá dentro destas novas propostas de escrita e produção histórica. É válido lembrar ainda que a “História ao renovar-se não está negando tudo que já foi feito, mas sim lançando um novo olhar sobre o passado, mudando os objetos, criando um problema para eles, fugindo da história narrada”. (SOUZA; SOUZA, 2017, p. 509).

passava a ser contestado de forma cada vez mais aberta e veemente pelo movimento republicano que se organizava” (DOLHNIKOFF, 2017, p. 81). Esse contexto foi caracterizado ainda pelas discussões sobre o futuro da escravidão², que era a mola a sustentar a economia nacional, e que passava a ser questionada em face da grande pressão internacional pelo fim de tais práticas, tomando como referência as iniciativas realizadas em outros lugares do mundo que pressionavam pelo fim da escravidão, a exemplo dos Estados Unidos com o fim da Secessão (1861-1865). Em face disso, o Brasil começará, mesmo que de forma tímida, a trilhar nos eixos da libertação dos cativos, tomando medidas, como a Lei do Ventre Livre sancionada em 1871.

É nesse contexto de mudanças que surgem literatos preocupados em pensar a realidade nacional, nomes como Machado de Assis e Aluísio de Azevedo passaram a inovar no campo da literatura, buscando inserir suas obras no âmbito da realidade nacional: “Machado de Assis falava do Brasil em que vivia. Falava de questões do seu tempo que diziam respeito às angústias dos homens, [...] Aluísio de Azevedo, se dedicava no seu livro (*O mulato*) a esquadrihar a realidade do tempo e do lugar, no caso a cidade de São Luís, no Maranhão, onde nasceu” (DOLHNIKOFF, 2017, p. 81-82). Nessa seara, não se pode esquecer do maranhense Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), o Sousândrade, por mais que tenha sido praticamente apagado da memória nacional, seja como escritor ou como uma figura política em seu estado natal.

Enfim, Sousândrade foi um desses sujeitos que se preocupou em representar em seus escritos a realidade de sua nação e o que pensava sobre tais realidades. N’*O Guesa*, sua principal obra, há inúmeras passagens em que o poeta demonstra suas visões sobre determinados assuntos, seja pela abolição da escravidão, ou pela inserção dos indígenas como sujeitos de uma nação, como trataram alguns estudiosos sousandradinos.

A relevância dos escritos de Sousândrade no âmbito da Literatura Nacional, “aliados\relacionados ao fundamento interpretativo do mundo por meio de uma aguçada visão dos processos políticos, sociais e econômicos” (RÊGO, 2007, p.11-12) foram evidenciadas nos estudos literários em grande parte, principalmente pelos irmãos Campos - Augusto e Haroldo de Campos (1982), que iniciaram um processo de resgate da obra do poeta nos anos sessenta do século passado. Além dos Campos, no nosso mapeamento

² Aqui entra a importância que a imprensa teve nesse período, com a difusão de ideias e opiniões públicas: “a imprensa brasileira no século XIX teve seu conteúdo e formato vinculado às concepções políticas do liberalismo, no sentido de construir uma nova ordem que se distinguiu em muitos aspectos do Antigo Regime” (DOLHNIKOFF, 2017, p. 83).

identificamos outros pesquisadores que se destacaram por estudar o poeta maranhense e seus escritos: Luiz Costa Lima (1964), Clovis Pereira (1994) Frederick Williams (1976), Luiza Lobo (1986), Angel Núñez (1982), e outros trabalhos de uma escrita mais recente como as de Moreira Duarte (2002), Danglei Pereira (2003), Cláudio Cuccagna (2004), Josoaldo Rêgo (2007), Ana Carolina Cernicchiaro (2008), Ana Sousa (2008), Carlos-Torres Marchal (2008-2014), Alessandra Carneiro (2014), Ramon Castellano Ferreira (2015), López Nuñez (2017) e Ana Karla Canarinos (2017).

Segundo Josoaldo Rêgo (2007), a presença do poeta maranhense no campo literário brasileiro foi percebida em meados do século XIX, na então gênese da historiografia literária nacional, explorada por Alfredo Bosi (1987).

Sílvio Romero (1888), por exemplo, foi um dos críticos que não deixou de perceber e mencionar o escritor maranhense em suas abordagens. Em seus registros, Romero caracteriza o poeta maranhense: “[...] de nossos poetas é, creio, o único a ocupar-se de assunto americano estranho ao Brasil, um assunto colhido nas repúblicas espanholas” (ROMERO, 1903, p. 405 apud FIORUSSI, 2014, p. 508), e isso explica, talvez, o fato de o poeta não ter recebido a devida receptividade de seus escritos. De qualquer forma, o próprio poeta já havia ironizado\profetizado sobre tal aspecto, quando escrevia *O Guesa*: “[...] ouvi dizer já por duas vezes, que o guesa errante será lido cinquenta anos depois; entristeci, decepção de quem escreve cinquenta anos antes” (SOUSANDRADE, 1876, p. 197 apud WILLIAMS, 1976, p. 3).

Contudo, como elucidou André Fiorussi (2014, p. 507) em um artigo no XXVI *Convegno Internazionale di Americanistica*, publicado pela *Rivista italiana di studi americanistici*: “Ainda hoje, bem mais de cinquenta anos depois, o poema segue aguardando leituras. É um texto difícil, com muitas passagens obscuras ainda carentes de qualquer interpretação, e mesmo a sua porção mais legível tem sido pouco trabalhada”.

Sabe-se que *O Guesa* foi fruto de convivências do poeta por cerca de 30 anos em diferentes lugares. Durante esse período, o poeta experimentou diferentes culturas. Grande parte dessas andanças ocorreu nos Estados Unidos, ali, como um observador passou a impregnar suas impressões sobre aquela sociedade republicana.

Valendo-se de certa narrativa indígena, Sousândrade tornara-se um novo peregrino, e essas andanças ao longo de sua vida dialogam com o próprio título de sua obra.

O escritor maranhense valeu-se dos escritos do geógrafo e naturalista alemão Alexander Von Humbolt (1769-1859), que em *Vues Des Cordillères Et Monumens Des*

Peuples Indigènes de l'Amérique (1813) relata passagens sobre a cultura indígena muísca-colombiana³. Segundo estes escritos, Guesa era criança que seria vítima de um ritual de sacrifício ao deus Sol. A vítima era retirada à força dos pais bem nova e passava a receber todos os cuidados em um templo, até que alcançasse os quinze anos de idade. Após atingir essa idade, a criança seria conduzida em procissão pelos xeques (sacerdotes) por uma longa via, chamada de suna, que era um percurso até o local onde seria realizado o sacrifício. Ao chegar nesse local, o Guesa era amarrado em uma coluna e morta a flechadas, seu coração era arrancado e seu sangue recolhido em vasos sagrados oferecido ao deus Sol. Na abertura de sua narrativa, o autor evidencia: “[...] o poema foi livremente esboçado todo segundo a natureza singela e forte da lenda, e segundo a natureza própria do autor” (*O Guesa errante*, 1876, p. 3).

Assim, Sousândrade encarnara o novo Guesa. Suas andanças por diferentes lugares passarão a representar o seu longo suna, que ele estenderá no tempo e no espaço, como trataremos. Desta forma, compreendendo que fontes históricas, “[...] são todo aquele material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou discurso intelectual, que procede da criatividade humana, através da qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 491) e ressaltando a riqueza e a importância das fontes literárias para o campo dos estudos históricos, tais fontes se apresentam aqui como elementos de compreensão de contextos culturais, sociais, políticos... Pois, entendemos que essa mesma produção literária está ligada, conectada a um lugar de fala, a um espaço, tempo, um contexto que é o elemento relevante para o trabalho do pesquisador.

E é nesta perspectiva que tomaremos como fonte de estudo a obra *O Guesa*, de Sousândrade, escrito entre as décadas de 50 e 80 do século XIX. Então é válido lembrar que, ao trabalharmos com essa obra, não recai sobre nós, pesquisadores de História, o julgamento estético de tal produção, a cargo das Letras e dos estudos da Crítica Literária.

Ao usarmos a obra como instrumento de estudo, queremos entender algumas ideias ali representadas. Por mais que seja uma obra de múltiplas abordagens, focaremos em analisar alguns aspectos, como: que América Sousândrade constrói em sua obra? que República idealiza – a estadunidense? Durante sua estadia por lá, que durou cerca de quatorze anos (1871-1885), ele se identifica com os ideais republicanos, mas repudia determinadas práticas daquela sociedade capitalista, o que remete a outras indagações: a

³ Optei, aqui e ao longo do texto, pela utilização desses compostos, como forma de reforçar a historicidade das muitas identidades que deram origem aos estados nacionais na América do oitocentos.

partir de que momento ele louva esses ideais republicanos? em qual momento na obra ele se identifica com tais ideais e passa a defendê-los e, ao mesmo tempo, repudiar a monarquia brasileira, representada na figura do imperador D. Pedro II? Por fim, qual o motivo dessa repulsa, e em que momento ela aparece na sua obra?

Com o intuito de avançar sobre tais indagações, estruturei os capítulos da seguinte forma: de início, discutirei alguns apontamentos referentes à vida do poeta e suas andanças por diferentes lugares, do Maranhão à corte imperial, Europa e outras paragens da América - nossas explanações dialogarão com alguns elementos biográficos resgatados por um escasso grupo de estudiosos que se debruçaram sobre a vida e obra de Sousândrade, como Frederick Williams (1976), Luiza Lobo (1986) e Torres-Marchal (2008-2014), que nos acompanharão ao longo desse trabalho; na sequência, explorarei aspectos da presença de Sousândrade em Nova Iorque, haja vista que durante suas andanças o poeta fixa-se por um bom período na cidade, nesse ponto abordarei suas colaborações com o impresso *O Novo Mundo*, de José Carlos Rodrigues, com ênfase em duas zonas do espaço de ideias que o poeta construiu: a repulsa pela monarquia brasileira e a aproximação por um ideal de república; por fim, no terceiro capítulo, apontarei alguns aspectos gerais da obra, e a partir do Canto X, dialogarei com o americanismo da obra, a partir de elementos da história americana resgatados pelo poeta, e que transparecem um ideal de república.

Capítulo 1. Sousândrade: A vida de um poeta-viajante

Frederick Willians, um dos principais biógrafos de Sousândrade, observou que “a biografia do poeta é chave para compreensão de sua obra” (WILLIAMS, 1976, p.31). Seguindo essa pista, o capítulo tem por objetivo apresentar alguns aspectos biográficos sobre o poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade (1932-1902), autor d’*O Guesa*, nosso objeto de estudo.

Entre os aspectos aqui tratados estão os percursos trilhados por este poeta, isto é, suas viagens para além de Maranhão e Brasil, haja vista que Sousândrade foi descrito por aqueles que já o estudaram como o poeta-viajante, que peregrinou o mundo e imprimiu suas concepções em seus escritos.

No primeiro momento apresentaremos a vida do poeta no seu berço de nascimento, o Maranhão, e sua posterior residência na capital São Luís, entre o final do século XIX e início do XX, onde desenvolveu uma vida pública ativa. Enfatizaremos ainda neste primeiro momento a presença do poeta no Rio de Janeiro, e por último sua estadia na Europa, onde se desloca para Paris, com intuito de estudar na Sorbonne.

No segundo momento trataremos sobre o percurso do maranhense pela América, principalmente nos Estados Unidos, onde residiu cerca de quatorze anos, entre 1871-1885.

Para atingirmos o objetivo proposto, dialogaremos com diferentes autores que já trataram sobre a biografia do poeta, entre os quais Frederick G. Williams (1976), autor da mais completa obra biográfica do poeta, e referência para muitos estudos sobre o personagem desde então. além disso, tendo em vista que Sousândrade imprimiu seus traços biográficos nas obras, precisamente no caso d’*O Guesa*, destacarei alguns versos alusivos à vida do poeta, em consonância com outras fontes como cartas, a fim de validar nossos apontamentos com relação ao estudo aqui proposto.

1.1 Entre o Maranhão, a Corte e a Europa

Joaquim de Sousa Andrade, ou Sousândrade⁴ como ficou conhecido, nasceu no dia 9 de julho de 1832 na fazenda Nossa Senhora da Vitória, Pericumã, região do município

⁴ Joaquim de Sousa Andrade, segundo Luiza Lobo (1986), somente no ano de 1871, já residindo em Nova Iorque (1871-1884), adota o nome de forma aglutinada “Sousândrade”. Segundo relatos da neta, D. Maria José Sousa Andrade Costa, cuja mãe foi uma filha ilegítima do poeta, explicou em uma entrevista a Antônio de Oliveira no *Jornal do Comércio*, que o motivo para escolha do nome foi a seguinte: “Sousândrade apaixonou-se pelo idioma de Shakespeare. O amor à literatura inglesa, principalmente ao dramaturgo de *Rei Lear*, leva-o a fundir o sobrenome numa palavra apenas- “Sousândrade” - para ficar, como o nome de

de Alcântara. Filho de José Joaquim Pereira de Sousa Andrade e Maria Bárbara Cardoso, Sousândrade ficou órfão muito cedo, perdeu a mãe, e em seguida seu pai. O pouco que se conhece sobre sua vida se deve aos resgates de obras suas e de alguns relatos recolhidos em jornais de época, afinal o poeta teve uma vida pública ativa na então São Luís, estes escritos de época que citam algumas atividades do poeta, foram reunidos a um conjunto de entrevistas pelo professor Frederick Williams, que conformou a obra *Sousândrade: Vida e Obra* (1976). Sousândrade morreu no dia 21 de abril de 1902, no Hospital Português, na capital maranhense.

Os relatos apresentados por Frederick Williams (1976), assim como por outros pesquisadores como Luiza Lobo (1986), consideram que Sousândrade pertencia a uma classe abastada, seus pais eram fazendeiros, donos de uma grande propriedade rural de algodão e arroz que continha escravos. Ao que indica estes pesquisadores, o poeta não usufruiu de toda a riqueza dos pais, uma vez que grande parte foi dilapidada por tutores e amigos quando ainda era muito jovem, inclusive ele próprio deu enfoque a isso nos versos de uma de suas obras mais estudadas, *O Guesa*.

Como citado, Sousândrade é o autor d’*O Guesa*, escrita entre 1850 e 1880, trata-se de um vasto poema épico constituído por treze cantos somando treze mil versos (LOBO, 1986, p.47), que consumiu cerca de trinta anos de trabalho do maranhense (CAMPOS, 1982, p.23).⁵

Em um dos versos d’*O Guesa*, no Canto VI, o poeta se reporta aos seus “servos da Vitória”, escravos herdados de seus pais que foram vendidos para custeio de seus estudos no exterior, como apontaremos adiante. O fato de o autor rememorar aos seus escravos de Pericumã, conforme os apontamentos de alguns estudiosos, indica que o maranhense possuía escravos⁶, já que sua família era fazendeira nas terras de Pericumã

seu poeta predileto, com onze letras” (*Jornal do Comércio*, n. 49, 28 nov. 1965, p. 5). Para Nuñez (2017), essa justificativa apontada pela neta e compartilhada pelos estudiosos Williams (1976), e Lobo (1986) não é válida, e os apontamentos das pesquisas de Torres-Marchal (2014) são mais consideráveis. Marchal sustenta que a grafia do nome aglutinado do poeta não tem nada a ver com a consideração que possuía por Shakespeare, posto que a escrita do nome do escritor inglês como conhecemos, somadas com onze letras, não existia nos Estados Unidos na década de 1870, momento que o poeta maranhense reside em Nova Iorque - afirma que se registrava naquele momento “Shakspeare”.

⁵No capítulo três, apresentaremos de forma mais aprofundada e detalhada a obra aqui citada, que não é o nosso foco neste momento.

⁶Embora na década de 1850, como recurso para financiar sua viagem à estudos na Europa, Sousândrade tenha se desfeito de seus escravos da Fazenda de Pericumã, o pesquisador peruano Torres-Marchal enfatiza que, no ano de 1880, o maranhense “era dono de cerca de cem escravos nos municípios de Codó e Cururupu, provavelmente trazidos à sociedade conjugal por sua esposa, duas décadas atrás” (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 30), e que o poeta “tentou sem sucesso, ser compensado pela manumissão destes escravos com o fundo de emancipação criado pelo governo imperial” (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 30). Marchal aponta ainda que, entre os anos de 1886 e 1887, encontramos várias notícias referentes a escravos sexagenários de

(CAMPOS, 1982; WILLIAMS, 1976; LOBO, 1986). o que nos possibilita pensar sobre o Maranhão do poeta-guesa⁷, que se caracterizava pelas atividades agrícolas, polo de cultivo de arroz e principalmente de algodão no começo do XIX, que ainda representava a maioria das exportações maranhenses (ARRUDA, 1980).

Ainda neste aspecto, com relação ao Maranhão, segundo Frederick Williams (1976), antes do fim da escravidão em 1888, eram os grandes fazendeiros que conformavam a elite maranhense. E serão os filhos dessa alta classe que transitarão pelas instituições acadêmicas na Europa, sobretudo Coimbra, como indica Meirelles (1960, p.289-90):

Era comum mandar filhos, futuros condes, viscondes, barões, moços fidalgos e comendadores, a estudar na Europa, principalmente em Coimbra, mas não raro na França e na Alemanha [...] e as filhas também na velha metrópole. Depois Olinda tornou-se o centro, com João Lisboa e Sotero dos Reis – que constituíram o “Grupo Maranhense” do Romantismo brasileiro, que entre os quais Odorico Mendes tradutor de Homero e Virgílio – Depois Gonçalves Dias.

Tal formação no exterior contribuiu para o surgimento de uma elite intelectual no Maranhão, composta por poetas, escritores, literatos, historiadores e políticos. Entre estes, grandes nomes como Gonçalves Dias⁸, Odorico Mendes, tradutor da Eneida, Odisseia, de Homero, admirados por Sousândrade, que certamente fez leitura de tais obras (WILLIAMS, 1976, p. 261, 263-4), já que viveu em uma São Luís em que a leitura de Ovídio, Virgílio e os estudos camonianos eram obrigatórios nas instituições secundaristas e grandes companhias francesas de teatro e ópera se deslocavam de Paris para a capital maranhense (MEIRELES, 1960; WILLIAMS, 1976; RÊGO, 2007).

Sousândrade, conforme Ferreira (2015, p.430), transitou com facilidade entre a elite maranhense. Herdeiro de fortuna, usou “de triunfos familiares, requintada

Sousândrade em impressos maranhenses, escravos libertos pela lei n. 3.270 de 1885, dita dos Sexagenários:” Veríssimo, preto de 66 anos – de Joaquim de Souza Andrade (*O Paiz*, 1886, p. 2 apud Torres-Marchal, 2014, p. 30); achava-se detidos no quartel de São João à requisição dos respectivos senhores os escravos...Alexandre, de Joaquim de Souza Andrade.” (*O Paiz*, 1887, p.4-5 apud Torres-Marchal, 2014, p. 30). Marchal esclarece que tais escravos remanescentes do poeta e sua esposa provavelmente só ficariam “livres com a promulgação da Lei Áurea (1888)”. Em 1889, um ano após a lei, em clima de proclamação republicana, Sousândrade comemora doando suas terras de Codó e Cururupu aos seus então escravos libertos (*O Globo*, n. 64, 21 nov. 1889, p.2), mas os recém libertos não asseguraram o direito sobre as propriedades, haja vista que não haviam levantado as documentações correspondentes referentes as terras, o que possibilitou Maria Bárbara, filha de Sousândrade, décadas depois, reivindicar seu direito sobre as propriedades doadas (TORRES-MARCHAL, 2014, p.26).

⁷ Ao longo da obra, o poeta se identifica como o guesa, conforme vamos apresentaremos posteriormente.

⁸ Sousândrade provavelmente se encontrou com Gonçalves Dias tanto no Brasil como no exterior como supõe Frederick Williams: “em, 1854, quando Sousândrade ainda permanecia em Paris, Gonçalves Dias ali chegou em companhia de sua esposa. É possível também que Sousândrade estivesse no Amazonas em 1861, ano em que o visitou Gonçalves Dias” (1876, p. 99).

escolarização autodidata e livre trã sítio em redes de sociabilidade da elite nativa” (MICELI, 2012, p. 30 apud FERREIRA, 2015, p.43). E ao contrário de seus contemporâneos do século XIX, não estudou em Coimbra, e sim em Paris, na universidade de Sorbonne como enfatizaremos a seguir; além disso, opôs-se ao costume da *intelligentsia* da época de estudar Direito ou Medicina, e optou por estudar Engenharia de Minas e Letras, iniciativa interpretada por Augusto e Haroldo de Campos (1982) como um sinal de rebeldia por parte do maranhense.

Nosso personagem casou-se com D. Mariana de Almeida e Silva provavelmente entre 1860 e 1864 (LOBO, 1986, p. 32), e tiveram uma filha chamada Maria Bárbara, que nasceu por volta de 1864, mas Sousândrade teve outras filhas ilegítimas (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 27-29). Por volta de 1866, muda-se com a família para uma residência às margens do rio Anil, no bairro de Remédios, na então capital maranhense. Era um imóvel com grandes árvores frutíferas, a qual daria o nome de “Quinta da Vitória⁹”, em homenagem à fazenda da Vitória, de seus falecidos pais.

Residindo em São Luís, o poeta fez parte de um grupo intelectual importante constituído por grandes nomes literários locais. Dessa reunião surgiu o romance *A casca da caneleira, por uma boa dúzia de esperanças* (1866). Dunshee de Abranches caracterizou os autores de tal obra:

São Luís nessa época teve também a sua boemia literária que deixou ruidosa tradição. Sousa Andrade, Gentil Braga, Sabbas de Costa, Joaquim Serra escandalizavam a sociedade requintada e formalística que se organizara em moldes aristocráticos, com as suas peraltices, as suas anedotas e episódios do espírito. Deram vida e realce a certos tipos pitorescos que se tornaram populares...Reuniram-se esses boêmios quase sempre na casa de Gentil Braga, um vasto imóvel, sítio à Rua Grande, esquina do Passeio (ABRANCHES, 1941, p. 121-22).

Não há registros sobre o momento que se deu o deslocamento da figura de Sousândrade para o Rio de Janeiro, sabe-se que esteve lá no início do ano de 1852. Sobre a estadia do poeta na Corte, segundo Williams (1986), ela se deu quando ainda era jovem. Ao perder grande parte da herança de seus pais, se rebela e parte para o Rio de Janeiro,

⁹ Em 1928, a Quinta da Vitória foi descrita por Humberto de Campos. Neste período, a construção da residência de Sousândrade já se encontrava em ruínas: “Por trás da Praça da Justiça, um portão de fortaleza, escancarado para sempre, abre uma grande boca em um pedaço de muro alto, de meio metro de espessura. Ao fim do terreno e após um declive, vê-se a fachada venerável, à margem do Anil, para o qual dá fundos. Velha casa solarenga, já sem teto e, quase, sem soalho. Dando sobre o rio um grande salão de cinco janelas, oferecendo aos olhos um dos mais belos panoramas para quem vem cansado de ver o mundo” (CAMPOS, 1954, p.300-301).

onde passa a ter uma vida boêmia, que o deixaria com dificuldades financeiras e o motivaria a procurar ajuda do então Imperador D. Pedro II.

Esta questão, que é um dos aspectos mais marcantes da juventude do maranhense, foi registrada precisamente nos versos do Canto VI¹⁰ do *Guesa*. Tais versos remontam a passagens do poeta na Corte entre o ano de 1852 e 1853, período em que já se encontrava com dificuldades financeiras e planejava viajar para o exterior a fim de estudar¹¹.

Cabe destacarmos aqui que, quando o poeta solicita os auxílios a Corte, não há evidências, inclusive nenhum autor foca nisso, de que Sousândrade queria a ajuda financeira para ir estudar em Paris, ou talvez tenha mudado de rota (de Brasil-Portugal para Brasil-França) e escolhido a capital francesa, ato que pode ser visto por sua frustração com a monarquia brasileira, por não ter respondido sua solicitação, numa espécie de rebeldia, como pontuaram os irmãos Campos (1982).

De certa forma, inicialmente suas esperanças foram postas na figura do imperador D. Pedro II:

Quando voz de consolo ouvi de meu irmão:
 ‘Por que desesperar? filhos do império,
 Temos nós um monarca verdadeiro,
 Das letras protetor, um grande coração.’
 “De um palácio as escadas eu subindo,
 Bem vi publicamente distribuindo
 Moedas de ouro, e u’a mão sabendo que outra dá:
 Eu quis voltar; e andando, andei p’ra diante.
 Veio então paternal, o ar elegante,
 Deu-me a beijar a mão... — será Fomagatá...?
 “Supersticioso eu era, e mais sabia
 De mim, quando dos sábios aprendia;
 E o empréstimo pedi da minha educação.
 Me apraza o príncipe à seguinte audiência:
 Contente volto, a esp’rança na consciência;
 (*O Guesa*, 1884, Canto VI, p.138).

Como destacado nos versos acima, nota-se que inicialmente o poeta recorre ao imperador como uma espécie de auxiliador, figura importante dentro do campo dos serviços intelectuais da nação imperial, como já pontuaram vários estudiosos¹². Nos

¹⁰ A passagem referida pode ser percebida ainda no Canto X, gestado em Nova Iorque por volta de 1871.

¹¹ Ao que indicam os estudiosos, o poeta teria cursado Medicina no Rio de Janeiro, mas não há documentos que atestam isso, assim como não é possível determinar se, em caso afirmativo, foi antes ou depois de ter ido à Europa.

¹² Afrânio Biscardi (2006, p. 71) revela que o “bolsinho” de Dom Pedro II patrocinou diversos artistas, literatos e profissionais de diferentes ramos científicos, mas ao que parece não favoreceu o autor d’*O Guesa*. A respeito, o monarca mostrava-se “um mecenas da produção artística e literária”, concepção notada pelo papel exercido do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB) e da *Academia Imperial de Belas Artes*, na produção de um projeto imaginário que legitimasse a imagem do Império. Sob esse aspecto, a figura do imperador é apresentada por alguns estudos como o grande patrono das artes no período imperial. Carlos Durand (1989, p. 24) sustenta que a relação entre o monarca e a *Academia Imperial* era um “caso

citados versos, percebe-se ainda que primeiramente o poeta parece alimentar uma ideia de possível esperança em relação à sua solicitação; parece nutrir até certo entusiasmo e admiração pela figura de D. Pedro II.

Porém, essa ideia é quebrada totalmente no desenrolar dos versos. Não conseguindo obter os tão “sonhados” auxílios financeiros, o poeta-guesa se frustra e se decepciona:

Descrer eu pude então. E que fazer? me rir?
 “Chorei! As alamedas (que ele o conte)
 Estrondaram meus passos, e na frente
 Um sopro rotatório horrendo de huracán!
 Oh! se um rei é um homem, eu dizia,
 Então por que outro homem não seria
 Sem o quid teatral? Chorei minha nação.
 “Cândido eu tinha o peito, qual das virgens
 Filhas do Sol, no amor e sem vertigens
 Em presença do trono. O empréstimo sem ter,
 Voltou o desespero dos perdidos:
 Foram por meu amor todos vendidos
 Os servos da Vitória. Eu vi-me endoidecer!
 “Mas, renasci do pranto que verteram
 Em minha alma e da bênção que me deram
 Ao verem-me partir, dizendo: até aos céus!...
 — Quem são maus, os escravos? Os senhores!
 — Quem, os povos? Os ruins imperadores!
 (*O Guesa*, 1884, Canto VI, p.139).

Decepção que, em seus versos, o faz chorar, e como saída para sua frustração, retorna à sua Fazenda da Vitória e se desfaz de seus escravos, obtendo assim os recursos necessários para sua jornada na Europa, que ocorre entre 1854-56 (WILLIAMS, 1876, p.42).

Estudiosos já enfatizaram que não há documentação que comprove as passagens aqui tratadas presentes n’*O Guesa*, haja vista que grandes quantidades de registro do poeta foram destruídas após a sua morte. Augusto e Haroldo de Campos (1982), por exemplo, tentaram localizar registros na Sorbonne sobre Sousândrade, mas não os encontraram, o que pode ser corroborado por Williams (1976), que justificou o motivo da ausência de tais documentações devido a um incêndio que destruiu o acervo de documentos referentes aos anos de 1850 da Sorbonne, período da estadia de Sousândrade na instituição acadêmica francesa.

de mecenato artístico”, porém Vidal Fernandes (2001, p.296) não considera “como um mecenato, mas como patronato, isto é, a relação que se estabelece na prerrogativa do patrono sobre determinado agente, no estado ou condição de patrão, e não somente de protetor”. Essa mesma prerrogativa foi apresentada por Lília Schwarcz (1998, p. 146-48), ao enfatizar que a frequente presença da figura de D. Pedro II nos trabalhos do IHGB e de seu mecenato foi responsável por transformar em projeto oficial, a cargo do império, o romantismo brasileiro.

Todavia, há outras evidências que nos permitem ir além dos registros dos versos d’*O Guesa*, e considerar a ida do poeta à Paris (Europa):

Amigo Sr. Antonio Carvalho
 Apresso-me com prazer a responder sua estimada carta, falando do Sr. seu
 mano amigo Ricardo Humberto F. de Carvalho; moramos junto sem Paris [...] *Joaquim de Souza-Andrade*¹³

O trecho destacado acima se refere a uma carta de Sousândrade, datada de junho de 1856, localizada na Biblioteca Pública Benedito Leite pelo pesquisador e escritor maranhense Jomar Moraes. A carta dirigia-se a Antônio Carvalho, e evidencia que o irmão de Carvalho foi seu colega quando morou em Paris.

Além disso, a presença do poeta em Paris pode ser evidenciada ainda por algumas de suas poesias, como *Mademoiselle* e *Fragments do mar*, que datam entre 1854-56, em Paris¹⁴.

Outro registro vai além da espacialidade da França e destaca a presença de Sousândrade em outro lugar da Europa. Trata-se de um artigo publicado em 1898, no impresso *O Federalista*, em que o poeta-viajante reclama para si a propriedade da Quinta Vitória em São Luís (LOBO, 1986; RÊGO, 2007) e esclarece que o governo brasileiro poderia obter informações de si na França ou na Inglaterra: “[...] Exijo do governador que faça abrir inquérito público e que mesmo diretamente dos Estados Unidos e da França ou Inglaterra saiba-se da minha vida, sempre às claras por lá como por cá ...” (SOUSÂNDRADE, 1898, p.3).¹⁵

Por último, o escritor português Camilo Castelo Branco, em *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros* (1887), comentou sobre a viagem do poeta maranhense pela Europa, o que corrobora com todas as evidências aqui já apresentadas sobre a sua passagem pelo velho continente. utilizando do refrão “E eu não tinha dinheiro” de um dos poemas que constituem *Eólias* (1867-68) de Sousândrade, Castelo Branco declara:

¹³ Carta direcionada à Antônio Carvalho, datada de 1856, localizada por Jomar Moraes na Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís (WILLIAMS, 1976, p. 253). Lobo (1986, p. 37) repara na assinatura do poeta na carta, e aponta que neste período não utiliza a forma aglutinada “Sousândrade”, o que só ocorre em na década de 1871, mas já é perceptível neste período a alternância nos seus sobrenomes “Souza-Andrade”.

¹⁴ No poema *Risonhos* (escrito em 1859), de *Liras perdidas* (1970), há alusões a cidade europeia: “Quando eu chegava da França Dos bacharéis a esperança”. Em “Fragments do Mar” (escrito entre 1854-55), presente em *Harpas Selvagens* (1857), Sorbonne é destacada como Sorbona de forma aportuguesada, como notou Jomar Moraes e Frederick Williams (1970, p. 171): “...Meditava as lições d’alta Sorbona”.

¹⁵ Luiz Lobo (1986, p. 37) frisa que o artigo foi publicado sobre responsabilidade e a pedido do poeta, anos após sua viagem pelo velho continente.

Quer-me, porém, parecer – e felicito o poeta – que este seu “não ter dinheiro” é retórico, e uma figura que só assim se tolera, porque não é triste. Sousa Andrade peregrina na Europa há bastantes anos com muito gênio, isso juro eu, e com muito dinheiro, iria também jurá-lo. Esteve em Cintra, em Londres, em França. Morou em Auteuil. Viu tudo o que a história esmalta do verde-claro das legendas amorosas à volta de Paris (BRANCO, 1887, p. 140-41).

Portanto, embora não se tenha documentos sobre seus estudos em Sorbonne (ou de Medicina no Rio de Janeiro), não restam dúvidas de que o maranhense transitou pela Europa, pelo menos por Paris e Inglaterra. Luiza Lobo (1986) e Cesar Nuñez (2017) consideram que mesmo que Sousândrade tenha frequentado os cursos em Paris e no Rio de Janeiro, não chegou a concluí-los, o que nos permite, segundo os pesquisadores, qualificá-lo como um verdadeiro autodidata (LOBO, 1986, p. 130; NUÑEZ, 2017, p. 20).

Entre os anos de 1871 e 1885, o poeta inicia uma nova jornada de viagens, desta vez pelo continente americano; na verdade se desloca de Belém do Pará em 1871, com destino a cidade de Nova Iorque, onde residiu por um longo período. Autores como Frederick Williams (1976), Luiza Lobo (1986) e Cláudio Cuccagna (2004) apontam que a estadia do maranhense na cidade estadunidense foi de cerca de quinze anos e que o retorno, em 1885, se deu pela costa da América do Sul: “provavelmente de vapor até o canal de Panamá, e de trem através do estreito (o canal data de 1914)” (LOBO, 1986, p.35); neste trajeto, “após uma breve temporada no Chile” (WILLIAMS, 1976, p.12) chega ao Brasil em 1885.

Torres-Marchal, diferente dos autores acima, notou que o maranhense viajou para os Estados Unidos duas vezes: a primeira vez, entre 1871 e 1878, com retorno ao Brasil “percorrendo a costa ocidental da América do Sul, em 1878” (TORRES-MARCHAL, 2014, p.11), quando teria passado por Valparaíso, no Chile; a segunda viagem ocorreu entre 1880 e 1883, depois viajou para Paris, onde provavelmente foi receber o grau de bacharel em Engenharia¹⁶ - e para Londres, antes de retomar ao Brasil em 1885 (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 15).

Enfim, Sousândrade após ter encerrado o seu ciclo de viagens pela Europa, 1854-55, fixa residência em São Luís (1866), e inicia um novo processo de viagens entre 1871

¹⁶ Frederick Williams, fundamentado em informação de Astolfo Marques (1923, p. 12 apud Willians, 1976, p. 19), indica que Sousândrade teria viajado duas vezes para a França, sendo a última para receber seu grau de bacharel em Engenharia, tornando-se o primeiro brasileiro a obter esse título na Sorbonne. Lembramos que não há registros sobre isso, como já mencionamos.

a 1885, desta vez pela América, demoradamente pelos Estados Unidos ¹⁷ e retorna a capital maranhense em 1885 onde passa a contribuir com os jornais locais, momento em que expressou seu viés antimonarquista e defensor das causas republicanas; em 1888, colabora na seção “Centelhas” do impresso *O Novo Brasil*. Em 1889 inicia sua colaboração em *O Globo*, impresso de cunho antimonarquista (CUCCAGNA, 2004, p. 26), em que inaugurou a “Seção republicana”.¹⁸

Após a implantação da República em 1889, o poeta inicia sua vida no campo da política, sendo membro em 1889 do Partido Republicano do Maranhão (*O Globo*, n. 70, 02 nov. 1889, p. 2); neste mesmo ano participou da Junta Provisória de São Luís, e entre janeiro e agosto de 1890 foi nomeado intendente de São Luís¹⁹ (WILLIAMS, 1876, p.36).

No cargo de intendente desenvolveu diversas atividades, como a abertura de escolas, reformas de praças, instalações das primeiras linhas telefônicas da cidade, ocupou o cargo de presidente da Comissão que elaborou o projeto da Constituição do Estado do Maranhão (WILLIAMS, 1976, p. 29; CUCCAGNA, 2004, p. 27); pertenceu ainda à Comissão de Educação do Estado e à Comissão que regulamentava o processo eleitoral (*Pacotilha*, n. 135, 21 mai. 1890, p. 03). e de seu “culto republicano” (LOBO, 1986, p. 30) passou a liderar uma campanha para reunir fundos com objetivo de financiar a construção da estátua do “Altar de Minerva” (*O Globo*, n.77, 06 dez. 1889, p. 02), em honra à República, que seria encomendada à França em mármore da Grécia (LOBO, 1986, p. 30; WILLIAMS, 1976, p.47).

Em 1899 se candidata ao Senado Federal (WILLIAMS, 1976, p. 22), porém não chegou a ser eleito (LOBO, 1986, p. 35). Em 1899 o poeta idealizou ainda um projeto de fundação de uma Universidade, denominada de *Atlântida* ou *Nova Atenas*, porém não obtém êxito. Fora da vida política, sua última atividade foi lecionar Grego no Liceu Maranhense.

1.2 Sousândrade na América

O trajeto do maranhense pela América se dá após a sua jornada pela Amazônia brasileira. Frederick Williams (1976), assim como Luiza Lobo (1986) e Claudio Cuccagna

¹⁷ A permanência nos Estados Unidos demorou cerca de quatorze anos, lá contribuiu para o periódico redigido em língua portuguesa, *O Novo Mundo*, sobre esta questão apontaremos adiante e mais precisamente no próximo capítulo.

¹⁸ Sobre os discursos republicanos nos impressos maranhenses (1889-1890), bem como a participação de Sousândrade neste âmbito, ver Haniery dos Santos (2013).

¹⁹ Intendente era uma autoridade política administrativa, equivalente a um prefeito. O cargo surgiu após a criação do Conselho de Intendência Municipal, instaurado com o advento da República por meio do Decreto nº 50-A, de 7 de dezembro de 1889, que dissolveu as câmaras municipais.

(2004), apontam que esse é o marco de sua longa peregrinação pela América. Sua empreitada pelo Amazonas ocorreu em 1858²⁰, com algum auxílio financeiro do então presidente da província do Amazonas, como podemos notar na dedicatória presente no Canto III datado de 1858 d’*O Guesa*: “tributo de gratidão ao presidente do Amazonas Dr. J. F. Furtado”. A figura a quem Sousândrade se dirige é Francisco José Furtado (1818-1870), juiz e político piauiense, e que ocupou o cargo de presidente do Amazonas entre 1857 e 1860, momento da viagem de Sousândrade pela região, Francisco Furtado foi também Ministro da Justiça (1862, 1864-1865) e Primeiro-Ministro do Brasil (1864-1865); residiu no Maranhão durante a sua juventude chegando posteriormente a ocupar o cargo de presidente da câmara municipal de Caxias, também foi membro da assembleia provincial em 1848 (ALMEIDA, 1867, p. 11).

Essa aproximação de Sousândrade com o Dr. Furtado não é por acaso. Em uma carta de Godofredo Viana à Raimundo Lopes (datada de dezembro de 1939) transcrita

²⁰ Estas são as datas citadas sobre a viagem de Sousândrade à Amazonia: 1853-1857, 1858 ou 1858-1860. A data inicial (1853) foi tomada com base no prólogo da obra *Obras Poéticas* (1874), em que consta uma carta do professor de latim da Sorbona, Delestrée, datada de 1857 referindo-se a viagem do maranhense a região amazônica, segundo Lopes (1939), como “coisa passada”. Mas, segundo Torres-Marchal (2010, p.7) “o fragmento da carta de 1857, do professor Delestrée, nas *Memorabilia* das *Obras Poéticas* simplesmente menciona “ces descriptions relatives à votre Voyage” (estas descrições referentes à vossa viagem), sem especificar a que viagem se refere. É mais razoável supor que o fazem à viagem de volta da França (Paris a São Luís) descrita no longo poema *Fragmentos do Mar*, em *Harpas Selvagens* (1857), livro de estreia de Sousândrade”. Logo após a citação do professor, o poeta maranhense afirma que “em 1858 foram escritos os treze primeiros cantos do Guesa” (SOUSÂNDRADE, 1874, p. 08), ou seja, os três primeiros cantos, que se referem a viagem de Sousândrade pela região amazônica, datam de 1858 como confirmou o próprio autor, portanto concordamos com o pesquisador Torres-Marchal que não é sobre estes cantos que o professor Delestrée está se referindo na sua carta de 1857. Sobre a data de 1858, segundo Torres-Marchal (2010, p. 8), neste mesmo ano, o presidente da província do Amazonas dirigiu um ofício ao agente da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas pedindo que dê “passagem de estado [de Manaus até Tabatinga] abordo do vapor Tabatinga a... Joaquim de Souza Andrade”. Cerca de trinta dias depois o maranhense chegava em Belém no Princesa de Joinville, “chegando em São Luís no primeiro dia de novembro de 1858” (*O Globo*, n.36, 2 nov. 1858, p. 02), mas a ideia de que a viagem se deu até o ano de 1860 tem como base a carta do poeta viajante direcionada ao impresso *O Novo Mundo*, publicada neste mesmo jornal com o título “O Estado dos índios”, datada de 10 de março de 1872. No texto, Sousândrade se refere a sua presença na região Amazônica: “Era há 12 anos aquele estado dos índios do Amazonas”, notemos que o poeta se refere que o fato ocorreu há “12 anos”, se o percurso que está se referindo no texto do impresso e o mesmo sobre a viagem ao Amazonas em 1858, o correto seria, considerando a data de 1872 da publicação no *O Novo Mundo*, “..Há 14 anos..”, por isso levamos em consideração a possível nota de Marchal, de que “o fato de ter sido usado o numeral 12 e não o valor por extenso, torna possível um erro na composição do texto; existe ainda a possibilidade de o tipógrafo ter confundido o numeral 4 pelo 2, no manuscrito” como fica evidente em um documento exibido pelo pesquisador. Ver em TORRES-MARCHAL (2010, p. 8). A viagem do poeta pela região também ganhou destaque em versos d’*O Guesa*, no Canto IX datado de 1871, momento em que o poeta descreve sua viagem aos Estados Unidos: Atravessando, / Avista ao longe as amazonas águas, / Oiro agitado ao sol, e as verdes ilhas / Que de há treze anos d’este canto as mágoas / Resoaram -eternas maravilhas! (*O Guesa*, Canto IX, 1884, p.169). A referência “há Treze anos” no canto acima nos remete a 1858 (1871-13), ano da viagem de Sousândrade à região amazônica), o que nos leva a crer que o ano de 1858 é a data certa da viagem pela região.

por Vieira da Luz (1954, p. 251), Viana supõe que o poeta d'*O Guesa* trabalhou para o governo amazonense de Furtado:

Uma vez, no Amazonas, o então presidente dessa remota província, onde se encontrava o poeta, convidou-o para oficial (ou outro emprego equivalente), da Secretaria do Governo. Foi aceito o convite e lavrada a nomeação. No outro dia, Souza Andrade apresentou-se à repartição, já ao fechar do expediente. Deram-lhe, à última hora, uma portaria qualquer a redigir, a fim de ser assinada na manhã seguinte pelo presidente. Souza Andrade fez o que lhe mandaram. O papel, entretanto, ficou em cima de sua mesa. No dia seguinte, mal aberta a repartição, corre à sua carteira e faz em pedaços a portaria. Daí foi direto ao presidente, para lhe solicitar, irrevogavelmente, demissão do cargo. É que, conforme explicou ao governante, e mais tarde repetia a meu pai, sua mãe, falecida havia alguns anos, lhe apareceu em sonho e lhe exprobara, com palavras tristes, mas enérgicas, o ter recebido, ele republicano de convicção, um emprego da monarquia. Acrescentava meu pai que esse episódio o poeta o referira veladamente no *Guesa*.

Esse mesmo aspecto pode ser observado no seguinte fragmento extraído do mesmo canto da dedicatória de 1858 d'*O Guesa*:

Nobre sois. Não lemrastes meus deveres,
E estou lembrando tudo ao coração;
Ao meu posto faltei, pelos lazes
Do errar virgiliano da solidão.
(*O Guesa*, 1884, Canto III, p. 46).

Na mesma direção, Carlos Torres-Marchal indica que até as passagens das viagens de Sousândrade pela região amazônica (Manaus e Tabatinga) foram pagas pelo governo do Amazonas:

Num ofício da Secretaria do Governo do Estado do Amazonas endereçado ao administrador da fazenda provincial, com data de 1 de setembro de 1858, Joaquim de Souza Andrade é nomeado para “interinamente servir o lugar de oficial deste Secretaria, (tendo prestado) juramento e (entrado) hoje em exercício do referido cargo.” O Secretário do Governo da Província do Amazonas à época, era o maranhense Carlos Fernando Ribeiro. Sabemos também que Sousândrade viajou duas semanas depois, no dia 13 de setembro, para Tabatinga, voltando no mesmo navio, o que indica que não demorou, nem no emprego, nem no Solimões. As passagens foram fornecidas pelo Governo da província²¹, [...] é possível que a nomeação em caráter de interinidade, fosse só um artifício para justificar o pedido de passagens oficiais para Sousândrade até Tabatinga (TORRES-MARCHAL, 2013, p. 09).

²¹ Ver a súmula do ofício de nomeação e as transcrições das passagens fornecidas pelo Governo da província em Torres-Marchal (2013, p. 9-10).

Durante sua viagem pelo Amazonas, Sousândrade teve a oportunidade de presenciar o índio em “seu estado natural”²² (WILLIAMS, 1976, p. 106). Desse mesmo período (1858), o poeta escreveu o segundo canto d’*O Guesa*, em que aparece o episódio que ficou conhecido como “Tatuturama”²³.

Após terminar suas andanças pela região amazônica, Sousândrade retorna para São Luís em 01 de novembro de 1858 (*O Globo*, n. 36, 2 nov. 1858, p. 4).

É somente em 1871 que Sousândrade se dirige aos Estados Unidos da América. Não há um único motivo justificável para isso, mas entre eles estão a filha do poeta, Maria Bárbara, que possuía alguma compleição doentia, e a suposta mudança de clima do Maranhão pelo dos Estados Unidos como boa opção para a saúde dela (WILLIAMS, 1976, p.10). Mas os estudos de Carlos Torres-Marchal (2014) não validam a justificativa da doença de Maria Bárbara, tomada pela Literatura como o principal motivo.

Carlos Torres-Marchal, em vários artigos de contribuição biográfica sobre o autor d’*O Guesa*, publicados pela Revista de Literatura e Linguística *Eutomia*, entre 2009 e 2014, conclui que é pouco provável ter sido a saúde delicada de Maria Bárbara que fez o maranhense “trocar por este (de Nova Iorque) clima o do Maranhão” (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 18), e como respaldo para refutar essa versão, o pesquisador usa os registros do *Socre Coer*²⁴, que cobrem os anos de 1873 a 1882, em que só se encontram duas consultas médicas, “sendo que nos primeiros quatro anos não houve despesas com médicos” (TORRES-MARCHAL, 2014, p.19).

Uma outra suposição para a viagem do poeta foi a educação de Maria Bárbara, como já pontuaram alguns autores (MARQUES, 1903; SANTIAGO, 1932; PAXECO, 1975). Para Alessandra Carneiro (2016), essa lógica da viagem do escritor para os Estados Unidos a fim de educar a filha é possivelmente plausível²⁵, “principalmente se

²² Sobre suas observações a respeito, ele escreveu artigo denominado “O estado dos índios”, para o periódico *O Novo Mundo*, em 23 de março de 1872, conforme veremos adiante.

²³ Para uma discussão sobre esse episódio, ver WILLIAMS (1976, p. 105-108); CUCCAGNA (2004, p. 119-154) e CARNEIRO (2011, p. 23-53).

²⁴ Colégio que Maria Bárbara, filha do poeta, frequentou durante a estadia do pai em Nova Iorque.

²⁵ Segundo Torres-Marchal (2014), Sousândrade não estava contente com a sociedade imperial e escravocrata brasileira e provavelmente alimentou o desejo de conhecer e acompanhar de perto a sociedade republicana dos Estados Unidos. O estudioso aponta ainda que a falta de horizontes para a educação de sua filha pode ter sido um elemento crucial para deixar o país em 1871. Lembramos que até a promulgação do Decreto n. 7247, de 19 de abril de 1879, que tratou sobre a reforma do ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império, as mulheres não tinham acesso à Universidade no Brasil; outro fato é que não era comum mulheres brasileiras estudarem nos Estados Unidos, quando olhamos o censo de educação feminina de 1880 apresentado por Torres-Marchal, concluímos que no caso da instituição do Sagrado Coração, em junho de 1880, somente duas brasileiras, paraenses, estudavam na instituição: Anita Amaral e Eugênia Gama Lobo, e outras vinte e oito cubanas (a filha do poeta só voltaria

considerarmos suas posições políticas e a sua crença de que a República não poderia prescindir da democratização do Ensino” (CARNEIRO, 2016, p. 50), mas, como observamos, muitos estudiosos atribuíram a mudança a uma doença que acometia Maria Bárbara, justificativa esta que grande parte da crítica bebeu de um editorial do impresso português nova-iorquino, no qual Sousândrade fez parte, *O Novo Mundo* (1870-1879):²⁶

[...] o nosso poeta vive muito retiradamente no confin de New York, em Manhattanville, a sete milhas do centro da cidade. Do pequeno quarto n’uma casa de família ele vê a cruz no cimo do Sacré Coeur onde está educando sua filha, cuja delicada saúde fel-o trocar por este clima do Maranhão (*O Novo Mundo*, n. 74, fev. 1877, p. 39).

O periódico publicou ainda em 24 de novembro de 1871, a pedido do próprio Sousândrade, uma notícia sobre a vida escolar de sua filha, que destacava as instalações do Sagrado Coração, instituição de ensino voltada para estudantes do sexo feminino. O texto noticiário relata ainda que outras filhas de brasileiros estudavam na instituição: “Além da filhinha do Sr. Andrade, estão agora educando-se no Instituto três outras brasileiras, duas filhas do Dr. Gama Lobo, do Rio de Janeiro, e uma do Sr. Amaral, negociante no Pará” (*O Novo Mundo*, n. 14, 24 nov. 1871, p. 25), o que revela a preocupação do maranhense não apenas com a educação de sua filha, mas da educação como instrumento importante na conformação de sujeitos do seu projeto republicano²⁷, fato que leva o escritor a deixar o Brasil então monárquico e educar sua filha em um país republicano.²⁸ Para a estudiosa Alessandra Carneiro, o trecho do periódico descrito acima se configura como uma propaganda da instituição escolar com a finalidade de “encorajar as famílias brasileiras, leitoras do jornal, a enviarem suas filhas para serem instruídas nos Estados Unidos” (CARNEIRO, 2016, p. 51), o que não deixa de ser válido, ao avistarmos que o poeta se valerá da educação como ferramenta para alcançar seus projetos²⁹.

a frequentar a instituição na segunda viagem de seu pai aos Estados Unidos, em setembro desse mesmo ano).

²⁶ Ao longo deste trabalho, a utilização das citações do referido periódico estarão escritas de forma atualizada.

²⁷ As pesquisas de Ramon Ferreira (2015) retratam a respeito do lugar que Sousândrade reservava aos sujeitos indígenas no seu projeto de nação, e a educação aparece como meio de integração desses sujeitos ao então Brasil/América defendido pelo poeta.

²⁸ Lembramos ainda, como apontado na primeira parte desde capítulo, que o próprio Sousândrade se dirige à França para estudar, e não a Portugal, destino mais comum na sua época.

²⁹ Além de fundar as primeiras escolas mistas, Sousândrade desejava fundar uma Universidade na capital maranhense, a então Universidade de Atlântida ou Atenas, mas o projeto não teve êxito (LOBO, 1986, p.35).

O fim do casamento com D. Mariana também é outro elemento justificável da partida do poeta, porém menos plausível. Essa questão do divórcio aparece de forma abrupta, tanto que não identificamos ao certo as razões para esse acontecimento, mas alguns apontamentos indicam que o fim do casamento de Sousândrade com Mariana de Almeida e Silva³⁰ se deve ao comportamento receptivo do poeta com seus amigos ou a sua vida boêmia, ou o nascimento de sua filha ilegítima, Vana³¹ (LOBO, 1986; TORRES-MARCHAL 2014).

O que se sabe é que o casamento do casal é “rompido”³² quando o escritor inicia sua peregrinação pela América e sua então esposa fica de fora dos planos de viagem, que incluía somente sua filha e Vana, sua “criada\filha”, que partem de Belém do Pará no vapor “North American”, com destino à Nova Iorque em 6 de maio de 1871, onde desembarcam no dia 19 do mesmo mês.

Residindo em Nova Iorque, a principal atividade do poeta era a elaboração do seu poema, que conformaria treze cantos (LOBO, 1986, p. 33). Mas, um dos grandes questionamentos sobre a presença do poeta no exterior é sobre quais condições teria para custear tal permanência, e quem nos dá a resposta desta e de outras questões é a pesquisadora sousandradina Alessandra Carneiro (2016), que assim como já pontuaram Frederick Williams (1976), Luiza Lobo (1986) e Torres-Marchal (2014), procurou entender entre outras questões, além do(s) motivo(s) que levou Sousândrade a deixar o Brasil em 1871 e a permanecer nos Estados Unidos até 1885, quais seus meios e recursos de sobrevivência.

Assim como Luiza Lobo (1986), para Alessandra Carneiro (2016) a experiência de Sousândrade nos Estados Unidos “foi o divisor de águas para sua poética (e política)” (CARNEIRO, 2016, p. 15), o que refletirá na sua forma de compor.

³⁰ Ela era viúva de Estevão Pedro de Almeida e Silva, coronel fazendeiro de Cururupu, Mariana herdou os bens do falecido.

³¹ Carlos Torres-Marchal (2014), por meio de uma longa análise de registros de jornais e outros documentos, sustenta que Sousândrade provavelmente teve outra “filha”, chamada Valentina.

³² Conforme indicam alguns estudos, o matrimônio é reatado anos depois, pelo menos até certo período (WILLIAMS, 1976, p.12). D. Mariana, Maria Bárbara e Valentina foram as responsáveis pela criação do Colégio Industrial, que funcionou entre 1893 e 1896, na rua 28 de julho, na capital maranhense. Em 1898, Sousândrade e sua então esposa colocam a venda um sobrado de dois andares situado na mesma rua onde funcionava o colégio (*Pacotilha*, n. 18, 21 jan. 1898, p. 3; n. 19, 22 jan. 98, p. 1; n. 20, 24 jan. 98, p. 1). Provavelmente trata-se do mesmo estabelecimento. Em novembro desse mesmo ano, Maria Bárbara, sua mãe e Valentina deixam a cidade de São Luís e partem para a cidade paulista de Santos onde fundam novamente uma instituição escolar mista, denominada também de Collegio de Industria (WILLIAMS, 1976, p. 23). Desta vez, Sousândrade é quem ficou de fora do roteiro da viagem de sua filha e esposa, permanecendo em São Luís como um solitário até a sua morte em 1902.

Segundo a pesquisadora, Sousândrade fez parte de uma rede de brasileiros que foi formada a partir de Nova Iorque na década de 1870, tendo José Carlos Rodrigues (1844-1923)³³ como uma figura catalisadora, haja vista que “Sousândrade aportou em Nova Iorque em 19 de maio de 1871, possivelmente atraído por um convite de José Carlos Rodrigues para atuar junto ao periódico *O Novo Mundo* (1870-1879)” (CARNEIRO, 2016, p. 50), o que nos leva a pensar o convite de Rodrigues como um dos motivos para o poeta maranhense partir para os Estados Unidos³⁴. Nas palavras da autora: “Apesar de destino pouco comum na década de 1870, os Estados Unidos já configuravam como contraposto de desenvolvimento socioeconômico em relação à Europa, e uma rede de brasileiros foi formada a partir de Nova York tendo como mentor José Carlos Rodrigues” (CARNEIRO, 2016, p. 15).

A chegada do poeta viajante foi noticiada pelo impresso de José Carlos Rodrigues:

Está em New York o Sr. Joaquim de Souza-Andrade, do Maranhão, onde tem já publicado dois volumes de poesia, de cujo mérito muito reataremos ocasião de escrever quando sair à luz uma segunda edição que o autor propõem-se a imprimir brevemente nesta cidade (*O Novo Mundo*, n. 9, 24 jun. 1871, p. 142).

Outro aspecto sobre a presença de Sousândrade em Nova Iorque diz respeito a sua residência. É também d’*O Novo Mundo* a informação de que o poeta residia na parte mais alta da cidade, como já apontaram muitos escritos (CAMPOS, 1982; WILLIAMS, 1976; LOBO, 1986), mas essa informação, segundo estudos mais recentes, está incompleta, uma vez que podemos localizar registros de várias localidades onde supostamente o maranhense se hospedou, como no ano de 1873 no Hotel Hamilton, localizado próximo do colégio de Maria Bárbara, assim como no Lafayette Place, em 1882, como enfatizou Carlos Torres-Marchal (2013, p. 21).

³³ José Carlos Rodrigues era filho de fazendeiros, nasceu em 1844 em Cantagalo, província do Rio de Janeiro, foi escritor, atuou no jornalismo nos Estados Unidos onde transmitia as notícias do país estadunidense ao Brasil. Rodrigues deixou o Brasil em 1867 em direção à cidade de Nova Iorque, onde fundaria o *Periódico Ilustrativo do Progresso da Edade*, *O Novo Mundo* (1870-1879), redigido em língua portuguesa. No próximo capítulo trataremos sobre José Rodrigues e a presença de Sousândrade n’*O Novo Mundo*.

³⁴ Ou seja, Sousândrade se inseriu no quadro de colaboradores do impresso antes de 1875, quando fez parte oficialmente ao assumir o cargo de vice-presidente da associação mantenedora do jornal de Rodrigues (WILLIAMS, 1976, p. 11, LOBO, 1986, p. 33, CUCCAGNA, 2004, p. 25, CARNEIRO, 2014, p. 54), informação que pode ser uma chave para entendermos as andanças do poeta viajante pelos Estados Unidos (CARNEIRO, 2016).

Além disso, corroborando com essa lógica, Alessandra Carneiro traz um relato de um paulistano³⁵, recepcionado por José Carlos Rodrigues no ano de 1872, que se encontra com Sousândrade nesse mesmo ano. No trecho descrito a seguir fica evidente que além dos locais citados anteriormente, Sousândrade residiu também no Hotel Washington, na Broadway, extremo sul da ilha de Manhattan, local que abrigou o general George Washington³⁶ nos tempos da guerra pela independência do país (1776-1783), o que mais uma vez evidencia que o poeta maranhense morou em um local de grande agitação, próximo a Wall Street, e não ficou “preso em quatro paredes” de um único lar:

[...] fomos visitar o nosso companheiro de viagem o Dr. C. da Costa Ferreira, no hotel Washington, que está situado na afamada Broadway, uma das grandes artérias da vida circulante de New York, e que caracteriza o motivo da cidade; mil ou mais carruagens cruzam-na incessantemente e o pelotão de povo que caminha a pé chega muitas vezes a embarçar-se [...] **Chegados ao Hotel Washington, o Dr. Ferreira apresentou-nos ao seu amigo, o distinto poeta maranhense J. de Souza Andrade que há muito estava ali hospedado.** No decurso da conversação viemos a saber que nos achávamos no primeiro lugar histórico de New York: aquelle hotel era a antiga casa do Capitão Kennedy, construída na sua volta da Europa em 1760, chefes inglezes occuparão durante a guerra; ali viverão Cornwallis, Clinton, Howe e depois Washington e Talleyrand (*Aurora Brasileira*. n. 8, 20 mai. 1874, p. 61-62 apud CARNEIRO, 2016, p. 52, grifo da autora).

Diferente de Alessandra Carneiro, Luiza Lobo apresenta outra visão sobre a rotina do maranhense na cidade de Manhattan: “Ele tomava o bonde a burro que descia a serpenteante Avenida Broadway, da zona oeste alta rumo à leste baixo, nesta, travava contato com a bolsa de valores de Wall Street e o capitalismo emergente” (LOBO, 1986, p. 36).

O que se sabe é que o poeta durante sua estadia nos Estados Unidos contribui com o periódico de José Carlos Rodrigues, *O Novo Mundo*³⁷, e talvez recebesse remuneração por tal contribuição, assim como o engenheiro André Rebouças (1838-1898), que fez

³⁵ Trata-se de Thomaz de Aquino e Castro, um estudante que chegava a Nova Iorque em 1872, com destino a Universidade de Cornell, recepcionado pelo então José Rodrigues.

³⁶ No início do canto X d’Guesa encontramos referência ao Hotel Washington: “...A eles eu me recolho. Dão-me abrigo / Tetos, que em outros tempos abrigaram / George Washington” (*O Guesa*, Canto X, 1884, p. 186). Embora fosse uma residência de grande valor histórico, segundo relatos de André Rebouças, que esteve na residência antes de Sousândrade, em 1873, o Hotel não possuía certa formosura e requinte: “O Washington Hotel teve a glória de receber o imortal Washington; esteve em moda por muitos anos; hoje é um hotel de terceira classe” (REBOUÇAS, 1938, p.246). Outro aspecto relatado por Rebouças em seu diário é que por conta de sua cor foi recusado por outras residências e hospedou-se no Hotel com restrições (?), e agradece a José Rodrigues após ter deixado o Hotel Washington e partido a outro -French’s Hotel- “graças ao prestimoso amigo Rodrigues” (REBOUÇAS, 1938, p. 253).

³⁷ No próximo capítulo exploraremos a presença e as contribuições do poeta maranhense no periódico de José Rodrigues.

parte da rede de colaboradores do impresso e chegou a receber a quantia de 200\$000 mensais (REBOUÇAS, 1938, p. 278) pelos seus serviços ao periódico ilustrativo de Rodrigues – indicativo de que José Carlos Rodrigues, mesmo ao assinar o periódico como único responsável e redator, possuía colaboradores remunerados, e Sousândrade certamente se insere entre os seus.

Em registros do diário do próprio André Rebouças, identificamos um encontro nas instalações d’*O Novo Mundo*, em Nova Iorque, do engenheiro com o poeta d’*O Guesa*. O encontro é datado de 21 de junho de 1873: “despedi-me do poeta Souza Andrade do Maranhão, autor da ‘Guêza errante’. Deu-me notas sobre a lenda fundamental do seu poema, para enviar a Carlos Gomes³⁸ como assunto de um lebreto” (REBOUÇAS, 1938, p. 255).

Além da ligação de Sousândrade com *O Novo Mundo*, o poeta provavelmente teve relações com a exportadora *Burdett & Pound*. Alessandra Carneiro (2016) sinaliza que o escritor enviou uma carta a Henry Longfellow (1807-1882)³⁹ em 1874 solicitando a análise de algumas poesias de Emil Schwerdtfeger⁴⁰. Nesta carta, Sousândrade utiliza como endereço, o da empresa de importação de borracha⁴¹, *Burdett & Pound*:

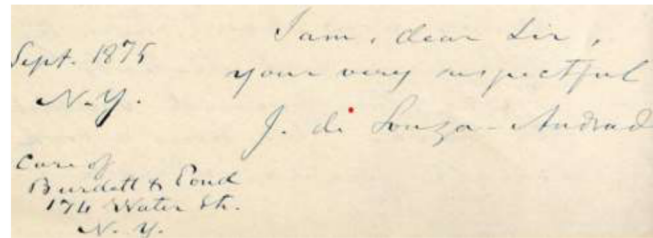
³⁸ Importante compositor de ópera do Brasil, Carlos Gomes foi responsável ainda pela composição de um hino ao centenário da independência dos Estados Unidos em 1876, como noticiou *O Novo Mundo* (n. 69, 24 jun. 1876, p. 187). Rebouças era um grande incentivador e amigo de Gomes.

³⁹ Henry Wadsworth Longfellow foi um poeta estadunidense, autor de obras, como *Evangeline* (1847). Trata-se de uma das figuras mais importantes do romantismo estadunidense (movimento que culminou com a emancipação literária dos Estados Unidos frente a influência inglesa, “cujo período áureo se deu por volta de 1850” (CARNEIRO, 2016, p. 29). Sousândrade era um grande admirador de Longfellow, não há relatos que comprovem se houve um encontro pessoalmente entre ambos, mas sabe-se que Sousândrade enviou uma cópia de seu escrito: *Obras Poéticas*, publicado em Nova Iorque em 1874. A obra era composta, além de outros poemas, pelos quatro primeiros cantos do *Guesa Errante* (1877); nesse exemplar Sousândrade inseriu uma dedicatória ao poeta estadunidense, o referindo como “o pai da poesia norte americana”. No Canto X d’*O Guesa* encontramos essa mesma referência à Longfellow após sua morte.

⁴⁰ Emil Schwerdtfeger foi um nova-iorquino que encontrou em José Rodrigues um grande incentivador. Foi Rodrigues que custeou seus estudos na Universidade de Cornell e ainda financiou a publicação da dissertação do jovem intitulada: *History and development of the English Verb* (1874), que o levou a ganhar, com apenas dezesseis anos de idade, um prêmio de destaque entre os estudantes de língua inglesa nos Estados Unidos. Além de suas habilidades nos estudos de línguas clássicas e modernas, que mereceu admiração de Rodrigues e de Sousândrade, outro ponto que merece destaque é que Emil teve um triste fim, se suicidou aos dezenove anos de idade. Antes de cometer o ato, deixou registrado que as obras que constituíam seu acervo ficassem com Rodrigues e com Sousândrade. No Canto X d’*O Guesa*, Sousândrade relata sobre a morte do jovem “Emílio”: Das musas do futuro o tão querido jovem discípulo- oh! quão doloroso / Que é este testamento do suicídio, / Que não s’entenderá! / Drama doloroso! (*O Guesa*, Canto X, 1884, p. 200).

⁴¹ A *Burdett & Pound* possuía filial em Belém do Pará, de onde exportava para Nova Iorque não apenas a borracha, como outros produtos: café, açúcar, castanha etc, porém o principal produto de comercialização da empresa era a borracha (CARNEIRO, 2016, p. 63).

Imagem 1. Carta de Sousândrade à Longfellow, no endereço da empresa Burdett & Pound, localizada na 174 Water Street



Fonte: CARNEIRO (2016, p. 64).

Outro detalhe importante é que nos registros da Academy of the Sacred Hart ⁴² aparece o nome da empresa como a responsável pelo pagamento das despesas de Maria Bárbara (TORRES-MARCHAL, 2013, p. 15), o que pode indicar que o maranhense possuía vínculos com a empresa como nos apontou Alessandra Carneiro (2016), ao afirmar que o fato de Sousândrade ter usado o endereço comercial da empresa em sua carta pessoal pode indicar que possivelmente o maranhense lhe prestava serviços⁴³. Assim como no caso do periódico de José Rodrigues, passava grande parte de seu dia no local⁴⁴. Possivelmente, eram essas as suas duas fontes de renda.

Ainda sobre a estadia do poeta nos Estados Unidos, há outra observação importante de se destacar: grande parte dos estudos sobre Sousândrade registrou que o poeta partiu com sua filha para os Estados Unidos em 1871, e lá permaneceram por quase quinze anos, até 1885, quando retornam ao Brasil pelo Oceano Pacífico, transitando por países da costa ocidental da América Latina. É o caso do estudo de Frederick Williams: “Retornado a São Luís em 1885, após uma breve temporada no Chile (WILLIAMS, 1976, p. 12); de Luiza Lobo (1986, p. 34): “Depois de 14 anos em Nova Iorque, Sousândrade e a filha retornam ao Brasil através da América do Sul, provavelmente de vapor até o canal

⁴² Academia do Sagrado Coração, escola onde a filha de Sousândrade estudou.

⁴³ Outra suposição apontada pela pesquisadora é que a exportadora descontava dos ordenados do maranhense os pagamentos no colégio de Maria Bárbara ou ainda: “também reconhecemos que a filial da empresa em Belém prestava serviços de transferência do governo do Pará destinado ao pagamento dos estudos de brasileiros patrocinados pelo Estado” (CARNEIRO, 2016, p. 63). Essa última hipótese pode fazer sentido se consideramos que Sousândrade já se inseriu entre aqueles que prestaram serviços ao governo do Amazonas, mas a carência de documentos inviabiliza avançarmos sobre a questão.

⁴⁴ Em outra carta (carta-dedicatória escrita na folha de rosto de *obras poéticas* – 1874, localizada por Carneiro) de Sousândrade direcionada a Ferdinand Denis – escritor romântico francês, autor da enciclopédia *L'Univers* no qual Sousândrade teve acesso ao relato da lenda do Guesa, do povo indígena Muisca - datada de 1874, o poeta utiliza o endereço do periódico *O Novo Mundo*, o que se configura outro indicativo de que o poeta usava seu endereço de trabalho nas suas cartas pessoais.

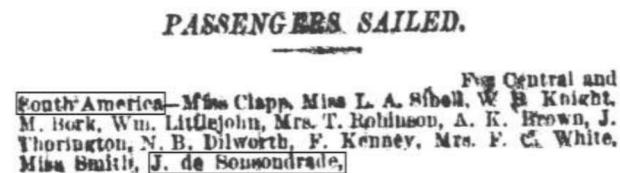
de Panamá, e de trem através do estreito (o canal data de 1908). Chegando ao Brasil, provavelmente em 1885 [...]”; e de Claudio Cuccagna (2004, p. 26) “Por volta de 1885 Sousândrade e a filha retornam ao Brasil, passando pelo oceano Pacífico e visitando as repúblicas andinas do Peru e Chile”.

Apesar de estes estudiosos abordarem o tema, nenhum deles se aprofundou sobre este aspecto, demonstrando, portanto, que a passagem do poeta viajante pelos países da América Latina é praticamente desconhecida.

Foram graças as contribuições biográficas do peruano Carlos Torres-Marchal que muitas informações relatadas primeiramente por Astolfo Marques (1903), Clarindo Santiago (1932), e posteriormente por Augusto e Haroldo de Campos (1982), Frederick Williams (1976) e Luiza Lobo (1986) foram aprofundadas. Segundo o pesquisador peruano, Sousândrade esteve nos Estados Unidos duas vezes, primeiramente de 1871 a 1878. Alguns registros, além de cantos d’*O Guesa*, demonstram que em 1878 retornam ao Brasil e no percurso fizeram escalas em alguns países da América do Sul como apontaremos a seguir.

De acordo com Torres-Marchal, encontramos informações nos despaches de viagens do vapor *Acapulco* de 30 de janeiro de 1878, de que Sousândrade havia deixado nesta data a cidade de Nova Iorque e partido em direção à América do Sul:

Imagem 2. Passengers Sailed for Central and South America. New York Daily Tribune, sexta-feira, 1 de fev. de 1878, p. 3, c.5



Fonte: TORRES-MARCHAL (2010, p. 9).

O trajeto entre Nova Iorque e Lima não foi tardio, semanas depois, em 23 de fevereiro de 1878, identificamos a imprensa peruana desejando boas-vindas ao poeta viajante: “Hace poco días que tenemos em Lima em calidad de viajero, a uno de los

literatos más ilustres del Brasil, el señor don. J. de Souza Andrade”⁴⁵ (*La Patria*, n. 2011, 23 fev. 1878, ano 7, p. 2 apud TORRES-MARCHAL, 2010, p. 19).

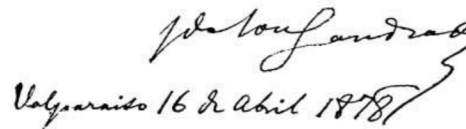
A presença do poeta na cidade peruana em 1878 foi registrada n’*O Guesa*:

Quando ao ver’ lucionario gênio altivo
As festas centenaes, prepara a França
Mal liberta, a ‘Voltaire’ seculo vivo,
Que ainda agita a rasão e o mundo avança?
Toda a Egreja catholica enluctou-se;
A cidade-dos-rêis dobra à agonia
Por Pio-Nono, que ora sepultou-se,
Chefe conservador da monarchia
A mas perfeita...
(*O Guesa*, Canto XI, 1884, p. 308).

A referência ao centenário de Voltaire, presente nos versos acima, nos aponta para o ano de 1878: “as igrejas de Lima dobrando pela morte do Papa Pio IX” (TORRES-MARCHAL, 2010, p. 9) que correu em fevereiro de 1878. O cronista e escritor Garcilaso de La Vega, em *Comentários Reais dos Incas* (1985), relata que “Rimic o Lima o la Ciudad de los Reyes, todo es una misma coisa”⁴⁶ (LA VEGA, 1985, p. 68), o que nos leva a considerar que “cidade dos reis” presente nos versos acima se refere a capital peruana.

A visita de Sousândrade na cidade peruana durou menos de dois meses, uma vez que em 16 abril de 1878 já se encontrava na cidade chilena de Valparaíso, como se percebe na data da escritura do poeta datado deste ano na referida cidade:

Imagem 3. Assinatura de J. de Sousândrade



The image shows a handwritten signature in dark ink. The signature is written in a cursive, flowing style. Below the signature, the date and location are written: "Valparaíso 16 de abril 1878".

Fonte: TORRES-MARCHAL (2010, p. 9).⁴⁷

⁴⁵ “Há alguns dias atrás tivemos em Lima, como viajante, um dos escritores mais ilustres do Brasil, o Sr. J. de Souza Andrade”.

⁴⁶ “Rimic ou Lima ou a Cidade dos Reis, é tudo uma e a mesma coisa”.

⁴⁷ Nota-se a forma aglutinada que o poeta já utilizava neste período, trata-se da assinatura em uma cópia do *Guesa Errante* (edição de Nova Iorque datada de 1877) deixada na cidade de Valparaíso durante a passagem do poeta.

Além destes registros que acabamos de enfatizar, *O Guesa* nos fornece indicações das andanças do poeta nesses espaços andinos. As datações presentes nos cantos XI e XII d'*O Guesa* indicam que Sousândrade esteve em 1878 no Peru e no Chile, e não em 1885 como afirmou Frederick Williams (1976, p.46); tampouco em 1870 (antes da fixação do poeta nos Estados Unidos), como asseguraram os irmãos Haroldo e Augusto de Campos (1982, p. 652).

Não demorando no Chile, Sousândrade chegava na capital maranhense quatro meses depois.⁴⁸ A imprensa local noticiou sua chegada: “Hontem (16 ago. 1878) chegou de New York por Pernambuco o nosso comprovinciano sr. Joaquim de Souza Andrade” (*Diário do Maranhão*, n. 1507, 17 ago. 1878, p. 2).

No registro de ofício do presidente da província do Maranhão direcionado ao Ministério dos Negócios da Agricultura e Obras Públicas, localizado por Torres-Marchal, podemos encontrar informações sobre a presença do poeta viajante em São Luís durante o período de 1878 e 1880⁴⁹, reiterando, portanto, que Sousândrade não residiu nos Estados Unidos durante exatos quatorze anos (1871-1885), como afirmou a maioria dos estudiosos; ao contrário, o poeta esteve nos Estados Unidos durante dois momentos. A sua segunda viagem aos Estados Unidos ocorreu em 1880⁵⁰, onde permaneceu até 1883.

Do país estadunidense se desloca para a Europa em uma segunda viagem⁵¹ ao continente, “é quase certo que em dezembro de 1883 o poeta se encontrava em Paris, em carta enviada a Joaquim Nabuco, Sousândrade mencionou que visitou Victor Hugo⁵².

⁴⁸ Identificamos despacho em um impresso maranhense datado de 18 de junho de 1878, provavelmente enviado do Chile por um representante do jornal na cidade chilena de Valparaíso, que trazia a seguinte informação: “desejamos ao Sr. Souza Andrade e a sua sympathica filhinha feliz viagem” (*Publicador Maranhense*, n. 188, 18 ago. 1878, p. 02). Sousândrade permaneceu na cidade chilena por dois meses, conforme informa o mesmo impresso: “O distinto poeta brasileiro, Sr. Joaquim de Souza Andrade, que dos Estados-Unidos vem viajando as republicas do Pacifico e Prata, honrou esta cidade (Valparaíso) com uma permanência de dous mezes” (*Publicador Maranhense*, n. 188, 18 ago. 1878, p. 02).

⁴⁹ Segue a informação do ofício: “cidadão Joaquim de Souza Andrade, no sentido de serem libertados, por conta do fundo de emancipação, 100 escravos que possui, nos municípios de Codó e Cururupa (Cururupu), mediante a quantia de 75:000\$, cedendo aquele cidadão em benefício dos mesmos escravos, a título de pecúlio, terras e fazendas, com os respectivos acessórios nos municípios em que eles residem” (*Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil de 1880*, 1881, n.37, p.37 apud TORRES-MARCHAL, 2010, p. 10). O pedido foi negado em 20 de agosto de 1880, segundo Torres Marchal, provavelmente porque estes eram os mesmos ex-escravos a quem Sousândrade e sua esposa deram-lhe suas terras, as de Codó e Cururupu, em celebração a proclamação da República em 1889 (*O Globo*, n. 64, 21 nov. 1889, p.2), como já observamos.

⁵⁰ Sousândrade parte com sua filha para Nova Iorque no dia 27 de setembro de 1880, desta vez no Vapor *City of Pará*. Ver lista de passageiros em TORRES-MARCHAL (2010, p. 10).

⁵¹ A primeira presença do maranhense no velho Continente ocorre entre 1854 a 1856, como já observado.

⁵² Um dos principais nomes do romantismo francês, autor de diversas obras, como *Os miseráveis* (1862), Victor Hugo, além de romancista, poeta e dramaturgo, trilhou o campo da política francesa, sendo eleito para os cargos de deputado (1848) e senador (1876). Citado pelo menos cinco vezes n'*O Guesa*, o escritor

Além disso, em fragmentos do Canto X d' *O Guesa*, o poeta refere-se à hostilidade da recepção das pessoas de Paris com o monarca da Espanha Afonso VII no dia 29 de setembro de 1883, demonstrando que se encontrava na cidade neste mesmo ano. Outro fato importante é que a última e mais completa versão d' *O Guesa*, aqui utilizada, foi publicada em Londres e possui como data provavelmente o ano de 1884. Sousândrade deixa o continente europeu em 1885, quando retorna ao Brasil.⁵³

Os nossos apontamentos, assim como os estudos aqui utilizados neste capítulo, nos remetem a dois pontos principais: primeiro, é extremamente difícil reconstruir a vida de Joaquim de Souza Andrade, o Sousândrade, principalmente devido a carência de documentações que tratem sobre sua vida.

O que nos faz concordar que pouco se conhece sobre Sousândrade, e isso não se deve a escassez de informações sobre o poeta, uma vez que encontramos muitas informações sobre ele, mas grande parte delas sem suporte documental, ou apenas informações desconstruídas e errôneas, como as tratadas primeiramente por Astolfo Marques (1903) e Clarindo Santiago (1932), que levaram alguns biógrafos do escritor, como Frederick Williams (1976) e Carlos Torres-Marchal (2009), a estudarem a vida de Sousândrade na busca por informações independentes além do que já haviam escrito, mas ambos estudiosos chegam a mesma conclusão: muito pouco se sabe sobre o escritor maranhense, e o trabalho de construir a biografia do poeta é um trabalho árduo, semelhante à montagem de um enorme quebra-cabeças, composto por diversas informações fragmentadas, muitas delas sem respaldo documental.

Mas as informações aqui tratadas foram destacadas com alguns aportes documentais e registros de épocas que validam nossos apontamentos sobre as andanças

francês se insere no quadro de intelectuais que influenciaram a épica de Sousândrade, como enfatiza Luiza Lobo (1986).

⁵³ O ano de 1885 é afirmado pelo próprio poeta em *Harpas de Ouro*, - obra póstuma, publicada em 1970 por Frederick Williams e Jomar Moraes em *Inéditos* (p. 3-80) - "O ano da graça, oitenta e cinco, voltando à pátria, [...]". para Carlos Torres-Marchal (2013), a volta de Sousândrade ao Brasil teria sido antecipada devido a crise que levou a quebra da empresa *Burdett & Pound*, responsável pelas despesas da filha nos Estados Unidos e das remessas de dinheiro para o maranhense no exterior. A crise afetou a empresa em agosto de 1884, os responsáveis pela empresa eram Charles P. Burdett e Samuel G. Pound, que venderam seus imóveis devido à instabilidade financeira. Segundo Alessandra Carneiro (2016, p. 62), a empresa suspendeu suas atividades em 1884, contraindo uma dívida de \$300,000, dentre os motivos, o jornal *The York Times* apontou a baixa dos negócios, aliado à crise das colheitas e da borracha no Pará. Outro jornal americano, o *The Sun* (25 out. 1884), informaria a falência do mercado de borracha do Brasil.

do poeta maranhense por alguns espaços europeus e americanos, embora o trajeto do poeta não tenha se limitado apenas a esses espaços.

O segundo aspecto, é que *O Guesa*, principal obra do escritor, se caracteriza como uma “bússola” para estudarmos a biografia do poeta e as direções tomadas por este em suas andanças, e foi com esse intuito que a utilizamos ao longo do capítulo.

Como visto, o fato de denominarmos o poeta como um viajante não foi por acaso, Sousândrade trilhou diversos caminhos pela América e Europa, e esse caráter viajante do poeta caminha de mãos dadas com sua principal obra, que conheceremos nos capítulos seguintes.

Capítulo 2. Sousândrade n'O Novo Mundo: da repulsa monárquica à república do guesa

Tendo em vista o que já foi exposto até aqui, Sousândrade, o poeta viajante trilhou caminhos mundo a fora, e sua vasta obra *O Guesa* é o passaporte de suas viagens, ou mais que isso, é seu diário de viagens, em que impregnou suas ideias, percepções, angústias, enfim, sua visão de mundo por estes diferentes espaços trilhados.

Neste capítulo nosso trabalho focalizará em uma ou melhor duas zonas desse espaço de ideias que o poeta construiu: a repulsa pela monarquia brasileira e a aproximação por um ideal de república.

Para alcançamos tal objetivo, nossas explanações tomarão como referência além d'*O Guesa*, os escritos do poeta no periódico *O Novo Mundo*, de propriedade de José Carlos Rodrigues. Primeiramente, para fins de contextualização, nossos estudos iniciam como ponto de largada o impresso e a figura do seu criador, Carlos Rodrigues - neste caso, vale ressaltar que ao tomarmos esse ponto de partida não iremos produzir uma biografia do fundador do impresso, e sim apresentá-lo parcialmente a fim de conhecê-lo como uma figura que fez parte da rede de sociabilidade de Sousândrade e que o poeta ao se inserir entre os nomes do jornal de Rodrigues certamente compartilhava com as ideias ali tratadas; de forma geral, são essas ideias defendidas pelo jornal que nos interessa. Também não trataremos de analisar *O Novo Mundo*, pois outros trabalhos já realizaram tal tarefa, e ao longo de nossas considerações estaremos os referenciando, da mesma que os autores que já trabalharam com a biografia de Carlos Rodrigues.

No segundo momento aprofundaremos nossos estudos na figura de Sousândrade, nas suas contribuições no jornal de Rodrigues, e apresentaremos as ideias presentes em dois artigos escritos pelo maranhense: *A emancipação do Imperador*, datado de 1871 que se insere no contexto de debate da abolição da escravidão brasileira, sobre a promulgação da Lei do Ventre Livre, e *O estado dos índios*, datado de 1872, artigo no qual Sousândrade traz para o debate a questão indígena. Ambos os artigos seguem como uma crítica ao regime de D. Pedro II; ao apresentarmos esses artigos queremos evidenciar a repulsa do poeta pela monarquia e sua aproximação a um ideal republicano.

2.1 O Novo Mundo de José Carlos Rodrigues

O Novo Mundo propõe-se a “registrar rápida e concisamente, pela letra e pelo desenho, as principais evoluções da Era; A expor e a tratar mais ao comprido as mais importantes questões do dia, especialmente as que tocam aos interesses de ambas as

Américas [...]” (*O Novo Mundo*, n. 01, 24 out. 1870, p. 02). Tais palavras foram expostas por José Carlos Rodrigues, redator e fundador deste que foi o primeiro impresso redigido em português nos Estados Unidos.⁵⁴

José Carlos Rodrigues, assim como Sousândrade, advém de uma família abastada, filho de pais fazendeiros da região de Cantagalo, Rio de Janeiro, e usufruiu da melhor educação disponível naquela época no país (CAMPOS, 2001; CARDIM, 1949; GAULD, 1953; GONÇALVES, 2010; LEÃO, 1944; SILVA, 1991).

Alguns estudos apontam que Rodrigues partiu do Brasil para os Estados Unidos em 1867 ainda muito jovem, e possivelmente sem muitos recursos (CAMPOS, 2001, p.25; SILVA, 2005, p.306). Não se sabe ao certo o que o motivou a deixar o Brasil naquele ano, mas alguns relatos apontam que fora acusado de cometer uma tentativa de estelionato naquele período, o ato teria acontecido quando ocupava o cargo de oficial do gabinete de João da Silva Carrão (1810-1888), então ministro da pasta da Fazenda (JUNQUEIRA, 2019, p. 150)⁵⁵. Contudo, o ocorrido não foi esclarecido, já que Rodrigues não foi localizado para dar os devidos esclarecimentos, uma vez que tempos depois se tem a notícia de que este se encontrava em solos estadunidenses.

⁵⁴ O artigo *Jornalismo americano* publicado no número 21 de 24 de junho de 1872 n’*O Novo Mundo*, traz um censo jornalístico daquele ano, no qual temos a seguinte situação: “O número total de periódicos alemães excede de 300. Os franceses são 23, mais da metade dos quais são da Luziânia. Os espanhóis são 12. Os escandinavos 12, os holandeses 5, os italianos 5, os boêmios 6, os ersas 3. Só há um no cherokee e outro no Português, — *O Novo Mundo*” (*O Novo Mundo*, n. 21, 24 jun. 1872, p. 162). Abrindo um parêntese, na citação acima, notamos que só há um jornal editado em português, no caso *O Novo Mundo*, com relação aos editados em língua espanhola temos 12, entre esses encontra-se *La América Ilustrada*, fundado em 1872 e que também era de propriedade de José Rodrigues. Em 1874, esse jornal foi fundido com outro impresso espanhol editado em Nova Iorque chamado de *El Mundo Novo*, conforme informação extraída do próprio *O Novo Mundo*: “Neste mês, operou-se uma consolidação desses dois periódicos, o proprietário do Novo Mundo e da América Ilustrada tendo comprado a empresa do Mundo Nuevo, e fazendo de dois jornais respectivamente fracos uma folha ilustrada de primeira classe e estabelecida em bases sólidas” (*O Novo Mundo*, n. 44, 23 mai. 1874, p. 143). A fusão dos dois impressos espanhóis de Rodrigues durou até 1875, ou seja, um ano (KARNELLOS, 2000). Sobre o número de tiragem dos impressos, segundo Gabriela de Campos (2001, p. 229), foi em torno de 2.500 exemplares no ano de 1875, mas segundo Mônica Ascitti (2010, p. 23), a informação não é plausível, haja vista que não há fontes que confirmem a informação. Em uma determinada publicação datada do ano de 1875, presente n’*O Novo Mundo*, temos a indicação de 8.360 exemplares no ano de 1874 de *La América Ilustrada*, o que é equivalente a tiragem d’*O Novo Mundo*, se levarmos em consideração Nelson Sodré (1996) que pontua que a tiragem d’*O Novo Mundo* foi de 8.000 e que nenhum outro periódico ilustrado na América do Sul alcançou esse número. George Boehrer (1967) também aborda que o periódico português de Rodrigues chegou ao número apontado por Sodré logo no começo de seu funcionamento, sendo que a maioria dos exemplares ia para o Brasil, além daquelas destinadas aos leitores nos Estados Unidos. Embora Sodré informe a quantidade de tiragem d’*O Novo Mundo* e Boehrer corrobore com isso - além de Charles Gauld (1953, p. 429), ao indicar que o número indicado era “muito significativo naquele tempo” -, não há documentos que comprovem tal número. Sabe-se que, conforme aponta Gabriela de Campos (2001, p. 25), “em uma das faturas enviadas por Rodrigues a seu agente no Rio de Janeiro, há menção de 6.000 exemplares”.

⁵⁵ Sobre esse caso, ver Magalhães Junior (1965).

Residindo nos Estados Unidos, Rodrigues entrou em contato com um conhecido no Brasil, George Whithill Chamberlain, figura religiosa presbiteriana que havia conhecido no Rio de Janeiro por volta de 1864.⁵⁶

Para Charles Gauld (1953, p. 429), foi “Chamberlain que influenciou o espírito de José Carlos Rodrigues quanto ao estudo da Bíblia e do protestantismo”, concepção esta que a pesquisadora Julia Junqueira também reporta, e pontua que residindo no exterior, Rodrigues recorreu às suas habilidades como tradutor, que o possibilitou se manter naquele país:

Logo que desembarcou, ele, então entrou em contato com o amigo George Chamberlain, que ali se achava para concluir seus estudos de teologia e, além deste conhecido, José Carlos procurou os editores da própria American Tract Society, que lhe ofereceram uma vaga de tradutor na organização. Não é demais lembrar que esta instituição evangélica, fundada em 11 de maio de 1825, em Nova York, publicava e divulgava livros de caráter religioso, assunto pelo qual Rodrigues já demonstrava certo interesse. Ademais ao frequentar os corredores da Society, o fluminense ampliou suas relações com protestantes americanos, o que o ajudou muito nesses primeiros momentos em território estrangeiro (JUNQUEIRA, 2019, p. 152).

Deixemos de lado esse aspecto da vida do Rodrigues, o que se conhece é que suas funções não se limitaram a traduzir textos da *Society*. Rodrigues assumiu a ocupação de correspondente de jornais brasileiros nos Estados Unidos, como do *Diário Oficial* do Brasil e, posteriormente, do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, atividades que exerceu até 1890 (GAULD, 1953, p. 429); e não parou por aí, sua atuação como jornalista o permitiu que transitasse entre os círculos de letrados daquela nação: em dado momento já identificamos o brasileiro prestando serviços ao governo estadunidense, quando recebeu o convite de Caleb Cushing (1805-1879), Ministro da Justiça dos Estados Unidos:

José Carlos se mudou para Washington para traduzir documentos americanos referentes ao caso Alabama para uso do juiz brasileiro, o mineiro Marcos Antônio de Araújo – visconde de Itajubá (1805-1884). Tal fato alude-se ao litígio derivado da Guerra de Secessão, ocorrida entre 1861 e 1865. No caso, a questão resume-se às reclamações de pedido de indenização por parte do governo norte-americano à Grã-Bretanha por esta ter dado assistência aos

⁵⁶ Segundo Charles Gauld (1953), Rodrigues no começo de sua carreira pública, por volta de 1864, inicia estudos na língua inglesa com o então amigo George Chamberlain, um estudante estadunidense que residia no Rio de Janeiro desde 1861, Chamberlain, segundo Gauld, veio ao Brasil “em busca de saúde” e não pode regressar a sua Pátria por causa da guerra da Secessão (1861-1865) que assolava seu país naquele momento: “[...] os navios americanos participam da destruição da terrível Guerra Civil durante quatro anos” (GAULD, 1953, p. 428). Com o fim do conflito, o estadunidense regressa ao seu país, onde passou a cursar teologia. Finalizado o curso, retorna ao Brasil na função de missionário da Igreja Presbiteriana. Gauld enfatiza ainda que as atividades do estadunidense no Brasil incluíram a fundação de uma instituição escolar em São Paulo no ano de 1870, que se tornaria tempos depois a Universidade Mackenzie, que aliás conta com um edifício que leva o nome de José Carlos Rodrigues.

estados da Confederação no decorrer da Guerra Civil, quebrando o acordo de neutralidade (JUNQUEIRA, 2019, p. 153).

E foi devido à conformação de uma rede de sociabilidades que Rodrigues foi determinando suas relações e criando vínculos com aquele país. A pesquisadora Alessandra Carneiro (2016), ao explorar as razões pelas quais Sousândrade deixou o Maranhão em direção a Nova Iorque em 1871, aponta para a figura de Rodrigues como um elemento relevante da rede de sociabilidade do maranhense naquela cidade, uma vez que o poeta foi um dos grandes nomes entre os colaboradores d’*O Novo Mundo*.

Nesse aspecto, segundo Carneiro, José Carlos Rodrigues foi uma figura importante no processo de formação de um pequeno grupo de brasileiros que partiam para Nova Iorque, principalmente de estudantes, e ele se valeu do seu jornal para divulgar e incentivar estes jovens a deixarem o Brasil e estudarem nos Estados Unidos, como proferiu Thomaz de Aquino: “o Dr. Rodrigues é incontestavelmente, permita-se dizer, o patrono dos estudantes brasileiros nos Estados Unidos” (*Aurora Brasileira*, n. 8, 20 mai. 1874, p. 61 apud CARNEIRO, 2016, p. 58). Ademais, o então patrocinador dos estudantes brasileiros nos Estados Unidos indicava aos jovens instituições de ensino, principalmente a Universidade de Cornell, e esse fato se deve tanto às palestras proferidas no Brasil pelo professor Frederick Hartt, que era dessa instituição, quanto pelas propagandas sobre a Universidade estampadas n’*O Novo Mundo*, como observou Marcus Freitas:

Mais do que o trabalho de divulgação feito por Hartt, através de conferências e de sua presença no Brasil, a formação daquele elo entre Cornell e os jovens brasileiros contou com a fundamental contribuição de elementos da intelectualidade brasileira, sobretudo de um deles, atuante em Nova York, o jornalista José Carlos Rodrigues, diretor e proprietário do jornal “O Novo Mundo”, além do poeta Joaquim de Souza Andrade, contribuidor regular do jornal e seu vice-presidente entre 1875 e 1879, quando o jornal fechou as portas (FREITAS, 2011, p. 33 apud CARNEIRO, 2016, p. 59).

Esse papel de intermediário desenvolvido por Rodrigues, conectando brasileiros ao país do norte das Américas e formando essa rede de relações, segundo Alessandra Carneiro, caracteriza o que a estudiosa Nathalia Bas (2011) chamou em *Brazilian Images of the United States, 1861-1898: a working version of modernity?* de “Americanização de dentro”.

Dito isso, para a pesquisadora paulista, Sousândrade também se insere nesta rede de socialização conformada por Rodrigues:

Logo, Sousândrade não seria exceção entre os brasileiros que se dirigiam aos Estados Unidos tendo José Carlos Rodrigues como referência. Acreditamos que, com o incentivo de Rodrigues, o poeta maranhense - de antemão nutrido de admiração pela República norte-americana e entusiasmado pelo seu modelo educacional -, fixou residência em Nova York com o objetivo de viver o seu ideal político e educar a sua filha nas “brisas gentis da liberdade”⁵⁷ (CARNEIRO, 2016, p. 61).

Rodrigues cria *O Novo Mundo* em outubro de 1870. Segundo Charles Gauld (1953), o jornalista contou com auxílio financeiro de Hanso Coring, um amigo do jornalista que era empresário do setor de borracha⁵⁸.

A partir de 1875, talvez por motivos financeiros, Rodrigues não consegue manter os trabalhos do jornal sozinho, e decide fundar uma associação: assim nasce a *The Novo Mundo Association* (*O Novo Mundo*, n. 58, 23 jul. 1875, p. 238). Com isso, o periódico não pertencia mais exclusivamente ao seu fundador, como nos destaca um editorial do próprio jornal desse período: “[...] anunciamos hoje uma mudança. *O Novo Mundo*, fundado até há pouco possuído exclusivamente pelo seu próprio Redator, passou desde o dia 10 do corrente a ser propriedade de uma sociedade anônima de responsabilidade limitada, intitulada *The Novo Mundo Association*” (*O Novo Mundo*, n. 58, 23 jul. 1875, p. 238).

Entre os nomes que se tornaram membros dessa associação está Sousândrade, que assumiu a vice-presidência. Como presidente, assumiu William H. Parson, que fora então uma figura importante para a criação e manutenção do impresso: era Parson quem fornecia os papéis utilizados para fabricação do periódico. O número 58 do periódico aponta outros nomes que constituíram a associação:

ALFRED S. BARNES, talvez o mais importante editor de livros de escolas nos Estados Unidos;
Dr. CORNELIUS R. AGNEW, o mais afamado oculista da América, e que representa na diretoria o elemento literário e científico;
Noble HEATH JUNIOR, contador bem conhecido e desde o começo um dos mais decididos e calorosos amigos desta empresa;
FREDERIC F. AGER, jovem advogado de Cambridge, que primeiro de todos aventou a ideia da organização da companhia de que tantos benefícios esperamos para o engrandecimento do Novo Mundo; e finalmente
ALBERT G. GOODALL, Presidente da “Companhia Americana de Notas de Banco” que fabrica o papel moeda do nosso país (*O Novo Mundo*, n. 58, 23 jul. 1875, p. 238).

⁵⁷ *O Guesa*, 1884, Canto X, p. 214.

⁵⁸ Embora Gauld (1953) ressalte isso, não há fontes documentais que sustentem tal afirmação.

A redação do impresso ficava localizada em um escritório no edifício do New York Times, o chamando *O Novo Mundo: Periodico Illustrado do Progresso da Edade*, trazia como logo a ilustração do planisfério com a projeção do continente americano⁵⁹, como podemos observar na figura abaixo:

Imagem 4. Capa do primeiro número d' *O Novo Mundo*



Fonte: *O Novo Mundo*, n. 1, 24 out. 1870, p. 1.

Os elementos que compõem a capa do jornal nos levam a pensar que a ideia do impresso é tratar os fatos recorrentes nas Américas, ou seja, “um jornal das américas para as américas”, precisamente com foco nas experiências estadunidenses como experiências a serem refletidas nas demais localidades do continente; em outras palavras, o impresso de Rodrigues tem por objetivo exaltar as instituições e os feitos do governo estadunidense, como pode-se avistar no editorial do primeiro número:

Depois da guerra intestina dos Estados Unidos, o Brasil e a América do Sul tem procurado estudar profundamente as coisas deste país. "*O Novo Mundo*" propõe-se a concorrer para este estudo, não dando notícias dos Estados Unidos, mas expondo as principais manifestações do seu progresso e discutindo sobre as causas e tendências deste progresso. Admiradores sinceros das instituições deste país não queremos, todavia, americanizar o Brasil nem país algum. Oremos muito na bondade de Deus, e na natureza humana para não fazermos do progresso de um povo a cópia do progresso de outro [...] Não crendo em distinções de raças, para nós, todos os povos são chamados a atingir a mesma perfeição por meio do trabalho e da fé na Providencia. "*O Novo Mundo*," pois, contentai-se-ha em tomar nota do que toca a estes dois meios de progresso; não será mestre, mas expositor; não será juiz, mas servo, da verdade (*O Novo Mundo*, n. 1, 24 out. 1870, p. 2).

⁵⁹ Sobre a qualidade técnica do impresso, precisamente sobre suas ilustrações que ganham destaque nas suas páginas, eram adquiridas de outros jornais, sendo grande parte delas do impresso estadunidense *Harper's Weekly*, que as adquiria de outro impresso, o londrino denominado *Graphics*, como enfatiza o seguinte parágrafo publicado n' *O Novo Mundo*, que sinaliza ainda a variedade de periódicos em outras línguas: “Aos periódicos no Alemão, Francês, Italiano e Espanhol que ora se publicam nesta cidade temos de anunciar presentemente uma folha mensal em Português, O NOVO MUNDO. É do tamanho do *Harper's Weekly*, que o supriu de quase todas, senão de todas as gravuras com que é ilustrada e que a seu turno cada um reconhece como as mesmas originais do *Graphics*” (*O Novo Mundo*, n. 2, 23 nov. 1870, p. 30).

Na nota, o então redator e fundador do jornal lança seu manifesto, esclarecendo sobre os objetivos que nortearão o impresso. O jornalista deixa evidente que, como admirador do progresso e das instituições daquela nação, procurará apresentar nas páginas d'*O Novo Mundo* as causas de tal progresso, exaltando os Estados Unidos como um modelo de nação-progresso⁶⁰ que deveria ser seguido pelas outras nações americanas, entre elas, precisamente, seu país natal, o Brasil. Tal lógica se contraria com a última colocação de Rodrigues, ou seja, por mais que ele enfatize que não pretenda fazer do progresso de uma nação a cópia de outra, ou melhor, “americanizar” o Brasil ou qualquer outra nação, sua tarefa parece ser é exatamente essa.

O Novo Mundo, desta forma, tem um ponto de partida e um foco, um ponto de chegada, isto é, a exposição do crescimento socioeconômico, bem como a educação, o funcionamento das instituições dos Estados Unidos, em contrapartida com a realidade brasileira, sintetizando: tomar o Estados Unidos como um espelho, um modelo de nação para o país sul-americano, para que este pudesse trilhar o caminho do progresso conforme essa diretriz. *O Novo Mundo* afirmará de forma rotineira assuntos que considera serem os obstáculos para o Brasil trilhar tais caminhos: a escravidão, a questão da educação, e a religião - neste ponto, observa-se na citação acima que há nas palavras de Rodrigues um tom religioso, de fato, o jornalista compartilha a sua religião como elemento de suas explicações, afinal ele se identificou com o protestantismo desde quando ainda residia no Brasil e quando se desloca para os Estados Unidos procurou se alinhar a tais preceitos. Para Rodrigues, a fê, a religião seria “um elemento basilar para que houvesse o progresso social” (JUNQUEIRA, 2019, p. 159).

Porém, o fato de Rodrigues se valer da religião nos seus escritos não significava a defesa da implementação de uma religião oficial no país, pois “[...] ao contrário ele declarava ser a favor do Estado laico. O povo deveria ter liberdade para escolher a sua religião e ser livre para cultuá-lo” (JUNQUEIRA, 2019, p. 162).⁶¹

⁶⁰ Dentre os artigos do jornal, destaca-se o “um administrador modelo” (*O Novo Mundo*, n. 1, 24, out. 1870, p. 2).

⁶¹ A religião do antigo regime foi um dos elementos atacados pela dita geração de 1870, conforme Alonso (2002). A união entre a igreja católica e o Estado seria um obstáculo para a nação atingir o seu progresso. Segundo Gonçalves: “[...] a igreja, por meio de seu valor religioso e político, influenciava negativamente na formação e na construção da sociedade brasileira- de acordo com os defensores da cisão. Associado as políticas reformistas ligadas à questão da mão de obra e do progresso, o protestantismo era um elemento central do pensamento político de José Carlos Rodrigues, para ele, a democracia era a base de uma sociedade moderna e civilizada- mas esta deveria ter por base o Evangelho- Cristianismo” (GONÇALVES, 2016, p. 97). Ainda segundo a autora, o jornalista era contrário à ação política da igreja Católica no sistema que mantinha a escravidão, o que contrariaria os princípios de Cristo. Para Boehrer (1967), Rodrigues compreendia que a religião do antigo regime não era só um erro moral, e mais que isso, se configurava

Embora a defesa da implantação de um regime republicano ao Brasil não esteja colocada de maneira explícita nas páginas das 108 edições d’*O Novo Mundo*⁶², alguns estudiosos destacam que o jornal caminha nesta vertente, pois “[...] Rodrigues era abolicionista, republicano, protestante e defensor da educação como promotora do progresso, para ele a Monarquia no Brasil estava fadada ao fracasso” (GONÇALVES, 2016, p. 100).

Porém, cabe registrar a perspectiva presente em outros estudiosos:

[...] todavia, a ideia de implantação do sistema republicano no Brasil não fazia parte do pensamento do cantagalense [...] não que ele fosse um defensor árduo da monarquia, mas, a seu ver, a fundação de um novo regime não poderia ser feita diante de algumas mazelas existentes no país (JUNQUEIRA, 2019, p. 165).

Tal justificativa pode ser entendida da posição tomada d’*O Novo Mundo*, após o lançamento do periódico *A República* (em 1870 no Rio de Janeiro): “[...] cremos sinceramente que República e Escravidão são duas instituições que não podem existir juntas sem mútua⁶³ e constante irrisão [...] é um absurdo político” (*O Novo Mundo*, n. 04, 24, abr. 1871, p. 98). Em que pese essa posição, Rodrigues saudou os redatores por se darem ao trabalho de propagarem novas ideias e se valerem da utilização das “armas pacíficas da liberdade” (JUNQUEIRA, 2019, p. 165) na propagação de tais ideias.

A socióloga Ângela Alonso (2002) o identifica como um liberal republicano, mas para a historiadora Júlia Junqueira (2019) essa colocação é passível de crítica, para ela, o mentor d’*O Novo Mundo* “foi mais um liberal no sentido amplo da palavra”

como um crime político. Sobre a relação entre a igreja e o Estado Brasileiro no século XIX n’*O Novo Mundo*, ver Souza (2017). Sobre a participação da igreja católica e o processo de extinção da escravidão no Brasil, ver Pereira (2011).

⁶² A exaltação à nação estadunidense, assim como as críticas ao regime imperial brasileiro, ganha destaque. Entre os registros mais relevantes podemos destacar o seguinte trecho extraído de um artigo publicado na edição do ano das comemorações do Centenário da Independência dos Estados Unidos (1876), das quais D. Pedro II participaria. Além de destacar que “[...] a grande obra dos Estados Unidos tem sido realizar este verdadeiro princípio social, a democracia, e ensinar ao resto da América e à Europa que ela é a perfeição suprema do governo, que seu regime é o mais apropriado à civilização porque é o mais natural ao homem. Os Estados Unidos têm democratizado o mundo inteiro [...]”, em outro trecho é sugerido que “O Imperador poderia tornar-se o segundo Washington se abdicasse da monarquia em prol do povo, isto é, se restituisse o que só a este lhe pertence” (*O Novo Mundo*, n.64, jan. 1876, p. 74).

⁶³ Abraham Lincoln, republicano, após ser eleito com 40% dos votos e ter recebido o apoio dos estados do norte que eram contra o sistema escravista alimentado pelos do sul, proferiu em 1858 um discurso conhecido como “a casa dividida”, no qual argumentava que era impossível o governo conviver com dualidade, dois sistemas, um escravocrata e outro livre (JUNQUEIRA, 2001 p. 79), Rodrigues como um claro defensor dos ideais republicanos estadunidenses parece alimentar tal perspectiva e isso como veremos é muito comum n’*O Novo Mundo*, de que era insustentável uma possível república no Brasil conviver com a escravidão.

(JUNQUEIRA, 2019, p. 161), e isso se deve ao fato do jornalista ter convivido, dialogado muito bem com todo tipo de personalidade, independentemente de suas posições, como o engenheiro André Rebouças, Joaquim Nabuco e, insiro aqui, Sousândrade, figuras estas que compartilharam suas ideias n' *O Novo Mundo*.

Mas o fato de Rodrigues se reunir com esse grupo no seu periódico evidencia que ambos compartilhavam pontos em comuns, eram contrários ao sistema escravista, defendiam mudanças e olhavam para os Estados Unidos como um modelo que o Brasil deveria seguir, ante os moldes franceses.

Dito isso, não valido a ideia de que “[...] ler *O Novo Mundo* é ouvir uma só voz. É entrar em contato com um projeto de futuro para o Brasil que provém da reflexão/ação pela palavra de um homem que partira só para os Estados Unidos” (SILVA, 2005, p. 306). Por mais que reconheçamos a participação de Rodrigues como fundador do impresso, o seu produto não é fruto de um trabalho individual, este contava com alguns nomes importantes, como os que já citamos acima, o que nos permite considerar que a voz d' *O Novo Mundo* pode até ser sintetizada como um produto único, mas é fruto de um coletivo, de um trabalho coletivo, de sujeitos que compartilhavam ideias, pontos em comuns, eram esses pontos em comuns que os uniam em busca de uma causa.

Em *ideias em movimento*: a geração 1870 na crise do Brasil Império, a socióloga Ângela Alonso (2002) caracteriza *O Novo Mundo* como um jornal “anglo-brasileiro”⁶⁴, pela sua tônica americanista. Ademais, a autora identifica Rodrigues como uma referência para os liberais republicanos no Brasil daquele período, vejamos em que contexto a estudiosa insere o impresso, bem como a figura de Rodrigues e companhia. A autora situa na década de 1870 um movimento político de forte contestação ao regime imperial brasileiro, trabalho que envolve o estudo de cerca de 130 membros dessa geração e suas obras. Embora não focalize Rodrigues, Alonso evidencia que esse movimento de ideias não se apresentou de forma homogênea, mas avistou um ponto em comum nessa dita geração: a crítica ao *status quo* imperial, suas instituições, suas estruturas como a escravidão, a religião e a própria imagem da monarquia.

Tal contextualização permite situar o impresso de Rodrigues em meio a esse debate, tendo em vista que as abordagens do periódico giram em torno dessas discussões,

⁶⁴ Referência para os republicanos liberais, como Bocaiúva (1836-1912) e Salvador Mendonça (1841-1913), nomes do Manifesto Republicano (1870). Mendonça, aliás, foi um dos colaboradores d' *O Novo Mundo*.

desde o primeiro número. Assuntos já citados, como abolição, educação⁶⁵, religião e trabalho ganham força nas publicações do jornal, o que certamente marca a posição do periódico, bem como do seu fundador e dos seus demais membros, entre eles, repito, Sousândrade, que defendia o fim da escravidão e um novo regime para o país.

De certa forma, esses “ismos” (abolicionismo, republicanismo...) dos anos de 1870, que estamparam as páginas d’*O Novo Mundo*, ganharam notoriedade principalmente após a Guerra da Secessão (1861-1865)⁶⁶, que pôs fim a escravidão nos Estados Unidos, e à Guerra do Paraguai (1864-1870)⁶⁷, que pôs em discussão que futuro teria o sistema escravista na nação brasileira, como argumentou Leslie Bethell (1995, p.22):

A Guerra também aguçou as tensões sociais de diversas maneiras, mas, no saldo final, estimulou a causa da reforma social. De maneira bastante significativa, em maio de 1867, D. Pedro anunciou que, após a guerra, seriam tomadas medidas no sentido de emancipar os escravos brasileiros. Fato foi preparado o terreno para o que veio a se tornar a Lei do Ventre Livre (1871), a legislação mais importante que levou à abolição final da escravatura.

⁶⁵ Partindo do pressuposto de que o “verdadeiro progresso nacional consiste em educar o povo” (*O Novo Mundo*, n. 1, 24 out. 1870, p. 3), o tema educacional é bastante recorrente nas folhas do jornal. Em artigo denominado *Ensino público no Brasil*, no número 25, de outubro de 1872, o jornal expõe que a instrução primária somente na então capital do Brasil apresentava aspecto hediondo, a escolarização dos indivíduos livres era insignificante se forem comparados inclusive com o próprio Estados Unidos e com alguns países atrasados da Europa. e o pior ainda se for comparados com as demais nações latinas. Como salienta Bernardo Ricupero (2004, p. 36 apud ASCUTTI, 2010, p. 58): “[...] por volta de 1870, 84,25% da população do Brasil é de analfabetos, 77,9% na Argentina e 77% no Chile”. Outra abordagem do periódico salienta o escasso número de escolas, bibliotecas e livros no país e critica a concentração (desses números) na capital, Rio de Janeiro. Além disso, em diversas passagens, o periódico ao tocar na questão da educação nos países sul americanos ressaltava o atraso do Brasil em relação a países vizinhos, como a Argentina.

⁶⁶ Como argumenta Ricardo Salles, “[...] primeiro lugar, foi efeito do desfecho da Guerra da Secessão (1861-1865) e da consequente percepção, por parte do imperador e de alguns de seus estadistas, de que o Brasil estava agora isolado no cenário internacional como nação escravista. Em segundo lugar, cabe ressaltar que a libertação de escravos para seu recrutamento para a guerra com o Paraguai tornou evidente a fragilidade das bases sociais do Império, em época de crescente mobilização nacionalista” (SALLES, 2017, p. 3).

⁶⁷ Para Francisco Doratioto (2002, p. 483-484), o conflito expôs para o regime imperial brasileiro, a “[...] fragilidade militar, em grande parte estrutural, devido ao regime escravocrata. O Império foi capaz, porém, de superar essa fragilidade, de mobilizar todos os seus recursos e de atingir o apogeu de seu poder no Prata. Saiu vitorioso militarmente e fortaleceu, nessa região, sua hegemonia, que se iniciou na década de 1850 e se prolongou até 1875. No plano interno, o conflito foi o ponto de inflexão que deu início à marcha descendente da monarquia brasileira. Os gastos com cinco anos de guerra exauriram o Tesouro brasileiro e o equilíbrio orçamentário do Império não foi recuperado. O Exército, por sua vez, saiu do conflito com um sentimento de identidade desconhecido anteriormente, forjado com sangue nos campos de batalha. Após o final da guerra, foi crescente a dissociação entre o Exército e a monarquia a ponto de, em 1889, ele ser o instrumento dos republicanos para dar o golpe de Estado que depôs Pedro II e criou a República brasileira”. Ricardo Salles (1990, p. 63) argumenta que é bastante difícil determinar um número preciso de escravos que participaram da guerra, isso se deve às precariedades estatísticas do período, devido sobretudo “[...] ao desejo de se ocultar o quanto uma sociedade escravocrata dependeu de escravos para responder ao chamado de defesa da Pátria, [...] uma coisa é certa escravos combateram na guerra”.

A promulgação da chamada Lei do Ventre Livre citada por Leslie Bethell, como sabemos, é parte de um conjunto mais amplo de debates (e resistências) ao término do cativo, sustento de boa parte das atividades econômicas do país⁶⁸. Ademais, a Guerra do Paraguai é outro termo recorrente nas páginas d’*O Novo Mundo*. Em uma espécie de balanço do primeiro ano da edição do jornal que se findava, tempo que também marcou o fim da Guerra do Paraguai e, com ele, certo “descrédito das instituições imperiais” (ASCIUTTI, 2010, p. 57), o jornal ressaltou que:

Na América do Sul, a guerra do Paraguai ficou concluída com a morte de Lopez. [...] O estudo feito sobre a guerra mostrou o valor dos nomes República do Paraguai e Império do Brasil, o primeiro uma tirania eclesiástica de muitos anos, e o segundo um estado onde as leis, num complexo, não peiam absolutamente o desenvolvimento do indivíduo. Na guerra do Paraguai, em uma palavra, nós aprendemos que devemos cuidar da liberdade em si mesma, sem atenção alguma pelas formas atuais do organismo social. Quase sempre são estas formas propriamente que impedem o progresso; é antes a nossa inércia na contemplação dessas formas e uma ideia exagerada que temos da sua importância (*O Novo Mundo*, n. 1, 23 dez. 1870, p. 34).

Outro elemento importante neste contexto do pós-guerra é o aparecimento do Manifesto Republicano (1870). É neste contexto de profunda discussão sobre os rumos da escravidão, sobre os alicerces da nação, que se insere o impresso de Rodrigues, componente de um espaço de debate de ideias e de proposta de um projeto à nação, como corrobora a historiadora Vanessa Gonçalves (2016, p. 90):

O Novo Mundo foi palco de importantes debates político-sociais em um momento em que havia uma intensa discussão sobre os alicerces da nação brasileira, ou seja, temas como a abolição da escravidão, proclamação da república e também o destino dos escravos estavam recorrentemente sendo colocados em questão por diversos setores da sociedade. Entusiasta do modelo americano e tendo como objetivo interpretar o sucesso da nação, José Carlos Rodrigues difundiu a ideia de que o Brasil deveria seguir os passos dos Estados Unidos, e além disso, colocava em questão os paradigmas europeus, principalmente os franceses, que ocupavam um lugar de referência no país.

⁶⁸ Para Miriam Dolhnikoff (2017, p. 121-122), com a aprovação da chamada Lei do Ventre Livre: “[...] a expectativa no interior da elite política era de que a questão da escravidão fosse considerada resolvida. Afinal, ela estabelecia para o futuro o seu fim. Bastava aguardar o transcorrer do tempo. No entanto, não foi isso que aconteceu. A aplicação da lei foi problemática. Em primeiro lugar, a grande maioria dos proprietários optou por manter os filhos nascidos de suas escravas trabalhando até completar 21 anos, o que significou que a lei não teve impacto imediato significativo. Além disso, muitos proprietários a burlavam ao não registrar os filhos de escravas nascidos após sua promulgação, negando-lhes a liberdade a que tinham direito”. Para outras discussões sobre o movimento abolicionista ver, Alonso (2015); Renato Pinto & Mary Del Priore (2001, p.249- 259.); Emília Viotti (2008); para uma historiografia da escravidão tendo como objeto o protagonismo dos sujeitos da ação escravista, ver Sidney Chalhoub (1990); Maria Machado (1994); Hebe Mattos (1995) e João Reis e Eduardo Silva (1989).

Em 1879, a associação mantenedora e *O Novo Mundo* finalizam suas atividades, Segundo Charles Gauld (1953), as razões para tanto se devem às atividades descontínuas dos paquetes, o que George Boehrer (1967) desconsidera e indica que os trabalhos foram afetados por causa da elevação dos impostos para a entrada de impressos no país⁶⁹.

2.2 Sousândrade e *O Novo Mundo*

Sousândrade aparece no periódico ilustrado em dois momentos. Inicialmente, um ano após a fundação do impresso, em 1871⁷⁰, e depois de 1875⁷¹, quando passa a integrar o grupo da associação mantenedora do jornal na condição de vice-presidente. Ao empossar o maranhense como um dos nomes do jornal, Rodrigues pretendia “reforçar o elemento brasileiro na Associação” (*O Novo Mundo*, n. 58, 23 jul. 1875, p. 238).

Apesar de alguns estudiosos como Gabriela de Campos (2001) apontarem que Sousândrade chegou a ocupar a função de redator n’*O Novo Mundo*, não localizamos no trabalho da pesquisadora, ou no próprio impresso, informações que confirmem tal fato. O que se sabe é que o maranhense fez parte do jornal de Rodrigues nesses dois momentos, sendo o primeiro na condição de correspondente.

Conforme já apontamos, o poeta deixou seu reduto em 1871 quando se dirige em companhia de sua filha para a cidade de Nova Iorque, discutimos algumas razões disso, entre elas, a possibilidade de o poeta ter recebido um convite de José Carlos Rodrigues da mesma forma como Salvador Mendonça⁷² para atuar no impresso, mas como

⁶⁹ *O Novo Mundo* publicava seus números originalmente entre os dias 23 ou 24 de cada mês. Essas datas, segundo George Boehrer (1967, p. 131), coincidem com as datas de saída mensal dos paquetes (navios) para o Brasil (Rio de Janeiro). Quando os serviços dos paquetes terminaram, as datas de publicação de cada edição desapareceram dos cadernos do impresso, passando a contar apenas com o mês e ano de publicação; ainda segundo o pesquisador, a assinatura do impresso contava com uma taxa originalmente de 1\$000, e para um ano de assinatura de 10\$000. A circulação, pequena inicialmente, subiu para 8.000, sendo que a maioria dos exemplares ia para o Brasil – Rio de Janeiro, onde possuía um escritório, localizado na rua Primeiro de Março n. 47- e uma pequena parte para leitores nos Estados Unidos, quase sempre imigrantes das demais regiões da América. Em 1879 o periódico finalizaria suas atividades, Boehrer (1967) argumenta que o jornal foi vítima da lei tarifária daquele ano no Brasil, que elevaria o preço das assinaturas no impresso -uma assinatura subiu para 21\$000-.

⁷⁰ Grande parte dos textos que constituem *O Novo Mundo* não foi assinada pelos seus autores, fato que dificulta a identificação dos textos de sua autoria. Das 108 edições do impresso, identificamos cinco textos assinados pelo maranhense. Para esse primeiro momento, identificamos: *A emancipação do Imperador* publicado no impresso em 24 de novembro de 1871; e *O Estado dos índios*, de 23 de março de 1872. Em ambos os textos o poeta é identificado como correspondente d’*O Novo Mundo*; os demais textos são conteúdos literários, como as *Notas Literárias*, de 23 de agosto de 1873.

⁷¹ Nesse segundo momento, temos: *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*, de 23 de fevereiro de 1876; *Literatura*, de agosto de 1877; *Estrofes*, de setembro de 1877, e as chamadas *Memorabilia*, que segundo Alessandra Carneiro (2016, p. 54) “não é propriamente um artigo, mas a transcrição da apreciação crítica do poeta assinada por Pereira da Silva”.

⁷² Republicano, Mendonça antes de ocupar um cargo na diplomacia brasileira nos Estados Unidos, recebeu convite de Rodrigues: “Não quererá você vir ajudar ao redator de “Novo Mundo”, trazendo seus filhinhos

afirmamos ao longo deste estudo, a carência de documentos é o principal problema no que diz respeito à constituição da vida do poeta d’*O Guesa*.

Aqui, vamos focar em apenas dois textos do maranhense redigido para *O Novo Mundo*, classificados pelos estudiosos como sendo seus únicos textos de teor político neste periódico: *A emancipação do Imperador*, de 1871 e *O estado dos índios*, de 1872. Ao longo de nossa explanação, estabeleceremos articulações com trechos d’*O Guesa*.

2.2.1 Sousândrade: da repulsa monárquica à defesa republicana

Em a *Emancipação do Imperador*, Sousândrade estabelece uma crítica a um artigo publicado por um dos jornais de Nova Iorque, *O Herald*. O conteúdo da matéria diz respeito ao crédito estabelecido pelo jornal ao monarca brasileiro pela promulgação da Lei do Ventre Livre (1871)⁷³: “Leio no *Herald* de 3 de novembro, falando da abolição no Brasil: ‘To ther Emperor, beyond all doubt, more than to any other man- more than to any dozen men- is due the credit of the measures which had for their object and aim the extirpation of human slavery in Brazil’”⁷⁴ (*O Novo Mundo*, n. 14, 24, nov. 1871, p. 31).

Segundo Sousândrade, a frase destacada acima se configura “um riso irônico lançado ao povo brasileiro e uma baforada de incenso ao trono imperial”. Além disso, segundo o escritor, o fato de o impresso atribuir ao monarca tal feito negaria a existência de ideais abolicionistas que já estavam em voga na nação: “brasileiros pensavam nela e nos melhores meios de pô-la em prática”, pois, “antes mesmo da guerra norte-americana e da guerra do Paraguai, era a necessidade pressentida, e possuidores libertavam escravos”. Portanto, tal feito não se deveria atribuir todo ao monarca, pois ele “era o legítimo usufrutuário dos escravos da coroa”, e concluía: D. Pedro II não merece os aplausos por ter se levantado a favor da emancipação e sim “por ter ouvido a voz da nação, que brandava forte”, e continua:

e educando-os ao sol da liberdade americana?” (MENDONÇA, 1960, p.102 apud CARNEIRO, 2016, p. 61).

⁷³ Nesse contexto de promulgação da Lei do Ventre Livre, *O Novo Mundo* publicou no número 13 o artigo *Grande e Modesta Revolução*, que se referia à lei aprovada em 28 de setembro de 1871. O texto é de exaltação, de comemoração, adotando certo tom de exagero: “[...] já não existe mais aquele Brasil moroso, indiferente a seus próprios interesses e desconfiado sempre do progresso; o Brasil de outubro de 1871 é um Estado que já orgulha a seus cidadãos pela determinação pronta e inflexível com que aplica a seu regime político e econômico as lições da moral e da justiça, que a Providência escreve na história” (*O Novo Mundo*, n. 13, 24 out. 1871, p. 2).

⁷⁴ Ao imperador, sem sombra de dúvida, mais do que a qualquer outro homem - mais do que a uma dúzia de homens - deve-se o crédito das medidas que tiveram por objeto e objetivo a extirpação da escravidão humana no Brasil.

Não se iluda o estrangeiro; a abolição da escravidão no Brasil não é uma pressão despolítica do rei contra os súditos; ao contrário, é vontade nacional sancionada pelo governo do Imperador, e que podia ameaçar de queda a monarquia. E basta de mais injustiças contra uma generosa nação que, não sei porque, há de sempre merecer a zombaria vulgar, quando todos os homens da ciência a aman. [...] há outras abolições ainda a fazer, e as iremos fazendo por nós mesmos. Só queremos que nos façam justiça. Pois, ao reinado de Pedro II caberá a glória da emancipação dos escravos no Brasil, como indiferente a mesma glória caberia ao reinado de Pedro XX ou XL (*O Novo Mundo*, n. 14, 24, nov. 1871, p. 31).

Como abolicionista⁷⁵, é evidente a grande contestação do poeta à monarquia brasileira pela causa da escravidão. Sousândrade não poupa as palavras quando se refere ao regime de D. Pedro II, ao defender a abolição não estava apenas concordando com as ideias em voga na nação, nem aprovando o que achava ser o correto, estava defendendo o seu projeto de governo à nação brasileira. Como pode-se ler a partir do Canto X, onde o poeta “[...] convocava os brasileiros a deixarem a Monarquia para aprender com a liberdade dos Estados Unidos in loco, [...] e advogava que a proclamação imediata da República era o primeiro passo para a reforma do Brasil rumo à modernização” (CARNEIRO, 2016, p. 71-75), perspectiva também adotada em *O Novo Mundo*.

Em *O estado dos índios*, Sousândrade se volta desta vez para a questão indígena. O poeta confronta uma informação que lera no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, sua crítica mais uma vez se direciona à monarquia brasileira, que solicitava informações sobre as condições dos povos indígenas da região Amazônica aos presidentes das províncias. Aproveitando essa ocasião, Sousândrade valeu-se da experiência de sua visita àquela região em 1858, conforme já indicamos, e “respondeu” à solicitação da coroa:

[...] às margens dos rios, próximos às cidades, nos pequenos povoados mistos, onde já existem escola e igreja, ao contato da civilização. Mas, que vê-se aí? — É o pároco sem fé, sem religião e sem amor, — profanando grosseiramente o hábito preto, de tanto prestígio em outras eras, falando em juruparis e infernos, ao modo de quando em nome dos céus e do rei eram de tais monstros de além-túmulo resgatados os naturais, por outros não menos horrorosos que em vida tinham de sofrer, — índio às caixumas noturnas, e fazendo da solidão, onde a grande alma do missionário se eleva, teatro sem testemunho de devassidões e infâmias, — e achando a ignorância, e achando a inocência selvagem, que o missionário aproveita para ali estabelecer em toda pureza as bases sociais da religião e da família, boa tão-somente para espojar sem

⁷⁵ Já argumentamos que Sousândrade, se desfez dos escravos que lhe restavam, herdados por sua esposa quando ficou viúva do coronel e fazendeiro de Cururupu, Estevão Pedro de Almeida e Silva, e que em comemoração à implantação da república no Brasil, chegou a doar terras aos libertos. Sousândrade financiou ainda a alforria de outros escravos, como expõe Carlos Torres-Machal (2014, p.16): “Sousândrade contribuiu para financiar a alforria de outras meninas escravas, em campanha promovida, no dia da festa de São Benedito, por Antônio Marques Rodrigues, fundador da Sociedade Manumissora Maranhense”.

dificuldade o corpo; vê-se o mestre-escola, quase sempre um idiota que já de todo não presta nem serve para as coisas da cidade, que além de estúpido e sem poder interessar-se pela educação das crianças, evitando-se até e apenas fazendo jus ao ordenado do governo; vê-se o mercador ambulante em um comércio, que só com o índio se faz, de mil coisas sem valor nem utilidade, a troco de muita borracha, muito cacau, muita salsa, fruto às vezes de todo ano de trabalho, e por tal sorte tornando os compadres caboclos de dia em dia mais esquivos, desconfiados e até ladrões e traiçoeiros, qualidades que não tinham antes da civilização (*O Novo Mundo*, n. 18, 23 mar. 1872, p. 102).

O poeta identifica tal situação como deplorável, devido à má competência do próprio governo. Desta forma, para o escritor, o governo de D. Pedro II ao se descuidar com aqueles povos continuava promovendo a destruição dos mesmos, iniciada pela colonização portuguesa no século XVI, pois, ao solicitar as informações sobre a situação daqueles povos a coroa estaria: “[...] revelando o desejo de dirigir suas vistas colonizadoras também aos selvagens” (*O Novo Mundo*, n. 18, 23 mar. 1872, p. 102).

Em suma, no artigo o escritor enfatiza que o estado dos índios naquela região é de degradação, e que isso se deve precisamente às ações da própria coroa, pela falta de assistência a estes sujeitos e avanços de povoamentos naquelas regiões, e que o estado deplorável dos indígenas se deve também a presença e ações de três sujeitos naquela região: o pároco, pelos seus maus ensinamentos, pela profanação de uma religião falsa; o mestre-escola, encaminhado à região pelo império; e o mercador ambulante, que se aproveitava da inocência dos índios pra lhe enganar. Tais ideias foram assim sintetizadas por Daniel Reinato:

Ao pároco é atribuída a prática de uma religião “falsa”, que nada tem a oferecer aos indígenas, pois não tem nem “fé” nem “amor”. O poeta destaca que a utilização das práticas religiosas por esses “homens de deus” é apenas um artifício para a manipulação dos índios em sua “inocência selvagem” [...] O papel do mestre-escola enviado pelo governo a essa região é paradoxal. Isso porque, pago pelo governo para levar o conhecimento às crianças que ali habitam, foge de suas obrigações. O poeta não mede palavras para dizer quanto esse personagem é inútil, pois “quase sempre é um idiota” que não tem nenhuma função social: nem para exercer o cargo que deveria ocupar, nem para qualquer outra serventia para a cidade, [...] o “mercador ambulante”, que se aproveita da ingenuidade do índio para explorá-lo, trocando bugigangas sem valor pelos produtos que os selvagens extraem da natureza. O poeta elenca que a borracha, a salsa, o cacau e outros frutos às vezes têm a produção de um ano inteiro “usurpada” por esses mercadores sem escrúpulos, o que corrobora para a destruição da moral dos indígenas. Sousândrade compõe o retrato do alto Amazonas como uma terra sem lei, onde os mais fracos — nesse caso os índios — sofrem todo tipo de enganação e não possuem nenhuma assistência (REINATO, 2008, p. 123-124).

Como já observamos, a repulsa do poeta pela monarquia brasileira não ocorre de fato nos anos de 1870. Sousândrade a alimenta desde o ano de 1853, quando se encontrava

sem recursos financeiros na corte do Rio de Janeiro, e recorreu ao imperador na tentativa de conseguir algum recurso, pois perdera seus pais muito cedo e com eles se foi sua herança. O escritor deposita suas esperanças no monarca, a fim de receber a proteção e o incentivo dos seus estudos⁷⁶:

‘Por qe desesperar? Filhos do império,
Temos nós um monarca verdadeiro,
Das letras protetor, um grande coração’.
De um palácio as escadas eu subindo,
Veio então paternal, o ar elegante,
Deu-me a beijar a mão- será Fomogatá?
E o empréstimo pedi da minha educação.
Me apraza o príncipe à seguinte audiência
(*O Guesa*, 1884, Canto VI, p. 138).

Alimentando as esperanças, Sousândrade é recebido novamente para uma segunda audiência, mas ainda não obteve o que almejava, e vê que precisará de uma terceira visita:

Nem faltou ele ao prazo. ‘À outra audiência;
Já tomei o seu nome:’ com prudência
Responde-me e se vai, num dia de calor.
“Adolescente o Guesa, tinha pressa
O protetor a andar, que vinha do jantar.
Órfão, com fome, então pela memória
Passaram-me os banquetes da Vitória,
(*O Guesa*, 1884, Canto VI, p. 138-139).

Na terceira tentativa, o poeta d’*O Guesa* se depara com a mesma situação anterior: “...A mesma coisa: ‘Já tomei seu nome, Para indagar’... O diabo assim consome O tempo que, de Deus, temos para viver!” (*O Guesa*, 1884, Canto VI, p. 139). O que lhe resta? Lamentação:

Descrer eu pude então. E que fazer? me rir?
“Chorei! [...] Chorei minha nação.
- Quem são maus, os escravos? Os senhores!
- Quem, os povos? Os ruins imperadores!
(*O Guesa*, 1884, Canto VI, p. 139).

Como se percebe após três tentativas sem sucesso, Sousândrade se frustra por não ter alcançado o seu objetivo. Para Frederick Williams, esse episódio ocorrido por volta

⁷⁶ As lembranças, a seguir reproduzidas estão presentes no Canto VI que foram escritas, conforme Lobo (1986, p. 58-59) entre 1852 e 1857 publicadas pela primeira vez em 1876 (fragmentos) na edição novaiorquina do *Guesa Errante* e posteriormente integralmente na edição definitiva de Londres de 1884, mas no Canto X (p. 207), datado inicialmente de 1873, e publicado primeiramente em 1877 em Nova York (contendo o fragmento núcleo *O Inferno de Wall Street*) e definitivamente também em 1884 na cidade de Londres, o escritor também relembra esses acontecimentos.

de 1853 é um elemento que não demonstra apenas o descontentamento do poeta com a monarquia brasileira, mas foi o que alimentou sua em favor da implantação da República: “[...] a repulsa de Sousândrade à monarquia talvez tenha sua origem na recusa de D. Pedro II em lhe dar o amparo que pedira” (WILLIAMS, 1976, p. 118). Segundo o pesquisador, essa oposição do poeta ao regime também é percebida no Canto VI, ao escrever que: “abriram-lhe os olhos e agora via que a corrupção tinha origem na monarquia”. No fragmento, é notável o toque na questão da escravidão, e na própria questão religiosa:

Olhos de pranto. O rei tem vasta escravidão.
 “Eu vi da primavera os trovadores
 Vendendo as áureas liras aos senhores
 Por menos ou por mais, e o gênio decair;
 Vulgares ambições, letras descrentes,
 Artes famintas; e na luz somentes
 A posição reinar, o cortesão sorrir;
 “Pelas formas a língua abastardada,
 Palavrosa; a ciência, intitulada;
 Artificial a igreja, o Cristo era barão;
 Via-se o baixo império, uma existência
 Qual principiada pela decadência,
 Qual de um povo o crescer pela dissolução.
 “E aqueles que o caráter não perdiam,
 Fugindo para o exílio, s’escondiam;
 Ou da pressão moral (digamos desmoral)
 Das trevas perseguidos... um galante
 Dos guardas nacionais, era bastante
 Para insultar a um homem... homem-criminal.
 (*O Guesa*, 1884, Canto VI, p. 140).

Sousândrade não termina sua batalha por aí. No ano de 1876, D. Pedro II deixava o Brasil para participar das comemorações do Centenário da Independência dos Estados Unidos⁷⁷. Nessa ocasião, chegou a visitar as instalações d’*O Novo Mundo*, mas Sousândrade preferiu não estar presente na ocasião (*O Novo Mundo*, n. 72, set. 1876, p. 267).

N’*O Guesa*, há pelo menos cerca de vinte e quatro menções ao termo “República”, grande parte centrada nos últimos cantos. Sousândrade se demonstrava assim, como José Rodrigues e outros do seu círculo d’*O Novo Mundo*, um simpatizante do modelo do governo estadunidense.

⁷⁷ A imagem da monarquia na exposição universal de Filadélfia em 1876 foi um dos assuntos tratados por Sandra Pesavento (1994); Marcus Kelli (2020) e Jorge Marcelino (2021).

Conforme Ramon Ferreira (2015, p 30), nos cinco primeiros cantos da edição definitiva da obra do maranhense, que remontam ao ano de 1858: “não há neles nenhuma menção à queda da Monarquia e a campanha republicana”,⁷⁸

no que concordamos, conforme vimos nos fragmentos anteriores do Canto VI percebe-se grande referência do escritor à monarquia brasileira.

Em fragmentos do Canto IX, datado de 1871, período da travessia em direção aos Estados Unidos, observamos uma nova perspectiva em relação ao regime monárquico brasileiro. O escritor, valendo-se da voz narrativa: “[...] confronta os benefícios da opção pela República em outros Estados americanos, como o Peru, o Chile e o México” (FIORUSSI, 2014, p. 508) e efetivamente, quando o poeta viajante entra em contato com o território mexicano durante sua travessia em direção aos Estados Unidos em 1871, exalta fatos históricos daquela nação: sobre a batalha de Querétaro de 1867, em que as forças republicanas venceram o imperador Maximiliano, Sousândrade saúda Benito Juárez pelo feito e aproveita para atacar o regime brasileiro:

Nação existe lá, que vezes dorme
Supersticiosa vã e a opróbrio endure;
Veze desperta, e turbulenta e enorme,
Semelhante ao seu golfo, então recobra
E mais brilhante o já perdido indulto —
Tormenta! e nave imperial soçobra,
E em Queretaro um rei tomba insepulto!
Caem Cortez enfim, que são traidores,
Cora, Brasil, do reconhecimento
Teu ao domínio do invasor estranho
No continente nosso; e em teu momento
Pensa, no error estólido e tamanho!
Mas, às festas do sangue e dos espólios
Dos lobos d'além-mar vêm os jaguares —
São-lhes próprias montanhas, capitólios;
Era Guatimozim... mas é Juárez !
(*O Guesa*, 1884, Canto IX, p. 181).⁷⁹

⁷⁸ Nem poderia haver. Em 1858, essas questões ainda não estavam em voga.

⁷⁹ André Fiorussi (2014, p. 509) esclarece que em “[...] passagens como essa, percebe-se que Sousândrade usa a descrição das repúblicas hispano-americanas como termo de comparação para atacar o regime imperial do Brasil. Porém, o interesse do assunto estrangeiro não se esgota aí. Em boa parte de sua vasta extensão, o poema de Sousândrade consiste numa sucessão de quadros paisagísticos, lendários e históricos da América”, aspectos estes que abordaremos no próximo capítulo.

Nesse ponto, começa a alimentar “[...] certa simpatia pela república estadunidense⁸⁰ e noções de democracia e liberdade” (FERREIRA, 2015, p. 96), passam a ganhar destaque em seus versos:

— Livre terra! onde à luz da liberdade
Os raios Franklin subjugou dos céus;
Venceu Fulton do mar a tempestade;
E Washington disseras ser um deus!
(*O Guesa*, 1884, Canto X, p. 190).

Em síntese, *O Novo Mundo*, de fora do Brasil, não deixou de debater as questões que estavam sendo discutidas no campo sociopolítico brasileiro. Mais do que debater, o jornal assume a defesa de um projeto de futuro para o Brasil, que abrangia o fim da escravidão, que alimentava a estrutura socioeconômica do país, o estado laico e a implantação da república.

Com o intuito de apresentar a “receita” para o progresso nacional, o impresso toma como experiência os Estados Unidos, contraponto ao modelo europeu. Trata-se, de algum modo, de uma disputa de modelo de nação entre o velho e novo mundo, em suma, o projeto impregnado no impresso pode-se resumir no seguinte raciocínio: “[...] tenha-se a coragem de livrar o Brasil da religião, do Estado, da escravidão e do papel-moeda, e em poucos anos seu progresso e sua prosperidade serão comparáveis aos desta República dos Estados Unidos” (*O Novo Mundo*, n. 107, nov. 1879, p. 251).

Ao longo de seus nove anos de existência, o jornal esteve ativo no campo de debates brasileiro, precisamente aqueles que tomaram corpo após a Guerra do Paraguai, e que evidenciaram a necessidade de discutir os rumos da nação, principalmente no que diz respeito ao próprio regime escravista que sustentava o regime da época. Nesse âmbito, a figura de Sousa Andrade toma como partido o círculo d’*O Novo Mundo*, o maranhense defendia incansavelmente o fim da escravidão e a adoção de um novo regime de governo para a nação brasileira, pois para ele o grande obstáculo para o progresso da nação não era apenas a escravidão e sim o sistema de governo. Assim, o poeta se aproxima do modelo de república estadunidense como sendo o ideal para o seu país natal.

Todavia, ao que parece Sousa Andrade não alimentará por muito tempo tal ideal. Como apontaram alguns estudiosos, o maranhense não glorificava totalmente a república estadunidense: “[...] como vice-diretor, Joaquim de Sousa Andrade- o Sousa Andrade- que,

⁸⁰ Conforme Luiz Lobo (1986, p. 33), foi nesse período (1871-1874) residindo em Nova Iorque que Sousa Andrade passou a “[...] imprimir cunho eminentemente democrático e republicano aos últimos cantos de *O Guesa*”.

ao contrário de Rodrigues, não era completamente um entusiasta do progresso norte-americano” (CAMPOS, 2001, p.21), pois “[...] mesmo sendo um admirador do progresso americano, vivia desconcertado com a imensa onda de corrupção que tomava o país” (CAMPOS, 2001, p. 42). Por mais que o poeta viajante louvasse alguns elementos daquela nação, encontrara graves falhas naquele mesmo sistema e as evidenciara, por exemplo, no fragmento núcleo do Canto X denominado de “*O Inferno de Wall Street*”. No capítulo seguinte, além da questão do americanismo da obra, o foco recairá nas críticas que fizera ao sistema, e no quanto comprometiam aquele projeto de nação-república.

Capítulo 3. O americanismo d' *O Guesa*

Um dos cantos mais estudados do poema *O Guesa*, sem sombra de dúvidas, é o fragmento do Canto X denominado *O Inferno de Wall Street*. O historiador Ramon Ferreira (2015), dedicado ao estudo da obra, percebeu que a tímida gama de trabalhos sobre o poema gira em torno deste fragmento, fato que limita novos estudos sobre outras faces do poema. As colocações do historiador recebem nosso crédito, mas o motivo destes pesquisadores, grande parte linguistas e críticos literários, acabarem direcionando suas lentes para esse fragmento específico se devem ao emprego dos ditos elementos inovadores na escrita da obra, aqueles caros aos estudos literários, já tão discutidos e que não conformam o foco desse estudo.

Nosso objetivo neste capítulo é estabelecer um diálogo que toma dois caminhos: primeiro queremos apresentar alguns aspectos gerais da obra, seguindo com a apresentação das características que classificaram *O Guesa* como um poema de temática americana; mergulharemos desta forma em algumas passagens do Canto X, apontando algumas dessas temáticas americanas que o poeta resgata nos seus versos. Queremos apresentar, com base no fragmento *O Inferno de Wall Street*, as críticas que o poeta faz a alguns aspectos daquela sociedade em que estava inserido e pautando-nos nos estudos de Alessandra Carneiro (2016) mostraremos que Sousândrade apesar de suas críticas no fragmento do canto X, não se frustra com os ideais estadunidenses.

No segundo momento, mergulharemos nos textos presentes na epígrafe da obra que fazem alusão ao seu título, *O Guesa*, e apontaremos que o personagem do poema por vezes assume o papel do seu autor. nesse caso observaremos a presença da escrita do poeta com alguns ideais que percorreram o século XVIII e atravessaram o XIX, trata-se da exaltação de certos valores da sociedade incaica, nesse ponto tomaremos os apontamentos defendidos por dois pesquisadores um paulista, Haroldo de Campos (2001) que defende a ideia de que o poeta d' *O Guesa* se tornara um seguidor de tais valores incaicos difundidos por cronistas, precisamente por Inca Garcilaso de La Vega, perspectiva que também é compartilhada com certa cautela pelo italiano Claudio Cuccagna.

3.1 Um poema pan-americano: a América n' *O Guesa*

O Guesa é um longo poema de treze cantos, de temática americana, com uma escrita densa carregada de neologismos e fusão idiomática, o que caracteriza uma

complicadíssima leitura para qualquer um (FIORUSSI, 2014, p. 507). Sabe-se que o poema é composto por uma soma de treze mil versos distribuídos de forma desigual entre seus treze cantos, sendo que alguns desses cantos ficaram inacabados⁸¹.

A criação da obra levou uma expressiva quantidade de tempo por parte de seu criador, é fruto de um trabalho demorado, denso, de longos anos de contato com culturas diferentes, de convivências diferentes; não é à toa que *O Guesa* levou cerca de trinta anos para ser produzido, mesmo que em formato inacabado.

Segundo alguns dos principais estudiosos (CAMPOS, 1982; LOBO 1986; WILLIAMS 1976), trata-se de uma obra de cunho autobiográfico, haja vista que nas composições dos versos o autor traça aspectos de suas andanças em vários momentos de sua vida e em distintos lugares, como pontuamos no primeiro capítulo deste trabalho. Em suma, obra é fruto de um conjunto de experimentações do poeta, de seus trajetos dentro de um recorte cronológico de quase trinta anos, grande parte deles em território americano. Tais considerações nos permite destacar que a escrita da obra caminha de mãos dadas com o trajeto de seu criador; mais que um viajante, trata-se de um poeta-guesa.

Essa obra foi sendo gestada aos poucos e em diferentes momentos, o que explica o fato de o poeta ter publicado *O Guesa* em partes. Os primeiros cantos, por exemplo, foram publicados inicialmente em 1867 em São Luís, no jornal *Semanário Maranhense* que trazia fragmentos do canto II nos seus números: um (1 set. 1867), três (15 set. 1867), cinco (29 set. 1867) e sete (13 out. 1867). Na edição de número quarenta e oito do ano seguinte (26 jul. 1868) surge o fragmento do canto I; nesse mesmo ano, Sousândrade publica o primeiro volume de *Impressos*, que trazia além de outras poesias, uma versão ampla dos cantos I e II publicados no jornal maranhense.

Segundo Luiza Lobo (1986, p. 42), foi nesse primeiro volume de *Impressos* (publicado em São Luís no ano de 1868) que Sousândrade apresenta pela primeira vez uma epígrafe alusiva ao termo *Guesa errante*, que havia extraído de um texto que tratava sobre elementos da cultura indígena muísca-colombiana e a inca-peruana. Esse texto estava inserido na enciclopédia *L'Univers* do escritor francês Ferdinand Denis, mas Sousândrade cometera um erro ao atribuir como autoria do texto ao próprio Ferdinand Denis, quando na verdade pertencia a C. Famin. foi o próprio Denis que repara isso e conserta o equívoco do poeta ao lhe enviar uma correspondência.

⁸¹ “Ficam interrompidos os Cantos VII, XII, XIII do poema do Guesa” (*O Guesa*, 1884, p. 350).

Em 1869, Sousândrade publica o segundo volume de *Impressos*, também em São Luís, trazendo o Canto III, incompleto. Este mesmo volume integrava a coletânea de *Harpas eólias* (1870)⁸², que na verdade tratava-se de uma segunda edição de *Harpas selvagens*, o então primeiro livro do poeta, publicado em 1857 no Rio de Janeiro (CUNHA; QUADROS, 2019, p. 53). Luiza Lobo, autora dessa observação, notou ainda que a segunda parte da obra *Impressos* (1869), encadernada junto com a primeira, tratava-se de uma segunda reimpressão de *Harpas selvagens*, acrescida por dois cantos d’*O Guesa errante*, o III e o VI:

Encontrei um livro ainda desconhecido de Sousândrade, intitulado *Harpas eólias*, de 1870. Na verdade, este volume é uma segunda edição de *Harpas selvagens* (1857) e inclui apenas dois poemas novos, que foram mais tarde publicados em *Eólias*, de *Obras poéticas* (1874). A segunda parte do livro, *Impressos* (1869), encadernada junto com a primeira, é, na verdade, uma reimpressão de *Harpas selvagens*, mas tendo agora, além do canto III do *Guesa errante*, o canto IV, que aparece assim pela primeira vez (LOBO, 1986, p. 42).

Em sua estadia em Nova Iorque, Sousândrade publica dois volumes de *Obras poéticas*, o primeiro em 1874 e o segundo em 1876 no qual o denomina de *Guesa errante*, que trazia as chamadas “*Memorabilia*”, os cantos V, fragmento do VI e o canto VII, e as erratas aos seguintes cantos: V e VII. Sousândrade publica novamente o *Guesa errante* no ano seguinte (1877), desta vez trazia além das “*Memorabilia*”, os mesmos cantos presentes na edição anterior e trazia pela primeira vez o canto VIII (LOBO, 1986, p. 50).

Para Lobo, a necessidade de incluir na última edição (1877) o episódio, ou fragmento em versos *limerick*⁸³ presente n’*O Inferno de Wall Street*, canto VIII, pode ser a explicação de uma segunda edição d’*O Guesa errante*, que posteriormente na edição londrina de 1884 é renumerado como Canto X.

Sobre a edição de Londres, o poeta o intitula apenas de *O Guesa*, pelo fato de ter obtido conhecimento de que o termo *O Guesa* já carregava consigo o adjetivo de errante ou o sem lar. Ainda sobre essa última edição, datada possivelmente de 1884, percebe-se que o fragmento do Canto VI presente na edição de Nova Iorque se torna nesta edição londrina o Canto VIII, um fragmento do VII passa a ser o Canto IX na edição londrina e

⁸² *Harpas eólias* foi localizado por Luiza Lobo no acervo da Cornell University Library.

⁸³ *Limerick*, recurso poético de origem na literatura inglesa, em que os versos 1, 2 e 5 são geralmente maiores e rimam entre si, e os versos 3 e 4, geralmente menores, também rimam entre si, seguindo um esquema de rima “ABCCB”. Luiza Lobo (1986) aprofunda o uso desse recurso utilizado por Sousândrade presente na organização dos cantos II e X, da mesma forma como os irmãos Campos (1982) e grande parte dos autores que estudaram a obra do escritor posteriormente.

o Canto VIII se torna o X (contendo o fragmento núcleo denominado de *O Inferno de Wall Street*). Esse aspecto de reestruturação “parece buscar soluções para os problemas advindos da expansão do poema, especialmente a articulação da sequência dos Cantos em relação ao desenrolar narrativo e a dificuldade em manter a coerência de suas complexas ligações intratemáticas” (CUNHA; QUADROS, 2019, p. 57).

O escritor peruano Ricardo Palma, em 1890, considerou o seguinte: “[...] La Araucana, de Ercilia, O Guesa errante, de Souza Andrade e Tabaré son lons poemas que, em mi concepto, satistacen mas cumplidamente el ideal del americanismo literário” (PALMA, 1900, p. 129). Tal declaração por parte do escritor causou até estranheza entre os leitores da época e até mesmo nos estudiosos sousandradinos, pois como uma obra praticamente desconhecida de um autor desconhecido foi encontrar lugar entre as demais obras “conhecidas e admiradas por seus leitores”? (WILLIAMS, 1976, p. 149).

Para o pesquisador Frederick Williams (1976, p. 149), não foi o elemento americanista da obra o responsável por tal prestígio apontado por Palma, e sim os elementos modernistas que possibilitaram ao autor captar, nas palavras de Williams, o “espírito e licencioso” da conhecida era moderna ou idade dourada estadunidense, elementos estes que constituem alguns fragmentos da obra, como *O Inferno de Wall Street*, do Canto X.

Esse então famoso *O Inferno de Wall Street*⁸⁴ do Canto X da edição definitiva d’*O Guesa* foi escrito por volta de 1870 em Nova Iorque e publicado lá mesmo em 1877, na edição d’*O Guesa errante*, foi gestado por Sousândrade em um contexto de grandes mudanças dos Estados Unidos, na então conhecida Idade Dourada ou Gilded Age⁸⁵, que correspondia a um período de grandes transformações no cenário econômico do país, caracterizado pela gestação das grandes fortunas, das companhias ferroviárias, da

⁸⁴ Não pretendemos fazer uma análise ampla de todo o fragmento, haja vista que nosso espaço é limitado, mas abordaremos algumas passagens do fragmento pra fins de contextualização do nosso estudo. Neste caso, nosso foco é apresentar alguns versos a fim de evidenciarmos que este fragmento, gestado no calor dos acontecimentos da idade dourada estadunidense, expressa o desgosto do poeta, que não viu com bons olhos o clima de conturbação social, os crimes, os escândalos, os casos de corrupção que assolavam o governo daquela república tão louvada pelo poeta e pelo círculo d’*O Novo Mundo*.

⁸⁵ A idade Dourada ou Gilded Age estadunidense, assim conhecida, foi um período de rápido crescimento econômico nos Estados Unidos durante os anos 80 do XIX, marcado pela formação de grandes setores industriais, cartéis, monopólios no setor ferroviário, aumento de fortunas envolvendo casos de corrupção, exploração de trabalhadores e crises sociais. O termo é uma crítica a esse período, derivado do romance *The Gilded Age: A Tale Of Today*, de Mark Twain e Charles Warner, escrito em 1873. Existem inúmeras obras sobre o período em língua inglesa, entre as quais: Alan Axelrod (2017), William A. Link (2012).

urbanização, da especulação financeira e também das agitações sociais, dos escândalos de corrupção que abalariam o governo do presidente Grant⁸⁶.

(O GUESA, tendo atravessado as ANTILHAS, crê-se livre dos XEQUES e penetra em NEW YORK STOCK EXCHANGE; a Voz, dos desertos:)⁸⁷
 — Orfeu, Dante, Eneias, ao inferno
 Desceram; o Inca há de subir...
 = Ogni sp'ranza laciare,
 Che entrate...
 — Swedenborg, há mundo porvir?
 (*O Guesa*, 1884, Canto X, p. 231).

Os versos supracitados inauguram o então famoso fragmento aqui referenciado. Nos versos, Sousândrade vestido no seu personagem, Guesa, percorre o Suna, e livre dos Xeques, sacerdotes que na tradição muísca perseguem o guesa no ritual para o sacrifício, como veremos mais a frente, entra agora no país do norte das Américas, tendo atravessado as Antilhas chega então em Nova Iorque, na bolsa de valores (New York Stock Exchange), onde o personagem se deparará com a rotina dos investidores. Como um mero observador, Sousândrade expressará nos seus versos suas angústias e visões sobre aquele espaço. Ainda com relação a esses versos, segundo Frederick Williams (1976, p. 186), a expressão “voz dos desertos” soa como “ecos de João Batista pregando o arrependimento, também se refere ao Guesa, que vem dos desertos do Maranhão”⁸⁸. O poeta evoca ainda figuras literárias:

⁸⁶ Natural de Ohio, Ulysses Grant marcou presença na luta contra o México sob o comando do general Z. Taylor (presidente dos Estados Unidos entre 1849-1850), durante a Guerra Civil Americana de 1865. Foi comandante geral (nomeado por Lincoln), e liderou as tropas da União à vitória. Devido às suas conquistas nas guerras, Grant passou a ser visto como uma figura importante nos Estados Unidos, e posteriormente foi eleito presidente da nação (1869-1877). Como presidente Grant aceitava “grandes presentes” de seus admiradores, seu governo foi marcado por conturbações e inúmeros casos de escândalos de corrupção que ganharam as páginas dos jornais da época, e os versos de *O Guesa* de Sousândrade.

⁸⁷ Segundo nota de Luiza Lobo (2012, p. 583): “O Inferno de Wall Street, na Bolsa de valores de Nova York, em versos satíricos em *limerick* ou de *nonsense*, com efeito de carnavalização e dissolução da épica clássica. As estrofes são precedidas de didascália, indicação para a movimentação dos atores, em prosa, entre parênteses. O travessão duplo indica uma segunda voz que dialoga com os versos de travessão simples e com aspas simples. Esse episódio de cunho dramático abre-se com os versos da Divina comédia, de Dante (1932-33) e referências ao mito de Orfeu e a Eneida, de Virgílio: “— Orfeu, Dante e Eneias, ao inferno / Desceram; o Inca há de subir...”. Incluem ainda figuras históricas, políticas e literárias importantes e outras secundárias, dentre as quais especuladores na Bolsa e diretores de empresas envolvidos em escândalos financeiros, principalmente nas ferrovias, fatos retirados do noticiário dos jornais *The Sun*, *New York Herald* e outros, indicando a decepção do poeta com o capitalismo, a democracia e a república do norte”.

⁸⁸ Como na maioria das vezes, como salientamos, Sousândrade se reporta ao seu berço de nascimento em seu poema. Em “Meus nove anos n’aldeia” de *Harpas Selvagens*, o poeta identifica sua terra natal como desertos: “nos desertos do Pericumã...” (HS: 262 apud WILLIAMS; MORAES, 1970, p. 199).

que já desceram ao inferno, e profetiza que o Inca, i. e., o Guesa, uma nova figura literária será redimido do inferno e vitorioso sobre seus inimigos⁸⁹. Uma versão corrupta da inscrição que aparece sobre a porta do inferno de Dante é apresentada em italiano ⁹⁰e finalmente ao visionário do século XVIII, Swedenborg, é perguntado se novos mundos virão (WILLIAMS, 1976, p. 1876).

Ao longo d'*O Inferno de Wall Street* personagens e figuras históricas vão sendo evocadas pelo poeta, sendo alguns destes presentes no campo sociopolítico dos Estados Unidos que ganharam ênfase em matérias da imprensa estadunidense, como em *O Novo Mundo*. Por estarem envolvidos em escândalos e casos de corrupção, Sousândrade as insere “lado a lado no Hades financeiro de New York” (CARNEIRO; CAMILO, 2010, p. 104); entre os nomes, constam personagens, como: “Mistress Tilton”, acusado de adultério; “Sir Grant” referência ao presidente Grant, que se envolveu em casos de corrupção durante o seu governo; e “Sir William Mary Tweed”, empresário do setor ferroviário, acusado de desvios de recursos públicos - todos estamparam as páginas dos impressos daquela época “dourada”:

(Mob violentada:)
 — Mistress Tilton, Sir Grant, Sir Tweed,
 Adultério, realeza, ladrão,
 Em másc'ras nós (rostos
 Compostos)
 Que dancem à eterna Linch Law!
 (*O Guesa*, 1884, Canto X, p. 232).

Como reparou Alessandra Carneiro e Vagner Camilo (2010), na segunda estrofe do fragmento acima, o poeta atribuiu aos personagens “epítetos denegridores”, no caso do presidente Grant, Sousândrade lhe atribui o de “realeza”, uma associação que fez a monarquia, que para ele seria o governo tirano, assim como associou a corrupção ao regime monárquico. No último verso o poeta se une “à massa violentada, coloca os personagens num mesmo plano e as condena à “Lei do Linchamento”, justiça sumária praticada nos Estados Unidos” (CARNEIRO; CAMILO, 2010, p. 104).

Entre os temas presentes nos versos do fragmento, não podemos deixar de citar a imagem de D. Pedro II, que em 1876 se encontrava nos Estados Unidos para participar

⁸⁹Profetizando a vitória do Inca ...do Guesa, que sintetiza a sua vitória, Sousândrade de fato saiu vitorioso sobre seu principal inimigo, D. Pedro II, com a proclamação da república. Sobre isso, ver “*O Guesa, O Zac*” (1970, p. 201).

⁹⁰Em Dante a inscrição é maior: “Lascia-te ogni speranza voi ch’entrate” (DANTE, *inferno*, Canto III, p. 55), o que pode ser traduzido para “deixai toda a esperança vós que entraís”.

da exposição em Filadélfia em comemoração ao centenário da independência do país ao lado do presidente Grant.

Nas estrofes de número 44 a 74, Sousândrade insere o monarca brasileiro entre os vilões do inferno. Enquanto o monarca se dirigia aos Estados Unidos a bordo do *Havelius*, por acidente caiu de sua cadeira; o ocorrido (em 28 de março) foi noticiado pelo jornal americano *Herald*. Sousândrade, fitando os olhos no monarca antes mesmo de ele colocar os pés nos Estados Unidos, associou a queda de D. Pedro da cadeira em sua viagem a uma representação da queda da monarquia no seu país natal. Nos versos a seguir, o poeta fez questão estabelecer essa conexão:

(Salvados passageiros desembarcando do ATLÂNTICO;
HERALD deslealmente desafinando a imperial ‘ouverture’;)
— Agora o Brasil é república;
O Trono no Hevilius caiu...
But we picked it up!
— Em farrapo
‘Bandeira estrelada’ se viu⁹¹.
(*O Guesa*, 1884, Canto X, p. 238).

Para a estudiosa Ana Carolina Cernicchiaro (2007, p. 72), n’*O Inferno de Wall Street* o sonho de Sousândrade de “encontrar a nova república a liberdade de uma nação democrática e justa se transforma num pesadelo de imoralidade e exploração”, como o próprio expressou: “Oh! como é triste da moral primeira, Da República ao seio a corrupção!” (*O Guesa*, 1884, Canto X, p. 261). Mergulhado nesse caos, resta-lhe desviar seu olhar: “voltemos os olhos desgostosos Deste círc’lo” (*O Guesa*, 1884, Canto X, p. 261). Essa mesma ideia defendida pela autora foi compartilhada por outros estudiosos, que consideram que *O Inferno de Wall Street*

trazia a denúncia [...] relativa ao prevalecimento do capital financeiro e à desumanização manifesta nos enredos cotidianos dos Estados Unidos, [...] mostrava ainda, a Nova York como um microcosmo; lugar onde aportavam as notícias repentinas de eventos ocorridos do outro lado do Atlântico (por exemplo, a Comuna de Prais, greves de ferroviários ou a exploração da borracha); cenário que ecoava vozes de políticos e de investidores repetitivos e ávidos na obsessão pelo dinheiro e pelo lucro, imersos em diálogos confusos, enfatizados, no poema, pela proliferação de sinais gráficos e de frases que beiram o ridículo e o insano (PINTO, 2016, p. 23).

⁹¹A expressão *Bandeira estrelada*, segundo nota de Luiza Lobo (2012, p. 585), é uma “crítica feita no jornal *Herald* à tradução incorreta do hino norte-americano ‘The Star Spangled Banner’, feita pelo imperador Dom Pedro II, o que ocorreu porque ninguém, a bordo da embarcação *Hevilius*, em que ele viajou aos Estados Unidos, sabia de cor a letra completa do hino”.

Todavia, assim como estudantes que partiam para os Estados Unidos e romancistas, o poeta d’*O Guesa* “também exalta a modernidade estadunidense no poema *O Guesa*, embora não deixe de criticar o que considerava desvios no desenvolvimento pleno daquela república” (CARNEIRO, 2016, p. 16).

Tomando como base os estudos reunidos pela professora Alessandra Carneiro (2016) uma das poucas que tratou de estudar o poema de Sousândrade, a autora se debruçou sobre a obra do maranhense desde sua graduação até o doutorado, e com base na sua tese de doutorado vamos prosseguir nossa explanação abrindo espaço para alguns apontamentos da estudiosa que consideramos relevantes para nosso diálogo.

Com relação ao *O Inferno de Wall Street*, as considerações da pesquisadora se mostram relevantes. Muitos autores têm focado nas “distorções econômicas e as injustiças sociopolíticas associadas ao progresso” (WILLIAMS, 1976, p. 12) americano, quando se deparam com o episódio do Canto X. Ainda segundo a autora, estes mesmos estudos apontam pra uma espécie de visão premonitória por parte do poeta, dos problemas do desenvolvimento do capitalismo, ou de sua crise nos dias atuais⁹², a exemplo do que apontou os irmãos Campos: “Lançou-se a uma problemática internacional, a luta anti-colonialista, buscando premonitoriamente as contradições do capitalismo” (CAMPOS; CAMPOS, 1982 p. 109).

Diante disso, Sousândrade foi considerado não apenas um crítico ferrenho do sistema político estadunidense, mas como um precursor do Arielismo⁹³, conceito cunhado

⁹² O capitalismo está em crise nos dias atuais?...este ponto recai sobre uma outra discussão, que não é nosso foco.

⁹³ Em *A Tempestade*, escrita entre os anos de 1611 e 1613 pelo dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616) encontramos as seguintes figuras centrais: Próspero e sua filha, Miranda, e os seus servos, Ariel e Caliban. Para Ricupero (2014) por mais que a peça se passa em uma ilha, há indicações de que o dramaturgo tenha se inspirado em um naufrágio que ocorreu na região das Bermudas, na América. Na peça, temos a seguinte situação: “Próspero, duque de Milão que teve o trono usurpado por seu irmão Antônio, é também um mago cuja fonte de poder e conhecimento se encontra nos livros. Ele chegou à ilha deserta com a filha Miranda após um naufrágio orquestrado pelo irmão com a ajuda de Alonso, rei de Nápoles e seu inimigo. Apesar de se comportar como senhor absoluto, Próspero depende dos servos Ariel e Caliban. Enquanto o primeiro é definido como um espírito alado, gênio dos ares, o segundo, anagrama a “canibal”, é retratado como um escravo grotesco e deformado, filho de Sycorax, bruxa que habitava a ilha antes da chegada do ex-duque. No início da trama, o mago invoca uma tempestade, com a ajuda de Ariel, a fim de atrair seus inimigos para a ilha e restituir o trono que lhe foi roubado. Mas o que era uma busca por justiça e vingança, acaba no perdão de Próspero àqueles que o fizeram mal e com o casamento de Miranda e Ferdinand, filho do rei de Nápoles” (MEUCCI, 2018, p. 3). Fora isso, a peça e os seus personagens receberam no século XIX leituras e interpretações principalmente por parte de pensadores e intelectuais latino americanos, entre os quais do uruguaio José Enrique Rodó com seu texto *Ariel* de 1900 e do cubano Roberto Retamar com seu ensaio *Caliban*, de 1971. A apropriação da peça de Shakespeare por parte destes intelectuais latinos se deve principalmente, como enfatiza Meucci (2018), ao pensamento do subcontinente de 1898, momento que se finalizava a Guerra Hispano-Americana, em que as antigas colônias espanholas, Cuba, Porto Rico e Filipinas ao se emanciparem da coroa espanhola, recaem sobre os domínios e as intervenções dos Estados Unidos da América. Tal ato não foi bem visto por pensadores e críticos da época,

pelo uruguaio José Enrique Rodó em sua obra *Ariel*, escrita em 1898 e publicada em 1900. O texto de Rodó, tema de grandes discussões nas décadas seguintes, atribui à Ariel a representação “[...] de uma América que se desejava mais humana em oposição ao utilitarismo norte-americano” (PEREIRA NETO, 2011, p. 3).

Segundo a historiadora Diana Pereira Neto (2011, p. 4), *Ariel* foi uma resposta de um determinado período histórico da América, “assim sendo é um texto esclarecedor dos medos e oposições presentes no período” ou ainda:

[...] representa toda a idealização de uma América Latina espiritualizada e humanista, contra os Estados Unidos da América, a terra de Caliban⁹⁴, os utilitaristas vazios. Ariel⁹⁵ é o símbolo máximo do que deve ser alcançado e seu pedestal é a Cordilheira dos Andes [...] a obra de Rodó é um discurso humanista em favor da educação e do ideal de uma América Latina mais espiritualista (PEREIRA NETO, 2011, p. 4-5).

A atribuição de precursor do Arielismo à Sousândrade surge com a obra *The modern culture of Latin American* (A cultura moderna da América Latina) de Jean Franco, publicada em 1970. Segundo Franco, o autor d’*O Guesa errante* profere um “an attack on North American materialism”⁹⁶ (FRANCO, 1970, p. 61 apud CARNEIRO, 2016, p. 17).

entre eles o argentino Paul Groussac (1898, p.34-50), que não poupou suas críticas as ações dos Estados Unidos, o crítico atribuiu a nação do norte das américas de promotora de uma “agressão bárbara”, que ao promover o derramamento de sangue em regiões cubanas e Filipinas cometera um ato criminoso de “inexpiável de lesa humanidade”- inexpiável de lesa humanidade-, continuando com suas palavras, Groussac chega a definir os Estados Unidos como “un monstruoso organismo social, [...] agrupamento fortuito y colossal [...] admirado por su grandeza material, que “desde la guerra de Secesión y la brutal invasión del Oeste, se há desprendido libremente el espíritu yankee, del cuerpo informe y calibanesco”- agrupamento fortuito e colossal [...] admirado por sua grandeza material, que desde a Guerra de Secessão e a invasão do Oeste havia libertado “o espírito yankee, de corpo informe e ‘calibanesco’-”. Corroborando com essa ideia, o intelectual nicaraguense Ruben Dario ao se referir aos Estados Unidos argumenta que: “El ideal de esos calibanes está circunscrito a la bolsa y a la fábrica. Comen, comen, calculan, beben whisky y hacen millones”-(o ideal desses calibans está circunscrito à bolsa e à fábrica. Comem, comem, calculam, bebem whisky e fazem milhões- (DARÍO, 1998, p. 451). Jose Enrique Rodó em 1900 publica Ariel no qual se insere nesse debate que releitura dos personagens de *A tempestade* enquanto símbolos da identidade da América Latina -para uma discussão historiográfica a respeito da construção do conceito de América Latina ver Rafael Farret e Simone Pinto (2011).

⁹⁴ Caliban é para José Rodó o “símbolo do utilitarismo norte-americano” (PEREIRA NETO, 2011, p. 5). Nas palavras do autor: “Imita-se aquele em cuja superioridade ou prestígio se acredita. É assim que a visão de uma América deslatinizada por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo regenerada à imagem e semelhança do arquétipo do norte, paira sobre os sonhos de muitos sinceros interessados em nosso porvir” (RODÓ, 1991, p. 70). O cubano Roberto Retamar pensa diferente, no seu ensaio Caliban de 1971, defende a ideia de Caliban como a representação da América Latina.

⁹⁵ Nas palavras de Rodó: “Ariel é a razão e o sentimento superior. Ariel é esse sublime instinto de perfectibilidade, por cuja virtude se engrandece e se converte em centro das coisas a argila humana a que vive vinculada sua luz - a mísera argila de que os gênios de Arimanes falavam a Manfredo. Ariel é, para a natureza, o excelso coroaamento de sua obra” (RODÓ, 1991, p. 106).

⁹⁶ “Um ataque ao materialismo norte-americano”.

Corroborando com isso, o cubano Roberto Retamar insere o nome do poeta no seu ensaio Caliban de 1971, quando cita o maranhense como um exemplo de um dos grandes escritores latino-americanos: “[...] la literatura brasileña conocía el ejemplo de Joaquín de Sousa Andrade, o Sousândrade, en cuyo extraño poema O Guesa Errante, el canto X está consagrado a O inferno de Wall Street, una Walpurgisnacht de bolsistas, policastros y negociantes corruptos”⁹⁷(RETAMAR, 1971, p. 37).

Mas tais interpretações aqui tratadas se limitaram ao famoso caso do fragmento do Canto X. Estes estudiosos não exploraram, por exemplo, a inclinação do autor d’*O Inferno de Wall Street* a favor da intervenção dos Estados Unidos no caso de Cuba⁹⁸.

Por isso, considera-se que a tônica crítica que Sousândrade estabelece no seu famoso *O Inferno de Wall Street* não é propriamente “[...] uma caracterização premonitória das contradições do capitalismo moderno. Sousândrade crítica no canto X práticas econômicas específicas e não o capitalismo em si” (CARNEIRO, 2016, p. 19).

Com relação ao Canto X, Carneiro elenca dois pontos oriundos de suas leituras, o primeiro o chamou de pontos positivos, ou os ditos aspectos admirados por Sousândrade, entre os quais, evidencia-se a abertura dos Estados Unidos ao imigrante, inclusive o próprio poeta se identifica como um dos estrangeiros acolhidos pelo seio da nação: “De

⁹⁷ “A literatura brasileira conhecia o exemplo de Joaquín de Sousa Andrade, ou Sousândrade, em cujo estranho poema O Guesa Errante, canto X é dedicado a O inferno de Wall Street, um Walpurgisnacht de corretores de bolsa, policastros e empresários corruptos”.

⁹⁸ Em seu texto datado de 1898 publicado n’*O Federalista*, Sousândrade relata: “Ora, somos de America: e Mac-Kinley acaba de bombardear a Europa em justíssima causa por perola das Antilhas, assim como a outros intrometidos brazões Floriano mandava receber à bala” (SOUSANDRADE, 1898, p. 3 apud CARNEIRO, 2016), ou seja, a ofensiva do governo estadunidense de William McKinley (1897-1901) contra a Espanha, no caso da guerra de independência cubana, para Sousândrade compreende a comparação da ofensiva do então governo de Floriano Peixoto contra a chamada Revolta Armada ocorrida em 1893: “associado à restauração da Monarquia, daí a então referência de Sousândrade a ‘outros intrometidos brazões’” (CARNEIRO, 2016, p. 18). Dito isso, é evidente que o poeta lança sua defesa do sentimento americano como um princípio autônomo em relação à Europa, o que, como muito bem lembra Carneiro, nos leva à ideia da “América, para os americanos”, isto é uma defesa da conhecida doutrina Monroe, aspecto este não vislumbrado pelos autores que cunharam o nome de Sousândrade entre os defensores do Arielismo. Outras faces dessa defesa do poeta pelo sentimento americanista em relação a Europa podem ser vistas no último escrito d’*O Guesa*, chamado *Guesa, o Zac*, também publicado n’*O Federalista* no ano de sua morte, e recolhido pelos pesquisadores Frederick Williams e Jomar Moraes, que a publicaram nos Inéditos, de 1970. Em um dos trechos deste fragmento (1970, p.202) tem-se a defesa do bombardeio dos Estados Unidos à Espanha como uma forma de garantir o futuro da nação cubana, então apontada pela Espanha a pérola das Antilhas pelas suas fontes econômicas e localização geográfica (AYERBE 2004; MISKULIN, 2016). Ademais, os Estados Unidos recebem o destaque na figura protagonista de Washington, como uma nação republicana livre. Carneiro (2016, p. 19) interpreta que o poeta, nesse caso específico, “parece dar-lhe (a Washington) a prerrogativa de interferir na geopolítica do continente”; já a figura do presidente McKinley, que ocupava o cargo no período da guerra Hispano-Americana é apontada por Sousândrade com o mesmo atributo de Lincoln: “o Cidadão Americano”, que neste caso, “bombardeará” a Espanha (*O Guesa, o Zac*, 1970, p. 202). Ainda sobre a questão da Revolta da Armada (1893) citada por Sousândrade, ver Naira Vasconcellos Maia (1982), que demonstra a atuação dos Estados Unidos nesse fato histórico do início do regime republicano brasileiro por meio de sua política expansionista na América.

liberdade e amor sou imigrante, Na patria que abre os seios ao estrangeiro”(O Guesa, 1884, Canto X, p. 186), a temática educacional: “Abrem suas mil portas as escolas, A uma infancia feliz” (O Guesa, 1884, Canto X, p. 188), e a religião, pela liberdade de culto religioso no país: “São múltiplas as fôrmas por que adoram; Mas, uma a crença” (O Guesa, 1884, Canto X, p. 188).

Os pontos negativos, como enfatiza a pesquisadora, estão presentes nas 176 estrofes que constituem o chamando *O Inferno de Wall Street* do referenciado Canto X, nesse fragmento o poeta-guesa

penetrando em New-York-Strcok-Exchange, censura o que vê: a corrupção e a fraude no governo Grant, a especulação financeira na bolsa de valores e a degradação dos valores morais daquela sociedade como, por exemplo, a deturpação da religião evidenciada pela acusação de adultério envolvendo Henry Ward Beecher, pastor da igreja de Plymouth, no Brooklyn, a fragilidade na instituição familiar e o decorrente divórcio, além do desvio do papel social imposto às mulheres (CARNEIRO, 2016, p. 78).

Para Alessandra Carneiro (2016), as referidas críticas que poeta estabelece n’*O Inferno de Wall Street* dialoga com o imaginário de *Wall Street* enquanto um espaço de representação do mal, ou seja, de um espaço infernal. Aspecto este que foi tema recorrente no campo literário dos Estados Unidos, principalmente na segunda metade do século XIX como pontuaram autores como Edmund Stedman (1908) e Wayne Westbrook (1980). segundo os estudiosos, tal representação se deve principalmente pela formação de riquezas de uma pequena minoria da sociedade estadunidense na bolsa de valores, os chamados barões ladrões, em detrimento de um crescente número de indivíduos em condições miseráveis.

Essa grande acumulação de riquezas no Gilded Age por essa pequena parcela da população estadunidense por meio da especulação financeira e da corrupção em face da conformação de um abismo social, recaiu ainda sobre a concepção puritana em voga naquele período:

Essa interpretação do desajuste social da época foi motivada pelo pensamento de tradição puritano\protestante que associava a especulação e a usura às forças malignas, visto que o mandamento era trabalhar como forma de louvar a Deus e sem colocar os ganhos à frente desse ritual. A riqueza por meio do trabalho era benção divina e o seu contrário a condenação (CARNEIRO, 2016, p. 20).

Ainda segundo a autora, esse imaginário recorrente do XIX entorno de *Wall Street* enquanto um espaço de atuação de forças malignas, marcado pela corrupção e pela especulação financeira, estava inserido em um contexto no qual os princípios éticos puritanos passavam, nas palavras da autora, por “um processo de secularização” tendo

como mola propulsora as transformações que os anos pós Secessão (1861-1865) traria à nação. desta forma, os Estados Unidos “iam se transformando em uma sociedade mercantil e competitiva, não só o puritanismo se tornava obsoleto, mas também o protestantismo e sua devoção ao trabalho perdiam seu caráter sagrado” (CARNEIRO, 2016, p. 79).

Wayne Westbrook (1980, p. 8-9 apud CARNEIRO, 2016, p. 80) tocou nesse ponto:

Trabalho duro e iniciativa individual deveriam ter sido o meio para a prosperidade material. O sistema de empreendimento monopolista, no entanto, gerado e nutrido Wall Street no final do século XIX, violou a tradição crenças puritano-protestantes. Riqueza e poder tornaram-se concentrada nas mãos de uma pequena minoria, enquanto a vasta grande parte do público passou a vida na servidão, submetida a os senhores e barões do dinheiro. O mal inerentemente associado com o excesso de dinheiro e comércio na mente puritana do século XVII reviveu e passou a ser simbolizada pela mercado financeiro moderno.

Sousândrade n’*O Inferno de Wall Street* não deixou de citar nomes de grandes empresários, os considerados barões do dinheiro, ou os barões ladrões, como a família Vanderbilt e Jay Gould (1836-1892), magnatas que controlava os negócios do setor ferroviário dos Estados Unidos. no fragmento abaixo, além de citar os magnatas, Sousândrade refere-se ainda as ações do setor de ferrovias que eram postas à venda na bolsa de valores:

(Xeques surgindo risonhos e disfarçados em railroad-managers, stockjobbers, pimpbrokers, etc
etc, apregoando:)
Harlem! Erie! Central! Pennsylvania!
= Milhão! cem milhões!! mil milhões!!!
— Young é Grant! Jackson,
Atkinson!
Vanderbilts, Jay Goulds, anões!
(*O Guesa, 1884, Canto X, p. 231*)⁹⁹

Além do poeta-guesa, o poeta e escritor cubano Jose Martí (1853-1895), exilado nos Estados Unidos no mesmo período em que se encontrava o maranhense¹⁰⁰, repudiou

⁹⁹ Vale ressaltar que, como bem observado pela professora Alessandra Carneiro (2016), a questão em torno dos magnatas em *Wall Street*, como no fragmento aqui citado, não é do dinheiro em si, a crítica do poeta recai sobre a especulação em trono de *Wall Street*, sobre a corrupção que norteavam os negócios e o governo do presidente Grant, e é claro do monopólio que aqueles senhores do dinheiro exerciam sobre determinados setores no país, neste caso, o das ferrovias. Para o poeta maranhense, a conformação das riquezas desses senhores não eram adquiridas de forma justa como pontuava a mentalidade religiosa daquele período, os excessos de seus bens entravam com contraste com uma grande população explorada. Aqui está a crítica e o desconforto do poeta.

¹⁰⁰ Não há relatos que apontam se possivelmente Sousândrade teve contato com o cubano no país.

o que ele considerou de “culto a riqueza” na nação norte do continente. Assim como Sousândrade, Martí também não poupou suas críticas ao magnata Jay Gould:

Jay Gould, gran estratégico de Corporaciones y Bolsas, que en sus manos tiene las bridas de empresas innumerables [...] Jay Gould es reciamente odiado: **pequeñín es, como una peonía**: una pera madura le importa más que los dolores todos, y los impulsos y centelleos todos de los hombres [...] Jay Gould ha de velar de noche, entre sus riquezas insolentes y estériles, **como un duende hambriento en una cueva**: ¡ oh almas infelices, aquellas exclusivamente consagradas al logro, amontonamiento y cuidados del dinero! Han de debatirse en soledad terrible, como si estuvieran encerradas en una sepultura¹⁰¹ (MARTÍ, 1975 [1884, vol.10], p. 84 apud CARNEIRO, 2016, p.84. grifo da autora)

Referenciando-lhe como um sujeito apegado a riquezas, o cubano associou o vício ao dinheiro do empresário, ao que a pesquisadora Carneiro (2016, p. 84) considera de “degradação da alma e aquisição de traços diabólicos que fazem parte do imaginário ligado aos duendes e gnomos ávidos por tesouros, com sua estatura diminuta como um duende, entidade da mitologia europeia, tão pequeno quanto uma flor de peônia”.

Dito isso, ainda sobre o Canto X, Sousândrade vai evocando diversas figuras e fatos da história americana e descrevendo suas andanças pelo território. Entre os elementos resgatados pelo poeta temos: a evocação da Revolução Americana (1775-1784), em que se percebe a presença de George Washington (1732-1799) o primeiro presidente da nação do norte, figura que conduziu as tropas na Guerra de Independência contra os ingleses, referenciado nos versos por Lord Howe (1729-1814), general das forças inglesas que foi derrotado no combate. Há ainda a figura de George III o então monarca da Inglaterra naquele período:

(Um sol rebelde fundando um centro planetar):
— ‘George Washington etc etc
Responda ao Real-George-Três’!
= Dizei-lhe, Lord Howe, Real sou...
(E o nariz quebraram do inglês).
(O *Guesa*, 1884, Canto X, p. 247)

Abraham Lincoln teve uma vida política bem ativa, foi membro do partido Whig¹⁰² (1834–1854), exerceu ainda o cargo de representante de Illinois entre os anos de

¹⁰¹ Jay Gould, o grande estratégico de Corporações e Bolsas, que em suas mãos tem os freios de inúmeras empresas, [...] Jay Gould é fortemente odiado uma peônia: minúsculo é, como uma peônia: uma pera ele se importa mais do que todas as dores, e os impulsos e brilha todos os homens [...] Jay Gould tem que vigiar a noite, entre suas riquezas insolentes e estéreis, como um duende esfomeado numa caverna: Ó almas infelizes! aqueles que se dedicam exclusivamente à realização, e o amontoamento e o cuidado com o dinheiro! Devem lutar em solidão, como se estivessem fechados numa sepultura.

¹⁰² Segundo Peter Eisenberg (1985, p. 41), Whigs “representaram os grandes comerciantes e manufatureiros do Norte, os fazendeiros mais ricos e das famílias com maiores pretensões aristocráticas no Sul, e os fazendeiros mais interessados em melhoramentos internos no Oeste. defendiam um papel maior

1834 a 1849, já em 1858 se filia ao Partido Republicano, foi nesse período, durante a convenção de sua filiação realizado em Illinois, proferiu o famoso discurso da “Casa dividida”, onde declarou sua preocupação com a incongruência da existência de uma dualidade no governo da União: “Uma casa dividida contra si não subsistirá. Acredito que esse governo, meio escravocrata e meio livre, não poderá durar para sempre. Não espero que a União se dissolva; não espero que a casa caia; mas espero que deixe de ser dividida” (Abraham Lincoln, 16 jun. 1858 apud BOTTMAN, 2013, p. 16).

Em 1860 Lincoln venceu as prévias do Partido Republica para concorrer às eleições da presidência e obteve a vitória com certa facilidade, precisamente pela divisão do Partido Democrata naquele período, como argumenta Peter Eisenberg (1985, p. 60):

Os Democratas dividiram-se fatalmente e escolheram dois candidatos para presidente. Os do Norte e do Oeste nomearam Stephen Douglas, o campeão da soberania popular, mas os do Sul nomearam John Breckinridge, o então Vice-presidente, um escravista do Kentucky que queria que o Governo Federal protegesse a escravidão nos territórios. Os antigos Whigs e os mais conservadores do Norte e do Sul escolheram o Senador John Bell do Tennessee, para tentar continuar com a política de acordos e não enfrentar diretamente a questão da escravidão; estes formaram o efêmero Partido da União Constitucional.

Com os Democratas divididos, Lincoln ganhou as eleições presidenciais em 1860. Ele recebeu 40% do voto popular, o apoio de todos os dezesseis estados do Norte, e de dois dos três estados do Oeste, enquanto o Sul distribuía os seus votos entre Breckinridge (onze estados), Bell (três estados) e Douglas (um estado). Embora os Republicanos não tivessem ficado com maiorias nem no Senado nem na Câmara, eles conseguiram, pela primeira vez, a presidência, e pela primeira vez um partido declaradamente oposto à extensão da escravidão assumiu a liderança da União.

Pregando o fim da escravidão no país, a eleição de Lincoln se chocaria contra os interesses dos sulistas. O fim desse debate foi uma Guerra Civil, que nas palavras de Vitor Izecksohn (2021, p. 90) definiria que projeto de futuro teria a nação: “Duas concepções diferentes sobre o futuro se chocariam. Os Estados Unidos seriam uma sociedade livre ou a escravidão se afirmaria como a principal instituição da República? A Guerra Civil foi o contexto final para definir qual projeto prevaleceria”. De convicção abolicionista, como destacamos, Sousândrade exaltou a figura de Lincoln, e o reverenciou como um verdadeiro cidadão republicano americano:

Abraham Lincoln! Eis o mais formoso
Tipo do cidadão republicano
Deste moderno tempo glorioso:

para o Governo Federal na promoção da economia e a regulação da sociedade, e ganharam as eleições presidenciais em 1840 e 1848”.

Singelo, honrado, sábio americano.
(*O Guesa*, 1884, Canto X, p. 215).

Além disso, no Canto XI a figura de Washington é referenciada novamente, desta vez inserida ao lado de Simon Bolívar e de San Martín, grandes lideranças dos processos emancipatórios da América do Sul (PRADO; PELLEGRINO, 2014, p. 30). No trecho a seguir, Sousândrade remonta às duas zonas da América, (sul e norte), e atribui aos Andes e à região amazônica a representação de Bolívar, e ao norte das Américas a representação do general Washington. O poeta parece defender a união de uma só América:

Andes e os áureos vales do Amazonas,
Representa-a Bolívar; tendo a norte
Industriosa, Washington; e as zonas
Daqui a cada polo, irmãs e fortes.
(*O Guesa*, 1884, Canto XI, p. 274).

Em outras passagens, Sousândrade rememora as independências da América Hispânica, trazendo uma série de nomes que participaram desse processo. Além de Simón Bolívar e San Martín, outros nomes ganham destaque:

Os heróis **de Bolívar** começaram
Do glorioso porvir. Honro a memória
De Lamar, Santander, Sucre, Abreu Lima,
Dos condores da chama e da fragura,
Irmãos d'armas, e desse o mais d'estima
Ao Libertador, de Páez.¹⁰³
[...]
'stá **San Martín** o protetor magnânimo
Ditando as sábias leis de liberdade
Ao escravo, ao índio, a quanto no desânimo
Medrava colonial sem dignidade¹⁰⁴.
[...]
E entre o povo pacífico, transvago —
D'O'Higgins, San Martín, Salas, Carrera,
Freire — pela Alameda de Santiago
Inscrições lendo dos heróis da guerra,
Andava o Guesa.
(*O Guesa*, Canto XII, p. 323, grifo nosso).

Entre os elementos rememorados pelo escritor nos versos acima, evidencia-se a chamada Batalha de Chacabuco (1817), conflito decisivo da independência chilena, em que as forças lideradas por San Martín e Bernardo O'higgins venceram as espanholas, em

¹⁰³ *O Guesa*, 1884, Canto XI, p. 279.

¹⁰⁴ *O Guesa*, 1884, Canto XI, p. 300.

fevereiro de 1817 (SOUZA FILHO, 1964, p. 364); registre-se ainda a alusão a personagens da independência chilena, como José Miguel Carrera e Salas (SOUZA FILHO, 1964, p. 360).

Avista-se ainda a figura do general colombiano Francisco de Paula Santander, que chegaria a ocupar o cargo de presidente da Colômbia. Santander foi um dos aliados de Bolívar, mas em certo momento se tornaria um de seus inimigos: “[...] diferentemente de Martín, Bolívar envolveu-se fortemente com as questões do poder político. Exerceu cargos executivos, trabalhou na elaboração de textos constitucionais, [...] angariou muitos seguidores e também fez muitos inimigos, como o general colombiano, Francisco Santander” (PRADO; PELLEGRINO, 2014, p. 33).

Com o mesmo intuito, o poeta refere-se a Antônio José de Sucre, um dos nomes da emancipação da Colômbia e Equador e que se tornaria presidente da Bolívia, “Sucre era uma figura muito próxima de Bolívar e, como reconhecimento por seus feitos, propôs que a região do Alto Peru passasse a ser denominada de Bolívia” (PRADO; PELLEGRINO, 2014, p. 32).

Por fim, cabe registrar a referência a José Inácio Abreu e Lima, um “brasileiro entre os libertadores da América”¹⁰⁵ (MELO, 2001, p.01), que participou das batalhas ao lado de Bolívar.

3.2 A utopia incaica a serviço do projeto de nação n’*O Guesa*

Inicialmente, talvez antes de fazermos a leitura da obra, ou quando estamos efetuando a leitura, nos perguntamos em alguns momentos, quem é o Guesa?¹⁰⁶, ou o que é o Guesa? Se buscarmos o significado desse termo certamente encontraremos com alguma facilidade que o Guesa significa o sem lar ou o errante, uma figura da tradição cultural indígena muísca-colombiana, relatada em alguns escritos como os do geógrafo e naturalista alemão Alexander Von Humbolt, que na obra *Vues Des Cordillères Et Monumens Des Peuples Indigènes de l’Amérique*, de 1813, relata uma passagem sobre a cultura muísca.

¹⁰⁵ Curiosamente, o termo “libertadores da América” atualmente é bem conhecido pelo fato de se referir a copa organizada pela Conmebol- Confederação sul americana de futebol -, que reúne os melhores clubes de futebol sul americano. Neste caso, é válido lembrar que essa mesma expressão é atribuída historicamente às figuras políticas e militares que lideraram o processo de emancipação dos países da América do Sul dos domínios europeus, como San Martín, Bolívar, Bernardo O’higgins, Sucre etc. “e quase nunca associa-se a esta consigna um brasileiro” (MELO, 2001, p. 1), como o faz Sousândrade em relação à Abreu e Lima.

¹⁰⁶ Uma vez que a personagem ganha várias feições dentro da narrativa épica.

Tomando como base estes escritos de Von Humbolt, entendemos que, segundo essa tradição indígena, o Guesa era uma espécie de vítima a ser sacrificada. Trata-se de uma criança que era arrancada à força da casa dos pais e tratada com muito cuidado no templo do Sol até que completasse quinze anos de idade para poder ser conduzida em procissão pelo suna, percurso ou estrada para o local onde seria o sacrifício realizado pelos xeques ou sacerdotes, a vítima era amarrada a uma coluna e morta a flechadas e seu coração era arrancado e seu sangue recolhido em vasos sagrados oferecido ao deus Sol.

Outra referência utilizada por Sousândrade na sua composição poética é os escritos sobre a cultura incaica e muísca de César Famin, presente na enciclopédia *L'Univers* de Ferdinand Denis. A literatura de Famin utilizada pelo poeta o levou a travar conhecimentos sobre essas passagens tanto da cultura muísca-colombiana quanto também a incaica-peruana, o que significou “[...] para Sousândrade a possibilidade de estender a noção de indianismo a um passado muito mais remoto do que o possibilitado por um indianismo apenas brasileiro” (LOBO, 1986, p. 43). Ou seja, o personagem do guesa, não se resume apenas ao sujeito indígena brasileiro, aquele no qual o poeta pôde presenciar quando esteve no Amazonas em 1858, e tampouco ao muísca ou apenas ao inca, e sim a uma fusão de faces, um caleidoscópio de sujeitos essencialmente americanos, incluindo o próprio Sousândrade, se levamos em consideração o caráter autobiográfico da obra do poeta (WILLIAMS, 1976).

Na enciclopédia *L'Univers*, Famin deixa evidente essa questão da relação do indianismo recente com um passado mais remoto: “Leurs traditions fabuleuses suffiraient seules pour indiquer une société la formation remonte à la plus haute antiquité. Leurs ancêtres existaient déjà, disent-ils, et l'alune ne servait pas encore de compagne à la terre”¹⁰⁷ (FAMIN, 1839, p. 9 apud LOBO, 1986, p. 51).

A nota de César Famin resgatada pela pesquisadora Luiza Lobo faz referência ao culto incaico em que a lua não podia se separar da terra. Famin aponta ainda nos seus relatos a cidade de Tunja¹⁰⁸, que era administrada por um grande chefe muísca, chamando de Zac, é este termo que Sousândrade se apropriará e atribuirá ao seu último escrito d’*O*

¹⁰⁷ “Suas tradições fabulosas já bastariam para apontar para uma sociedade cuja formação remonta à mais alta antiguidade. Seus ancestrais já existiam, segundo diziam, quando a lua ainda não servia de companheira à terra”.

¹⁰⁸ Cidade colombiana e capital do então departamento de Boyacá, onde Simón Bolívar derrotou os espanhóis na guerra pela independência do então Vice-reino de Nova Granada em 1819 (FREDIGO; SOARES, 2021, p. 116).

Guesa: “*O Guesa, o Zac*”, continuação do último canto, XIII, publicado em São Luís no jornal *O Federalista* em 1902, ano de sua morte.

Concordando com Haroldo de Campos (2001, p. 223), é possível sustentar que Sousândrade teve acesso a estes dois relatos, tanto de C. Famin quanto de Von Humbolt¹⁰⁹. Sousândrade é a figura¹¹⁰ que percorre o longo Suna que ele mesmo expande no espaço e no tempo, por isso, considerou-se o poeta como um peregrino ou poeta-guesa. Dito isso, vamos destacar um pouco mais sobre a presença inca na obra do escritor que para alguns estudiosos tem relação com seu ideal de projeto de nação.

Claudio Cuccagna (2004) autor que discutiu sobre a questão indígena n’*O Guesa* aponta que o espaço proporcionado pelo maranhense aos indígenas, principalmente a temática incaica tem relação com a proposta político-social do escritor. O pesquisador se reporta aos ditos cantos que fazem alusão a questão indígena, desde o Canto I até o Canto IX, em que podemos avistar a evocação do império incaico.

Já apontamos que a luta contra a Monarquia brasileira ganha forma na poesia de Sousândrade. Para Cuccagna, o poeta necessitava de um suporte argumentativo que demonstrasse tanto as falhas e crises do sistema do governo brasileiro e ao mesmo tempo apontasse para a solução desses males.

Sendo assim, a república para o poeta significaria o sistema perfeito, não apenas para o seu país como para todo o continente americano:

[...] a república representava para o poeta o perfeito modelo estatal que, graças aos princípios democráticos sobre os quais se erigia, podia dar início a essa nova fase, não só da vida civil brasileira, mas de todo o continente americano. Sousândrade confiava, desse ponto de vista, nos modelos republicanos já imperantes tais como o francês, o chileno, e, principalmente, o norte-americano (CUCCAGNA, 2004, p. 97).

¹⁰⁹ Alexander Von Humbolt visitou a América Hispânica e a região amazônica entre os anos de 1799 a 1804. Para Campos (2001), Sousândrade não se fascinou apenas pela figura do Guesa relatado pelo geógrafo como pela própria figura de Von Humbolt, haja vista que n’*O Guesa* em alguns momento o poeta faz referência ao alemão, como por exemplo no Canto II, onde é chamado de “pai Humbolt” ou ainda no Canto X, onde Humbolt é destacado junto com Dante, Byron dentre outros com os conselheiros do império Inca, ou no Canto XII onde Sousândrade simplesmente enxerga a imagem de Von Humbolt projetada ao fundo da imensa Cordilheira dos Andes.

¹¹⁰ Nas seguintes passagens o autor relata que seu personagem foi originado nos Andes: “[...] eu nasci no deserto, sob o sol do Equador” (*O Guesa*, Canto II, p. 31), mas também no Brasil, na Fazenda da Vitória: “[...]ô Vitória, onde ao color do amor crescera o Guesa” (*O Guesa*, 1884, Canto V, p. 117). Além disso, o personagem poeta-guesa “traja apenas sandália e manto (ao jeito do Inca), mas oiro puro e pedras belas” (*O Guesa*, 1884, Canto V, p. 101), ou seja, o personagem do poema de Sousândrade não possui uma nacionalidade, e sim uma fusão de nacionalidades, em síntese, é um sujeito americano e é isso que parece importar para o poeta.

Seguindo tais modelos, o poeta estabelece um futuro a sua nação: “ao espelho da grande União do norte, da França, e do pequeno e glorioso Chile do sul, o Brasil aparecerá ao meio honrando a humanidade” (WILLIAMS; MORAES, 1978, p.55). Todavia, estudiosos dedicados ao fragmento núcleo do Canto X d’*O Guesa*, *O Inferno de Wall Street*, notaram que o poeta, apesar que louvar a república dos Estados Unidos, expressa sua indignação com esta mesma, com os casos de corrupção que originalmente o escritor associou ao regime monárquico. Assim, para alguns destes estudiosos o sistema estadunidense não aparece mais como um sistema eficiente para projeto de nação do poeta viajante, então surge a indagação: o poeta se proporia a lançar um modelo que almejassem ser então eficiente e “perfeito? Para o pesquisador paulistano Haroldo de Campos (2001), assim como para o italiano Claudio Cuccagna (2004), a resposta é: sim. Então vejamos que modelo é esse.

Tanto Campos quanto Cuccagna lançam a ideia de uma utopia incaica a serviço de um projeto de república em *O Guesa* de Sousândrade:

O poeta, portanto, como acontecera no passado a outros moralistas, críticos da sociedade e reformadores sociais de espírito revolucionários, deve, nessa luta solitária, ter-se refugiado e agitado frequentemente na dimensão da Utopia, visto e considerado que a realidade brasileira ainda se demonstrava dificilmente mutável e que o modelo republicano dos Estados Unidos, grande parte ponto de confronto, manifestava ainda vícios bastantes graves. [...] A utopia, porém- e aqui é bom sublinhar-, embora traço peculiar do pensamento sousandradino, **não deverá ser supervalorizada mais do que o devido, pois, de fato, o poeta jamais perdeu política nem socialmente a dimensão do real** (CUCCAGNA, 2004, p.97-98. grifo nosso).

N’*O Guesa* é notório que o poeta que se transfigura no personagem também ganha outras feições: “um novo herói civilizador pan-ameríndio, interétnico e intercultural (um novo Manco Cápac, um novo Cristo, um novo Prometeu)” (CUCCAGNA, 2004, p. 98). Um personagem que transportava uma mensagem de libertação, de justiça, um instaurador de uma nova ordem política, opositora ao regime monárquico e à procura de “corrigir as torpezas da república do norte das américas”. No que diz respeito a essa temática indígena, Sousândrade não se limitou à figura do seu personagem muísca, ele vai além disso, engloba elementos históricos e místicos desde a conquista até o esfacelamento do Império Inca do Peru. Esses elementos podemos avistar dispersos ao longo da narrativa da obra, sendo estes mais presentes nos Cantos I, III, VI, X a XIII.

Sousândrade se vale dessa narrativa para expressar sua visão de mundo, suas ideias, suas posições sobre determinados assuntos. Encarnando no Guesa, o poeta lança

uma nova proposta, “[...] condenava as formas de opressão e de exploração, a crueldade da conquista e celebrava os libertadores das Américas (Bolívar, Páez, Lincoln, entre outros)” (CAMPOS, 2001, p. 228), como vimos.

Com relação a questão da idealização incaica como uma sociedade dita perfeita, o poeta se inseriu entre os seguidores dos relatos de cronistas que difundiram tal idealização desde o século XVI. Segundo Martin Lienhard (1993), tais relatos apontam que “[...] el Estado incaico se caracteriza por una organización social perfecta y racional que autoriza la realización de obras casi sobrehumanas o propiamente maravillosas¹¹¹” (LIENHARD, 1993, p. 610). Haroldo de Campos aponta que Juan de Batanzos e Pedro de Cienza de León foram os primeiros cronistas responsáveis por tal idealização, antes mesmo de Garcilaso de La Veja, que ficou mais conhecido e “cuja obra, no entanto, foi a mola propulsora do mito da excelência do sistema governamental incaico, conhecendo várias edições em francês nos séculos XVII e XVIII” (CAMPOS, 2001, p. 228).

Conforme apontou a historiadora Susane de Oliveira (2006), Garcilaso de La Vega em *Comentarios Reales*¹¹², ao narrar a origem da civilização Inca por meio do mito fundador de Manco Cápac e Mama Ocllo¹¹³, apontou algumas características originárias daquela sociedade, entre as quais: a divisão igualitarista do trabalho pelos então fundadores do Império:

La primera parada que en este valle [Cuzco] hicieron -dijo el Inca [Manco Cápac]- fue en el cerro llamado Huanacauti, al Mediodía desta ciudad. Allí procuró hincar en tierra la barra de oro, la cual con mucha facilidad se les hundió al primer golpe que dieron con ella, que no la vieron más. Entonces dijo nuestro Inca a su hermana y mujer: "En este valle manda Nuestro Padre el Sol que paremos y hagamos nuestro asiento y morada, para cumplir su voluntad. Por tanto, reina y hermana, conviene que cada uno por su parte vamos a convocar y atraer esta gente, para los doctrinar y hacer el bien que Nuestro Padre el Sol nos manda." Del cerro Huanacauti salieron nuestros primeros reyes cada uno por su parte a convocar las gentes, [...]. El príncipe fue al Septentrión, y la princesa al Mediodía; a todos los hombres y mujeres que hallaban por aquellos breñales les hablaban y decían cómo su padre el Sol les había enviado del cielo para que fuesen maestros y bienhechores de los moradores de toda aquella tierra, sacándoles de la vida ferina que tenían, y mostrándoles a vivir como hombres; y que en cumplimiento de lo que el Sol su padre les había mandado, iban a los convocar y sacar de aquellos montes y malezas, y reducirlos a morar en pueblos poblados, y a darles para comer manjares de hombres, y no de bestias. Estas cosas y otras semejantes dijeron nuestros reyes a los primeros salvajes que por estas tierras y montes hallaron; los cuales, viendo aquellas dos personas vestidas y adornadas con los ornamentos que Nuestro Padre el Sol les había dado (hábito muy diferente del

¹¹¹“O Estado incaico se caracteriza por uma organização social perfeita e racional, propiciadora da realização de obras quase sobre-humanas ou propiamente maravilhosas”.

¹¹² A obra foi publicada inicialmente em 1609, na cidade de Lisboa.

¹¹³ Irmãos considerados os fundadores do Império Inca (Tawantinsuyo).

que ellos traían), y las orejas horadadas, y tan abiertas como sus descendientes las traemos, y que en sus palabras y rostro mostraban ser hijos del Sol, y que venían a los hombres para darles pueblos en que viviesen, y mantenimientos que comiesen; maravillados por una parte de lo que veían, y por otra aficionados de las promesas que les hacían, les dieron entero crédito a todo lo que les dijeron, y los adoraron y reverenciaron como a hijos del Sol, y obedecieron como a reyes; y convocándose los mismos salvajes unos a otros, y refiriendo las maravillas que habían visto y oído, se juntaron en gran número hombres y mujeres, salieron con nuestros reyes para los seguir donde ellos quisiesen llevarlos¹¹⁴ (LA VEGA, 1609, Tomo 1, p. 50).

Tal consideração assim foi interpretada pela pesquisadora:

Segundo o cronista, a dominação incaica parece assim como resultado de um consentimento dos povos a respeito dos benefícios que o deus Sol e o governo dos Incas poderiam lhes proporcionar. Nesse sentido as populações conquistadas não oferecem resistências, acatando pacificamente a dominação incaica. O governo dos Incas foi assim amplamente idealizado por Garcilaso, já que baseado na **razão, justiça, piedade, clemência e paciência**, em valores que, no ocidente cristão, caracterizam uma sociedade utópica, perfeita e ideal. Não por acaso, o princípio criador/ordenador do Tawantinsuyo aparece como masculino, na figura do deus Pai Sol, sem qualquer referência a Mãe, de maneira similar ao cristianismo (OLIVEIRA, 2006, p. 98, grifo nosso).

Diante de tais considerações, como notou Haroldo de Campos (2001), o poeta deixou-se levar por tal impulso idealizador que atravessou o século XVIII, difundido principalmente pelo cronista Inca Garcilaso. Assim, Sousândrade exaltou valores sociopolíticos incaicos “D’essa glória ideal que faz saudades” (*O Guesa*, Canto XI, p. 299) na formulação de um projeto de república ideal: “[...] socialmente assistencialista e

¹¹⁴ A primeira paragem que fizeram neste vale [Cuzco], disse o Inca [Manco Capac], "foi na colina chamada Huanacauti, ao sul desta cidade. Ali tentou atirar a barra de ouro ao chão, mas afundou-se tão facilmente ao primeiro golpe que não a viram mais. Então o nosso Inca disse à sua irmã e esposa: "Neste vale o Nosso Pai, o Sol, manda-nos parar e fazer o nosso lugar e morada, para cumprir a sua vontade. Portanto, rainha e irmã, é conveniente que cada um de nós, por sua vez, convoque e atraia estas pessoas, para as ensinar e fazer o bem que o Nosso Pai, o Sol, nos manda. Do monte Huanacauti saíram os nossos primeiros reis, cada um na sua vez para convocar o povo [...]. O príncipe foi para o norte, e a princesa para o sul; a todos os homens e mulheres que encontraram naquelas charnecas falaram e disseram-lhes como o seu pai, o Sol, os tinha enviado do céu para serem mestres e benfeitores dos habitantes de toda aquela terra, tirando-os da vida feroz que tinham, e mostrando-lhes como viver como homens; E que, em cumprimento do que o Sol lhes ordenara o seu pai, os convocasse e os tirasse daquelas montanhas e vegetação rasteira, e os fizesse habitar em cidades populosas, e os desse a comer a comida dos homens, e não dos animais. Estas e outras coisas semelhantes, os nossos reis disseram aos primeiros selvagens que encontraram nestas terras e montanhas; que, vendo estas duas pessoas vestidas e adornadas com os ornamentos que o Nosso Pai Sol lhes tinha dado (um hábito muito diferente daquele que usavam), e as suas orelhas furadas, e tão abertas como os seus descendentes as têm, e que nas suas palavras e rostos mostraram que eram filhos do Sol, e que vinham aos homens para lhes dar aldeias para viver, e comida para comer, maravilharam-se, por um lado, com o que tinham visto, e por outro, com o que tinham visto; Maravilharam-se por um lado com o que viram, e por outro lado com as promessas que lhes fizeram, e deram-lhes plena credibilidade a tudo o que lhes disseram, e adoraram-nos e reverenciaram-nos como filhos do Sol, e obedeceram-lhes como reis; e os próprios selvagens chamando-se uns aos outros, e contando as maravilhas que tinham visto e ouvido, reuniram-se em grande número de homens e mulheres, e saíram com os nossos reis para os seguir para onde quer que os levassem.

justo¹¹⁵, moralmente integérrimo; em suma, de um Estado que já tendo educação política\ e pública opinião, trabalhava por uma efetiva busca por felicidade dos próprios cidadãos” (CUCCAGNA, 2004, p. 98)¹¹⁶. Tal concepção pode-se avistar no seguinte fragmento do Canto XI d’*O Guesa*:

*Não havia o homicídio, o engano, a fome, o roubo,
A perfidia, a prostituição, no imperio
Do Inca divino, justiceiro e probo.
(O Guesa, 1884, Canto XI, p. 304).*

Tendo em vista o que foi exposto ao longo deste capítulo, podemos extrair que existem pelo menos duas visões ou perspectivas apontadas pelos estudiosos sousandradinos em relação à defesa do poeta de um projeto de nação república. Antes, cabe ressaltar mais uma vez, com Ramon Ferreira (2015), que pouco se discute sobre *O Guesa*, e que os trabalhos produzidos até o momento, grande parte deles no campo das Letras, se resume ao estudo do fragmento *O Inferno de Wall Street*, e, portanto, secundariza outras partes dos 13 cantos e 13 mil versos que compõem a obra.

A primeira interpretação, que tem total relação com a segunda, é que Sousândrade embora alimentando e defendendo os ideais estadunidenses como uma república-espelho nas Américas, como fez *O Novo Mundo* ao longo dos seus nove anos de existência, acaba se frustrando com tais ideais, quando se depara com alguns episódios que repudiou n’*O*

¹¹⁵ Sobre a ideia de justiça, também se insere neste debate as concepções de Platão em *A República*. Platão foi um dos nomes de leituras do poeta maranhense, nas chamadas *memorabilia*, o escritor reporta a isso, além de referenciar o filósofo em versos n’*O Guesa*: “De Platão a República tanto ama” (*O Guesa*, 1884, Canto XI, p. 297) ... “Vem, ó Platão, fundar tua República” (*O Guesa*, 1884, Canto XI, p. 305). Sobre a ideia de justiça em Platão ver, Silva (2007); Bolzani Filho (2006); Santos Junior (2019), com relação ao lugar da utopia na obra platônica ver Colonnelli (2017).

¹¹⁶ Paralelamente, essa idealização incaica não ficou isenta de críticas, como pontou Cuccagna (2004, p. 194), “se por um lado o império incaico tinha-se tornado objeto da admiração sem limites de muitos, existia, por outro lado, um grupo de intelectuais que em virtude dos princípios liberal-democráticos que gradualmente se iam impondo, procurava mitigar essa tendência”, entre esses nomes cita-se um dos autores admirados pelo próprio Sousândrade, Alexander Humboldt, que embora não deixou de alevantar alguns aspectos positivos daquela civilização americana, não deixou de expor os pontos negativos do aspecto da grandeza sociopolítica do império Inca: “Les institutions politiques les plus compliquées que presente l’histoire de la Société humaine avoient étouffé le germe de la liberté individuelle; et le fondateur de l’empire du Cuzcu, em se flattant de pouvoir forcer le hommes à être heureux, les avoient réduits à l’état de simples machines” (As instituições políticas mais complicadas da história da sociedade humana tinham sufocado a semente da liberdade individual; e o fundador do império Cuzcu, lisonjeando a si próprio para poder forçar os homens a serem felizes, tinha-os reduzido ao estado de meras máquinas) (HUMBOLDT, 1816, p. 41-42 apud CUCCAGNA, 2004, p. 194-195), outro nome que se insere nesse âmbito é William Prescott (1970) que embora focalize a questão da luta da pobreza no governo inca, pontuou que: “se o melhor dos governos é o que menos se faz sentir, que estorva a natural liberdade do súdito só no que seja essencial à ordem civil, então de todos os governos imaginados pelo homem, o peruano tem o mínimo direito da nossa admiração” (PRESCOTT, 1970, p. 109 apud CUCCAGNA, 2004, p. 195).

Inferno de Wall Street. Como argumentamos, para os estudiosos essas passagens significaram o fim do “namoro” do poeta pelos mesmos ideais estadunidenses que vinha alimentando; com isso, o escritor buscará uma outra proposta de modelo de nação, uma nova proposta que se mostre mais eficiente e “perfeita”.

Daí tem-se a aproximação do poeta com as propostas de idealização do Império Inca como uma organização de sociedade ideal, pautada no igualitarismo, na justiça, e esse é o segundo ponto das interpretações de leituras de alguns estudiosos sousandradinos. Imbuído desse ideal incaico que atravessou o século XVIII difundido por cronistas como Garcilaso de La Vega, Sousândrade se apropria destes discursos e passará a alimentar essa utopia incaica como um modelo, um exemplo de uma sociedade dita “perfeita” justa, sem os episódios que ele relatou em *Wall Street*, o que talvez não seja bem assim: como apontaram os estudos mais recentes levados a cabo pela professora Alessandra Carneiro, o poeta não se desvinculou dos ideais estadunidenses, tampouco estabeleceu uma crítica e uma visão premonitória dos problemas do desenvolvimento capitalista. Assim, o atributo de precursor do Arielismo teria sido fruto de uma má interpretação de alguns estudiosos, que conceberam o fragmento do Canto X como uma síntese d’*O Guesa*. O fato de Sousândrade ter se colocado como um simpatizante da conhecida doutrina Monroe, ao declarar “somos de América”, e validar o ataque dos Estados Unidos contra a Espanha na guerra Hispano-americana em 1898, o coloca ao lado dos Estados Unidos e põe em xeque a interpretação de autores como Fernando Retamar (1971) e Jean Franco (1970), que o inseriram entre os críticos das instituições norte-americanas e como um dos nomes em defesa de Ariel.

Ademais, esse ideal de defesa de uma sociedade “perfeita” deve ser pensado com certa cautela. O poeta, embora louve os ideais incaicos, não deixou se tomar totalmente por tal concepção utópica, ele nunca se desligou de sua realidade, e talvez tenha se valido desse recurso para incrementar as críticas ao que avistara em *Wall Street*. Assim, procura corrigir os desvios que identificara, e defender a ideia de que um bom governo deve ser aquele que pratica a justiça, que beneficia sua população, premissas que talvez o tenham orientado no momento em que assumiu o cargo de intendente de uma São Luís que agora respirava ares republicanos.

Considerações finais

Se identificando como um americano-republicano, Sousândrade parece defender a ideia de que por sermos americanos também precisaríamos ser republicanos. De certa forma, há uma aproximação entre essa lógica do poeta e a seguinte frase exposta no Manifesto Republicano brasileiro, de 1870: “Somos da América e queremos ser americanos”. Ou seja, se a América estava destinada a ser republicana, com o Brasil não poderia ser diferente.

O sentimento de querer participar desse projeto de nação imbuíu pensadores que não se identificavam com o regime monárquico então em voga no Brasil. Como alguns desses republicanos, Sousândrade defendia a lógica de que o Brasil ainda não fazia parte “integralmente” do continente, em outras palavras: nós não pertencemos a América ainda pelo fato de compartilharmos sentimentos estranhos ao continente, por ainda sermos monarquia estamos distantes de sermos americanos, precisamos adentrar esse grande projeto de nação republicana, pois não bastava integrar-se geograficamente ao continente, mais que isso, era preciso integrá-la como nação republicana.

Ademais, na *Memorabilia* do *Guesa errante*, ao tratar sobre a literatura brasileira, Sousândrade não poupou críticas a um campo literário nacional que, em sua opinião, não passava de um conjunto de imitações de modelos de mestres do velho continente, estado a ser superado: “[...] deixemos os mestres da forma - se até os deuses passam! [...] Não é pelo velho mundo atrás que chegaremos à idade de ouro, que está adiante além. O bíblico e o ossiânico, o dórico e o jônico, o alemão e o luso-hispano, uns são repugnantes e outros, se o não são, modificam-se à natureza americana” (*O Guesa errante*, 1876, p. 5). O poeta defendia que a natureza americana deveria ser a fonte de inspiração para a produção intelectual no continente. Entretanto, não podemos esquecer que o próprio poeta bebeu nos clássicos.

Sousândrade utilizou-se tanto do sujeito indígena brasileiro recente de sua época, quanto dos primeiros povos americanos, incas, astecas e maias na construção de sua narrativa, aliás essa é uma das faces que o personagem Guesa ganha ao longo da obra. Ele não é apenas o muísca, ou o indígena brasileiro, ele é o inca, o asteca, ele é o próprio Sousândrade, ele é, portanto, uma coisa: o sujeito americano inserido no seu lugar de pertencimento, a América. o que pode ser notável ao pensarmos que Sousândrade, encarnado na figura Guesa, não apenas estendeu a estrada do Suna além do seu berço de nascimento, Maranhão e Brasil, mais indo em uma escala maior, continental-americano,

ou fora disso, se formos levar em consideração suas trilhas pelo continente europeu com alguma passagem pelo africano.

Ao longo d'*O Guesa* avistamos críticas por parte do autor ao regime de D. Pedro II, em algumas, há a associação do monarca a uma figura demoníaca que impedia o progresso da nação brasileira. O escritor associa-o ao *Fomogató*, o inimigo do Guesa, e ao mesmo tempo em que o poeta vai apontando isso, louva figuras republicanas, resgata ações dos grandes nomes dos processos emancipatórios das américas, que livraram o continente das ações colonizadores do velho mundo, e exalta um novo regime vigente no continente, a república.

Tais aspectos, como visto ao longo de nossas explanações, apontam ainda para o fato de que o maranhense pertenceu a um grupo de intelectuais que olhava para os Estados Unidos e suas instituições como exemplos para o Brasil, perspectiva esta que ganhou destaque após a Guerra de Secessão. O poeta pertenceu ao círculo de pensadores d'*O Novo Mundo* que defendia uma nova proposta de nação, um novo eixo para o Brasil. Críticos das instituições do regime monárquico, estes pensadores defendiam não apenas o fim do sistema escravista e da religião do Estado, como também da própria continuidade do sistema monárquico.

Dito isso, o nosso trabalho dialogou com um restrito grupo de pesquisadores que se lançaram no exercício de estudar o poeta e seus escritos, precisamente *O Guesa*, fruto de suas andanças por diferentes espaços. Ainda nesse âmbito, evidenciamos que ainda pouco se conhece sobre o poeta d'*O Guesa*, e esse pouco advém de uma escrita acadêmica muito recente e em grande parte no campo das Letras e dos Estudos Literários.

Por mais que Augusto e Haroldo de Campos tenham iniciado um processo de resgate da poesia de nosso personagem na década de 1960, Sousândrade ainda permanece na obscuridade, como um desconhecido entre os intelectuais de seu tempo. Outro ponto que cabe destacar é que muitos destes estudiosos dos campos das Letras, ao se debruçarem sobre *O Guesa* especificamente, acabaram focando seus horizontes no famoso *O Inferno de Wall Street* do Canto X, e a partir daí, estabeleceram uma interpretação superficial do conjunto mais amplo da obra.

Por mais que no Canto X Sousândrade estabeleça suas críticas a certas práticas econômicas, evidencia-se que não deixou de prestar sua exaltação e admiração pelo modelo sociopolítico estadunidense, e isso podemos tomar como exemplo não apenas em suas declarações em favor das intervenções dos Estados Unidos no continente, mas

também no momento de seu regresso a São Luís, quando assumiu o cargo de intendente da capital.

Naquele momento, em 1890, Sousândrade passou a se dedicar às melhorias da cidade. Na educação, fundou as primeiras escolas mistas públicas da história do Maranhão, além de medidas como: “proibição de funcionamento do comércio aos domingos, salvo alguns como padarias, projeto de uma exposição anual para promover a indústria e a agricultura do Estado, instalações das primeiras linhas de telefones da cidade” (WILLIAMS, 1976, p. 29). A inspiração para algumas dessas medidas parece advir de sua experiência nos Estados Unidos, relatada nas páginas d’*O Novo Mundo*, como nesse trecho: “[...]o estrangeiro, desembarcando em uma das cidades dos Estados Unidos pela manhã de um dia de domingo, acha as lojas e os armazéns fechados, nas fábricas tanto grandes ou pequenas, não se trabalha [...]” (*O Novo Mundo*, n. 94, out. 1878, p. 222).

O poeta se dedicou ainda a criação de ruas e praças em que atribuiu nomes como Tiradentes e Washington, algumas das principais figuras da luta pela liberdade no continente americano, de matriz republicana. Imbuído ainda desse clima republicano, coube ao poeta a atividade de criação da bandeira do estado do Maranhão, “[...] escolhendo cores que representasse as três raças principais na formação étnica maranhense (vermelho, preto e branco), num arranjo que muito lembrava o pavilhão norte-americano” (WILLIAMS, 1976, p. 12).

Os últimos dias do poeta foram marcados por uma vida solitária de sua família e pela atividade de professor de grego no liceu maranhense. Sousândrade faleceu na capital maranhense no dia 21 de abril de 1902 (*Diário do Maranhão*, n. 6, 21 abr. 1902, p. 3). Por coincidência, no mesmo dia e mês da morte de Tiradentes, figura tomada\proclamada pela República brasileira como herói e mártir, em processo tão bem explorado por José Murilo de Carvalho (1990).

O poeta nutria grande admiração pela figura do mártir, possuindo consigo, inclusive, um fragmento da madeira que seria da forca de Tiradentes, e que serviria como cabo de sua caneta. No dia 23 de abril de 1902, dois dias após a morte do poeta, *O Federalista*, jornal em que havia contribuído, inclusive com a publicação de seu último escrito d’*O Guesa*, observou que era muita “[...] coincidência falecer o poeta maranhense, o grande republicano, no mesmo dia, aniversário daquele em que ‘Tiradentes’, que então pugnava pela ideia republicana, fora enforcado [...] possuía ele -Sousândrade- uma lembrança como recordação do grande mártir [...] um pedaço de madeira da forca em que

foi supliciado Joaquim J. da Silva Xavier – madeira que servia de cabo de uma caneta com que Sousândrade escrevia” (O *Federalista*, n. 79, 23 abr. 1902, p. 2).

Sousândrade estava morto. Sua memória nasceria, timidamente, muitas décadas depois.

Referências

Impressos

Diário do Maranhão, n. 06, 21 abr. 1902, p. 3.

Diário do Maranhão, n. 1507, 17, ago. 1878, p. 2.

Jornal do Comércio, n. 49, 28, nov. 1965, p. 5

O Federalista, n. 79, 23 abr. 1902, p. 2.

O Globo, n. 36, 02 nov. 1858, p. 2 e 4.

O Globo, n. 64, 21 nov. 1889, p. 2.

O Globo, n. 70, 02 nov. 1889, p. 2.

O Globo, n.77, 06 dez. 1889, p. 2.

O Novo Mundo, n. 01, 24 out. 1870, p. 1, 2, 3 e 11.

O Novo Mundo, n. 01, 23 dez. 1870, p. 34.

O Novo Mundo, n. 02, 23 nov. 1870, p. 30.

O Novo Mundo, n. 04, 24 abr. 1871, p. 98.

O Novo Mundo, n. 09, 24 jun. 1871, p. 142.

O Novo Mundo, n. 13, 24 out. 1871, p. 2.

O Novo Mundo, n. 14, 24 nov. 1871, p. 25 e 31.

O Novo Mundo, n. 18, 23 mar. 1872, p. 102.

O Novo Mundo, n. 21, 24 jun. 1872, p. 162.

O Novo Mundo, n. 44, 23 mai. 1874, p. 143.

O Novo Mundo, n. 58, 23 jul. 1875, p. 238.

O Novo Mundo, n.64, jan. 1876, p. 74.

O Novo Mundo, n. 69, 24 jun. 1876, p. 187.

O Novo Mundo, n. 72, set. 1876, p. 267.

O Novo Mundo, n. 74, fev. 1877, p. 39.

O Novo Mundo, n. 107, nov. 1879, p. 251.

O Novo Mundo, n. 106, out. 1879, p.232.

Pacotilha, n. 18, 21 jan. 1898, p. 03.

Pacotilha, n. 19, 22 jan. 1898, p. 1.

Pacotilha, n. 20, 24 jan. 1898, p. 1.

Pacotilha, n. 135, 21, mai. 1890, p. 03.

Publicador Maranhense, n. 188, 18, ago. 1878, p. 2

Bibliografia

ABRANCHES, Dunshee de. *O cativoiro*. Rio de Janeiro: s. ed., 1941. p.121-122.

ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia: Inferno*. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro. 1ª ed. São Paulo: Editora LL Library, 2013.

ALMEIDA, Tito Franco de. *Francisco José Furtado*: Biographia e estudo de história

ALONSO, A. *Idéias em movimento*: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Flores, votos e balas*: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica*. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

ARRUDA, José Jobson de. *O Brasil no comércio colonial*. São Paulo: Ática, 1980.

ASCIUTT, Mônica M. Rinaldi. Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879). Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

AXELROD, Alan. *Gilded Age*: 1876-1912, overture to the American Century. New York: Union Square & Co., 2017.

BELLOTTO, Manoel L.; CORRÊA, Anna M. Carta da Jamaica In: _____. *Simón Bolívar*: Política. São Paulo, Editora Ática, 1983. p.74-90.

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai: história e historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org). *A guerra do Paraguai*: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p.11-26.

BISCARDI, Afrânio.; ROCHA, Frederico Almeida. O Mecenato Artístico de D. Pedro II e o Projeto Imperial. 19&20, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, mai. 2006. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/mecenato_dpdedro.htm. Acesso em: 25 fev. 2021.

BOEHRER, G. C. A. José Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo*, 1870-1879. *Journal of Inter-American Studies*. Miami, n. 1, 1967. p. 127-144.

BOLZANI FILHO, Roberto. Platão: verdade e justiça na cidade. Seis filósofos na sala de aula. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002430371> Acesso em: 21 jun. 2022.

BORRALHO, José Henrique de Paula. *A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2009.

BOTTMAN, Denise (Org. e Trad.). *Discursos de Lincoln*. Edição em Ebook. São Paulo, Companhia das Letras e Penguin, 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BRANCO, Camilo Castelo. Joaquim de Souza Andrade. In: _____. *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879. p. 139-141.

BURKE, Pedro. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *A Escola dos Annales*. São Paulo: UNESP, 1997.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. *ReVisão de Sousândrade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

CAMPOS, H. de. A peregrinação transamericana do Guesa de Sousândrade. *Revista USP*, [S. l.], n. 50, p. 221-231, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i50p221-231. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35286>. Acesso em: 20 mai. 2022.

CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*. Rio de Janeiro: O cruzeiro, v. 1, 1954.

CAMPOS, Gabriela. V. de. O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado *O Novo Mundo* (Nova Iorque, 1870 – 1879). Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CARDIM, E. Na minha seara. Rio de Janeiro: s. n., 1949.

CARNEIRO, Alessandra da Silva. Do tatu fúnebre ao lar-titú: implicações do indianismo no canto segundo do poema O Guesa, de Sousândrade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.8.2011.tde-27052011-160658. Acesso em: 19 mar. 2022.

_____. O Guesa em New York: republicanismo e americanismo em Sousândrade. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-29062016-114340. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29062016-114340/pt-br.php>. Acesso em: 04 fev. 2022.

CARNEIRO, A. S.; CAMILO, Vagner. A New York de Sousândrade e Walt Whitman. *Miscelânea*. Vol. 07, p. 99-110, São Paulo, jan-jun. 2010. ISSN 1984-2899.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CERNICCHIARO, A. C. O poema como exílio: Sousândrade-Guesa em “O inferno de Wall Street”. *Anuário de Literatura, [S. l.]*, v. 12, n. 12, p. 71-78, 2007. DOI: 10.5007/1980-4618.2007.12.12.71-78. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5441>. Acesso em: 19 mai. 2022.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas de escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAVES, Mariana Guimarães. O patronato imperial e o papel das artes na formulação dos projetos nacionais (1841-1889) [s.l.: s.n., s.d.]. p. 01-15 Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anaais/27/1370960473_ARQUIVO_opatronat_oimperialeopapeldasartesnaformulacaodosprojetosnacionais-revisao.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2022.

COLONNELLI, Marco Valério Classe. O lugar da utopia na república de platão: o mito da caverna. *Revista Graphos, [S. l.]*, v. 19, n. 3, p. 97, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1516-1536.2017v19n3.37747. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/37747>. Acesso em: 21 jun. 2022.

CORRÊA, Rossini. *A Atenas Brasileira: A Cultura Maranhense na Civilização Nacional*. Brasília: Thesaurus, 2001.

COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CUCCAGNA, Claudio. *A visão do ameríndio na obra de Sousândrade*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

CUNHA, Cilaine Alves; QUADROS, Jussara Menezes. Para uma edição crítica de O Guesa, de Sousândrade: Alguns princípios e problemas / For a critical edition of Sousândrade's O Guesa: Some Principles and Problems. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, [S.l.]*, v. 28, n. 4, p. 49-68, dez. 2019. ISSN 2358-9787. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15315>. Acesso em: 04 fev. 2022.

DARÍO, Rubén. El triunfo de Calibán. *Revista Iberoamericana*, v.64, n.184-185, p.451-455, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/7071813/Ruben_Dario_El_triunfo_de_Caliban_1898_Edicion_e_intro_Jauregui. Acesso em: 27 mai. 2022.

DOLHNIKOFF, Miriam. O fim da escravidão. In: _____. *História do Brasil Império*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 109-130.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história, seus problemas*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

DURAND, José Carlos. *Arte, Privilégio e Distinção*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

EISENBERG, Peter Louis. *A guerra civil americana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FARRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da idéia. *Topoi*, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 30-42.

FERNANDES, Cybele V. F. Os Caminhos da Arte: O ensino artístico na Academia Imperial das Belas Artes (1850-1890). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História Social, Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tânia (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: contexto, 2009. p. 61-91.

FERREIRA, Ramon Castellano. FUTURO, AO FUTURO ELE CORRIA: Sousândrade e o lugar reservado aos povos indígenas n'Guesa (1850-1890). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://vdocuments.com.br/futuro-ao-futuro-ele-corria-3-ficha-catalogografica-elaborada-pela-biblioteca.html> acesso em: 04 fev. 2022

_____. O lugar cativo de um guesa errante: o projeto republicano de sousândrade e a narrativa d'o guesa. *Revista Eletrônica Acadêmica/Faculdades Integradas Simonsen*. Vol.3, n.3. p. 93 – 115, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2015/11/9-Revista-Simonsen_N3-RamonCastellano.pdf Acesso em: 04 fev. 2022.

FIORUSSI, André. Sousândrade e os hispano-americanos: o americanismo do Guesa. *Quaderni di Thule. Rivista italiana di studi americanistici*. Perugia: Centro Studi Americanistici Circolo Amerindiano Onlus. 2014: p.507-512. Disponível em: <http://www.amerindiano.org/wp-content/plugins/pdfjs-viewer-shortcode/pdfjs/web/viewer.php?file=http://www.amerindiano.org/wp-content/uploads/2020/06/QuaderniThuleXIV.pdf&download=false&print=false&openfile=false> Acesso em: 02 maio 2022.

FREDRIGO, F. de S. ; SOARES, G. P. "Apropria-te de mim e refaz a independência sempre que preciso": a polissemia e a longevidade do culto bolivariano. *Revista USP*, [S. l.], v. 1, n. 130, p. 109-126, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.i130p109-126. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/191460>. Acesso em: 17 jun. 2022.

GAULD, C. A. José Carlos Rodrigues, o patriarca da imprensa carioca. *Revista de História*. São Paulo, n. 16, 1953. p. 427-438.

GONÇALVES, Vanessa da Cunha. "O Imperador poderia tornar-se segundo Washington si abdicasse da monarquia em prol do povo": O Novo Mundo e as relações entre Brasil e Estados Unidos na segunda metade do século XIX (1870-1879). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, oferecido pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

GROUSSAC, Paul. Discurso del sr. Groussac. In: SÁENZ PEÑA, R.; GROUSSAC, P.; TARNASSI, J. *España y Estados Unidos*. Buenos Aires: Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1898. p.31-56.

IZECKSOHN, Vitor. Independência e guerra. In: _____. *Estados Unidos: uma História*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 22-24.

JÚNIOR, Santos. A ideia de justiça na República de Platão. *Revista Seara Filosófica*, [S. l.], v. 0, n. 19, p. 01-11, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/view/16112>. Acesso em: 21 jun. 2022.

JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923): breves apontamentos teórico-metodológicos. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

_____. Um Novo Mundo para recomeçar: José Carlos Rodrigues e as várias faces de seu periódico ilustrado (1870-1879). *R. IHGB*, Rio de Janeiro, a. 180(480): 149-181, mai./ago. 2019.

JUNQUEIRA, Mary A. *Estados Unidos: a consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

KANELLOS, N. A brief history of Hispanic periodicals in the United States. In: _____. MARTELL, H. *Hispanic periodicals in the United States, origins to 1960: a brief history and comprehensive bibliography*. Houston: Arte Público Press, 2000. p. 3-136.

KELLI, M. V. Duas exposições, dois objetivos.: A participação do Império do Brasil nas exposições da Filadélfia (1876) e de Buenos Aires (1882). *Saeculum – Revista de História*, [S. l.], v. 25, n. 42, p. 105-120, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2020v25n42.50797. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/50797>. Acesso em: 21 jun. 2022.

LA VEGA, Inca Garcilaso de. *Comentarios Reales de los Incas*. Tomo 01, Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1609. Capítulo XVI. Disponível em: <http://shemer.mslib.huji.ac.il/lib/W/ebooks/001531300.pdf> Acesso em 17 mai. 2022.

_____. Miró Quesada, Aurelio (ed.). *Comentarios Reales*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1985. Vol 2 – Livro VI, Capítulo XXX. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/biblioteca/ayacucho/detalle.php?id_libro=1598 Acesso em 20 abr. 2022

LEÃO, M. Suplemento Literário, A Manhã, Ano IV, vol. VII, n. 12. 1944. p. 181-191.

LIENHARD, Martin. Los comienzos de la literatura latino-americana: monólogos y diálogos de conquistadores y conquistados. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Palabra, Literatura e Cultura*. Campinas: Memorial, v. 1, 19993. p.588-618.

LINK, Susannah J.; LINK, William A. *The Gilded Age and Progressive Era: A Documentary Reader*. [s.l.] Wiley Blackwell, 2012.

LOBO, Luiza. *Épica e modernidade em Sousândrade*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. *O Guesa Joaquim de Sousandrade (Sousândrade)*. São Luís, MA: Academia Maranhense de Letras, 2012.

MACHADO, Maria Helena. *O Plano e o Pânico: os movimentos sociais da década da Abolição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MAIA, Naira V.. A república brasileira no contexto do capitalismo internacional: a intervenção norte-americana na revolta da armada de 1893. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 8, n. 1, p. 47-62, 31 dez. 1982. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/30594>. Acesso em: 20 de mai. 2022.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Rui, o homem e o mito*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 161-162.

MARCELINO, J. H. Dom Pedro II nos Estados Unidos (1876) : Impressões do roteiro de um monarca viajante. *Epígrafe*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 247-272, 2021. DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p247-272. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/172256>. Acesso em: 21 jun. 2022.

MARQUES, Raúl Astolfo. Apuntes biobliográficos: Joaquim de Souzaandrade. A Revista do Norte. São Luís-Ma, n.42, 16 de mai. 1903, p.139-140.

MARTELL, H. Hispanic periodicals in the United States, origins to 1960: a brief history and comprehensive bibliography. Houston: Arte Público Press, 2000.

MATTOS, Hebe. *Das Cores do Silêncio: os significados da Liberdade no Sudeste Escravista – Brasil Século XIX*. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1995.

MEIRELES, Mário M. *História do Maranhão*. Rio de Janeiro: DASP, Serviços de Documentação, 1960.

MELO, Ricardo Abreu de. Abreu e Lima: um brasileiro entre os Libertadores da América. [s.l:s.n.]. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/ABREU-DE-MELO_SP02-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 19 mai. 2022.

MEUCCI, I. De Ariel a Caliban: identidade latino-americana em José Enrique Rodó e Roberto Fernández Retamar. *Leviathan* (São Paulo), [S. l.], n. 16, p. 1-25, 2022. DOI: 10.11606/issn.2237-4485.lev.2018.172970. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/leviathan/article/view/172970>. Acesso em: 27 mai. 2022.

MISKULIN, Sílvia Cezar. A Revolução cubana: conquistas e desafios na História das Américas. In: BARBOSA, Carlos Alberto (org.) S. *As Revoluções Contemporâneas Paradigmáticas*. Maringá: 2016. p.168-196.

MORAES, Jomar. *Apontamentos de Literatura Maranhense*. – 2. ed – Maranhão: SIOGE, 1977.

MORE, Thomas. *Utopia*. Prefácio: João Almino; Tradução: Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

NETO, Diana P. Ariel ou Caliban: qual é o símbolo da América Latina? *Contemporâneos*: revista de artes e humanidades. [S. l.], v. 01, n. 07, p. 01-14, nov-abril 2011. ISSN: 19823231. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n7/dossie/ariel-ou-caliban-simbolo-da-america-latina.pdf> Acesso em: 10 mai. 2022.

NUNES, Gabriel Carneiro. A Guerra Hispano-Americana em movimento: as narrativas imagéticas dos Estados Unidos durante a década de 1890. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525656600_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf. Acesso em: 02 jun. 2022.

NUÑEZ, Cesar Augusto López. A proposta estético-política em O guesa de Sousândrade e El pez de oro de Gamaliel Churata. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-AKYH73>. Acesso em: 14 mar. 2022.

OLIVEIRA, Antônio de. Mais uma Vez, Sousândrade. *Jornal do Commercio*, (Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1965 - 3º Caderno – Suplemento Dominical. Ano 139 – n 49. p. 5.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Por uma história do possível: o feminino e o sagrado nos discursos dos cronistas e na historiografia sobre o "Império" Inca. 2006. 231 f. Tese (Doutorado em História)-Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2321>. Acesso em: 10 mai. 2022.

PALMA, Ricardo. *Cachivaches*. Lima: imp. Torres Aguierre, 1900.

PEREIRA, Camila Mendonça. Abolição e Catolicismo: A Participação da Igreja Católica na Extinção da Escravidão no Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

PESAVENTO, Sandra J. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]. 1994, v. 2, n. 1, pp. 151-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-47141994000100011>>. Epub 18 Jun 2010. ISSN 1982-0267. Acesso em 21 de jun. 2022.

PINTO, J. P. Sousândrade e Martí: a América contra a 'America'. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 36, n. 1, p. 15–30, 2016. DOI: 10.20396/remate.v36i1.8646450. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8646450>. Acesso em: 15 mai. 2022.

PRADO, Maria Ligia.; PELLEGRINO, Gabriela. Campanhas de independência nos vice-reinos espanhóis. In: _____. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 25-41.

REBOUÇAS, André. *Diário e notas autobiográficas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

RÊGO, Josoaldo Lima. Espaço; modernidade e literatura: uma leitura de 'O Guesa', de Sousândrade. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-05112007-122043. Acesso em: 2022-04-01.

REINATO, Pedro Martins. “A própria forma do bárbaro domínio”: elementos da composição poética em O Guesa, de Sousândrade. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLVC), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

REIS, João.; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência escrava no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

RETAMAR, Fernández Roberto. *Caliban*. La Havna, Cuba: Edición Conmemorativa, Fondo editorial Casa de Las Américas, 2021. Disponível em: <http://www.casadelasamericas.org/publicaciones/Caliban2021.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RICUPERO, Bernardo. A Tempestade e a América. Lua Nova, São Paulo, n.93, p.11-31, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/XKtMhs5gN3BRhstxbx4m3gc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 29 mai. 2022.

ROCHA, Marília Librandi. Entrevista | Carlos Torres-Marchal. *Eutomia*, [S. l.], v. 1, n. 09, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/873>. Acesso em: 04 fev. 2022.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Trad. Denise Bottman. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

ROQUE, Carlos. *Grande enciclopédia da Amazônia*. Belém: Amazonia Editora Ltda. 1968, IV, 962.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. A abolição revisitada: entre continuidades e rupturas. *Revista de História*, [S. l.], n. 176, p. 01-11, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.139880. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/139880>. Acesso em: 27 abr. 2022.

_____. O papo Amarelo do Tucano: A cultura imperial. In _____. *Nostalgia Imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do segundo reinado*. Rio de Janeiro: ponteio, 2013. p. 79-108.

SANTIAGO, Clarindo. Souza Andrade, O solitário da “Vitória”. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 120, jun. 1932, p. 171-201.

SANTOS, Haniery Conceição dos. VIVA A REPÚBLICA: Os discursos republicanos nos jornais maranhenses 1889-1890. Monografia (Licenciatura Plena em História) - curso de História na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, São Luís, 2013.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Elza Miné da Rocha. Imprensa brasileira de oitocentos: identidades em confronto. In: FILIZOLA, A. et al (Org.). *Verdade, amor, razão, merecimento*: coisas do mundo e de quem nele anda. Curitiba: Editora da UFPR, 2005. p. 305-310.

SILVA, Rosemary Marinho da. A justiça na República de Platão. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

_____. O Novo Mundo 1870 – 1879, Da Enunciação da Proposta às Suas Revisitações. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

SOUSANDRADE, Joaquim de. *O Guesa*. Londres: Cook & Halsted, c. 1884?. Edição londrina completa, disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/619> Acesso em: 30 dez. 2021.

_____. Memorabilia In: _____. *Guesa errante*. Nova York, s. ed., 1876. p.3-7.

_____. *Liras perdidas*. In: WILLIAMS, Frederick; MORAES, Jomar. *Sousândrade*: inéditos. São Luís: D. de Cultura do Estado, 1970. p.21-78.

_____. *O Guesa, O Zac*”. In: WILLIAMS, Frederick; MORAES, Jomar. *Sousândrade*: inéditos. São Luís: D. de Cultura do Estado, 1970. p. 193-202.

_____. *O Guesa*. Introdução, organização, notas, glossário, fixação e atualização do texto da edição londrina, Luíza Lobo; Revisão técnica, Jomar Moraes. Rio de Janeiro: Ponteio; São Luís, MA: Academia Maranhense de Letras, 2012. p.

_____. *Harpas selvagens*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1857.

_____. *Obras poéticas*. Nova York, s. ed., 1874, v. 01.

SOUZA, Mauricio Severo. Catolicismo, protestantismo e a secularização da sociedade numa perspectiva comparada: brasil e estados unidos nas páginas d’*O Novo Mundo* (1870-1879). Tese (Doutorado em Religião, Sociedade e Cultura) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SOUZA, Tatiana; SOUZA, Sweder. Diálogos entre história e literatura. *[S. l.]*, v. XXI, n.3, p. 568-576, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf03/041.pdf. Acesso em: 24 fev. 2022.

SOUZA FILHO, Thomaz Oscar Marcondes de. Bernardo O'Higgins: o libertador do Chile. *Revista de História, [S. l.]*, v. 29, n. 60, p. 355-367, 1964. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1964.123157. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123157>. Acesso em: 17 mai. 2022.

TORRES-MARCHAL, Carlos. Sousândrade: poeta-astrônomo. *Eutomia: revista online de Literatura e Linguística*. Recife, v.1, n. 3, p. 7-29, julho de 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2318>. Acesso em: 20 marc. 2022.

_____. A lenda do Tatututema. *Eutomia: revista online de Literatura e Linguística*, Recife, v. 1, n. 4, p. 1-38, dezembro de 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2319>. Acesso em: 29 marc. 2022.

_____. Contribuições para uma biografia de Sousândrade. In: *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, Recife, v. 1, n. 5, p.1-20. jul. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2320>. Acesso em: 28 marc. 2022.

_____. Contribuições para uma biografia de Sousândrade II: As errâncias e os pousos do Guesa. *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, Recife, v. 1, n.11, p.5-30. jan/jun. 2013 Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/240>. Acesso em: 28 mar. 2022.

_____. Contribuições para uma biografia de Sousândrade III: As filhas do poeta. *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, Recife, v.1, n.13, p.5-31, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/585>. Acesso em: 10 marc. 2022.

VENÂNCIO, Renato P.; PRIORE, Mary Del. Emancipacionistas, abolicionistas e escravistas. In _____. *O livro de ouro da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p.249- 259.

VIANA, Godofredo. Carta aberta dirigida a Raimundo Lopes. In: LUZ, Joaquim Viera da. *Dunshee de Abranches e outras figuras*. Rio de Janeiro: Editora Jornal do Brasil, 1954. p. 251

WILLIAMS, Frederick G. *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís: Edições Sioge, 1976.

WILLIAMS, Frederick G.; MORAES, Jomar. *Sousândrade: inéditos*. São Luís: Departamento de Cultura do Estado, 1970.

_____. *Sousândrade: prosa*. São Luís: Sioge, 1978.